

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL**

**Prof. Daniel Bueno**

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO**



escola  
britânica de  
artes criativas  
& tecnologia

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO**



## **Introdução**

# Ilustração: Opinião

Nesse Módulo iremos conferir atenção especial à OPINIÃO, ao modo como ilustradores criam trabalhos para textos opinativos e também exprimem uma visão e postura pessoal nesses espaços. Sendo assim, iremos observar mais detalhadamente:

- a produção de ilustrações para textos opinativos de revistas e jornais.
- os variados modos como a opinião e postura do ilustrador podem ser comunicados e expressos graficamente na geração de idéias, na abordagem gráfica, nos subtextos.

# Ilustração: Opinião

A Ilustração Editorial é um gênero que valoriza a abordagem **PESSOAL** do ilustrador.

Isso pode se traduzir em ilustrações com **opiniões** específicas do ilustrador em seus trabalhos.

O ilustrador pode também sugerir – de modo amplo - sua visão de mundo e modo de enxergar as coisas na **exploração de abordagens gráficas**.

# Ilustração: Opinião

O modo de expressar uma opinião vai variar de acordo com:

- 1) As características do trabalho do ilustrador. Por exemplo, alguns são mais diretos, outros mais sutis. Alguns são mais aguerridos, outros mais ponderados e amistosos.
- 2) O contexto, o veículo, o texto:

- algumas publicações valorizam mais a voz do ilustrador e conferem maior liberdade para o profissional.
- Alguns textos estimulam mais posturas opinativas, outros trazem assuntos menos provocativos.

# Ilustração com opinião: subtexto

O ilustrador deve tentar **não ser redundante**, ou seja, deve evitar apenas repetir o texto sem acrescentar nada.

Mas “acrescentar” o quê?

Aí entra a **“opinião”**, o **lado pessoal**, uma visão própria das coisas do mundo e da arte, uma idéia inusitada, uma composição instigante, uma investigação gráfica específica do ilustrador, etc.

E também a capacidade de dar alguma **abertura pro leitor**, estimulando sua imaginação e interpretação de imagens.

# Ilustração com opinião: subtexto

Um modo de fazer isso - imagens com abertura de leitura - é gerar ilustrações que não se esgotam de imediato, na primeira olhada.

Além da informação que chega rapidamente, que está na superfície, a ilustração pode proporcionar “camadas de leituras”. À medida que o leitor olha e “viaja” pelo desenho, ele vai percebendo outras coisas, e tirando novas conclusões.

Nesses casos, a ilustração traz um certo mistério, nem tudo é totalmente conclusivo, e o leitor pode pensar em novas correlações, estabelecer conexões e analogias inesperadas.

Pois **subtexto** é isso: é o conteúdo que fica nas entrelinhas, implícito, não está anunciado explicitamente.

# Novela, a única invenção da TV brasileira

Vera Saavedra Durão

Dois dos maiores nomes da teledramaturgia brasileira — Dias Gomes e sua mulher Janeite Clair — não consideram o gênero um produto alienante, mas uma manifestação cultural e, também, política. Dependendo, evidentemente, de quem a faz e das condições de liberdade em que ela é realizada. Para eles, é falso que a novela tenha sido inventada com o objetivo de manipular o público. O efeito pode ser exatamente o contrário, como por exemplo, quando mostra o nível devedor do sulista ao mercâncio do Nordeste.

Ambos são unânimis em afirmar que se trata de "um novo gênero de arte popular" e que a telenovela teve um papel impulsionador no desenvolvimento da tevê nestes 30 anos de sua história, sendo "a única coisa que a televisão brasileira inventou com as características de um produto de televisão, com uma linguagem própria para a tevê".

Dias Gomes, teatrólogo e escritor, já recebeu muitas críticas por haver se tornado, nos últimos dez anos, um autor de novelas. Este tipo de julgamento ele considera "uma atitude burra, retrógrada e reacionária", preconceito de "pseudo-intelectual". No seu entender, "o verdadeiro intelectual deve ser sensível ao novo. E a televisão é o novo, ela faz parte do nosso tempo".

Para ele, é bobagem dizer que a novela "surgiu com o objetivo de alienar, pois não é aliena, nem desalinha ninguém. Depende da novela. O gênero em si não tem nada a ver. A novela tanto pode servir alienando quanto conscientizando". Janet Clair, autora de novelas para rádio e tevê desde o inicio da década de 60, não hesita em falar das "desadaptações" que lhe falam de produzir "nossas alienantes". Janete tem opinião própria a respeito do assunto e confessa que não gosta de política.

"Acho que o público também precisa sonhar um pouco. Por que só política? E chata política, não gosto de política, não sou politica. Eu gosto de sonhar, de fantasiar, de viver, de andar com a cara cheia de histórias que o público gosta de ouvir". Janete Clair reage contra seus críticos ob-

Kleber Mendonça Filho

se desenvolver aqui como um fenômeno da televisão brasileira".

servando que "sou alienante até certo ponto, pois na medida em que faço muito notória e coloco nela o cotidiano de uma história, estou fazendo política. Porque tudo hoje é política". Você falar da filosofia é política?

**UM PRODUTO SOFISTICADO**

Dias Gomes, que no momento está disposto a abandonar a televi<sup>n</sup>o para voltar à literatura, resumiu assim, desde o inicio, a história de envolvimento desse autor com a mídia massiva:

Segundo ele, da mesma forma que se adaptou ao rádio, ao teatro e ao cinema, o genro originário do folhelhão literário se adaptou à tevê. Entre tanto, no Brasil, conforme destaca, "a novela evoluiu para um produto mais sofisticado, culturalmente mais pretensioso, embora ainda se possa divulgar arte, cultura, conhecimento, como também um veículo de criação". Especifica de uma nova maneira de expressão popular. Um novo gênero de arte popular, vamos dizer. Este é o papel da novela na TV, que também empurrou o seu setor mais criativo para a pesquisa de uma linguagem própria para a televisão. Além disto, ela impulsionou também o desenvolvimento da parte técnica da TV, com as externas exigindo a aquisição pelas emissoras de material mais afilado".

acusação de superficialidade e outras más qualidades. A televisão é um produto imediatamente novo, pois em outros países elas conservaram sua forma original folhetinesca e melodramática".

Com base neste raciocínio, acho que "a televisão brasileira inventou com características de seu próprio tipo de televisão. Isto, por conseguinte, não significa que a televisão está adaptando velhos programas da rádio e, também, tirando alguma coisa do teatro ou veiculando cinema e matando o teatro de revistas a transformá-lo para a própria



se desenvolver aqui como um fenômeno da televisão brasileira".

O escritor avalia que o papel desempenhado pela novela na televisão "foi um papel de arregimentar grandes massas para a tevê, pois ela é a porta de entrada do maior gênero popular e de maior comunicação popular, tornando-se um grande veículo. Não só um veículo de divulgação, pois através dela se divulga arte, cultura, conhecimento, como também num veículo de criação. Especificamente, é o gênero de arte mais popular. Um novo gênero de arte popular, vamos dizer. Este é o papel da novela na TV, que também empurrou o seu autor, mas criativo para a pesquisa de uma linguagem própria para a televisão. Além disso, a novela é o maior veículo de扩散 do saber, da ciência da TV, como os extensos artigos da aquela rádio televisão.

externas exigindo a aquisição pelas emissoras de material mais ágil".

Dias Gomes conta que "a novela comecou na televisão como uma cópia das novelas de rádio. Era levada, no inicio, três vezes por semana e ate 64/65 não tinha um grande apelo. Muitas pessoas achavam que a novela não ia pegar na tevê. Eu mesmo participava dessa opinião. Para mim, a novela não negaria na

Indo. Para mim, a novela não pegaria na tevê como pegou no rádio, porque eu achava que ela era um produto dirigido à dona de casa, que ouvia rádio mas não podia largar seu trabalho para ver tele-

movimento inovador do qual participaram autores, diretores, partindo da TV Globo e que resultou numa transformação do gênero folhetinesco, melodramático e estrangeiro numa novela ligada à realidade brasileira. "Não fui eu quem transformei a novela", explica Dias Gomes, "foram várias pessoas e vários fatores. A novela que a Janete faz hoje não tem nada a ver com o 'O Direito de Nascer'".

**ACENSURA  
DE ORELHA EM PÉ**

Tanto Janete Clair como Dias Gomes, acreditam que a continuação da "abertura política" pode abrir um novo campo para a novela, a partir da discussão de temas considerados tabus. O teatrólogo, porém, considera que "a abertura ainda é muito pequena para a televisão, uma frestinha". A televisão, conforme afirma, "ainda é muito censurada e acredito que vá ser sempre pelo seu alto poder de comunicação de massas".

Mas mesmo esta pequena abertura poderá ser benéfica para a novela, no entender de Dias Gomes, "porque ela se desenvolveu debaixo de uma censura muito rigorosa, talvez mais ainda do que o jornalismo".

O escritor revela que "durante os tempos mais rigorosos da censura, temas que podiam ser abordados pelo jornalismo não podiam sair das páginas de vez em quando, e se mudava o nome — novela — para outro nome, porque quando se falava em novela a censura ficava toda ourpicada, mais rigorosa. 'Talvez seja o problema do nome', me disse a censora numa de minhas idas a Brasília, 'novela é uma coisa que já deixa a censura de orelha em pe'. Neste tempo, tive muitas dificuldades, muitas vezes fui à Capital Federal discutir com a própria censura, e eram discussões kafkianas que

nunca cheguei a entender.  
"Aliás, nunca entendi a censura e nem ela a mim. Seus critérios sempre foram de um ditatorial total. Era difícil escrever dentro das suas normas, pois elas não existiam, mesmo que eu quisesse. Na verdade eu nunca quis, porque o problema da censura é censurar e o meu é escrever. Eles que cortem como sempre cortaram, é o trabalho deles, pouco inglório, mas é o

Mesmo que os tempos agora sejam outros, distantes do inicio da década de 70, Dias Gomes confessa que não ocorreram grandes mudanças no relacionamento entre a censura e o cinema. "Continua a haver censura, só que a censura é mais suave. Ainda você não pode escrever o que quer. Os problemas continuam ai, os scripts continuam a ser lidos, os tapes continuam a ser liberados na véspera de irem para o ar. Portanto a censura continua. Você não pode desafiar a responsabilidade que faz para que a editora venha a possuir enquadrar você. Existe um código censório. A censura a priori existe, por isso eu acho que continua havendo um poder editorial que é muito maior, muito mais rigoroso do que a impressão, muito mais rigoroso do que no cinema ou na televisão".

Apesar disto, Dias Gomes não descreve o poder de conscientização e informação da novela, um gênero que pretende abandonar no momento por já ter encerrado seu "círculo criativo". Para o escritor, "por mais censurada que ela seja, a novela passa informações. Hoje em dia, o caboclo do interior do Amazonas sabe como vive o Rio de Janeiro, sabe como os paulistas vivem, como as pessoas do Sul vivem, seu nível de informação é grande, o que possuem e tudo isto conscientiza. Antigamente ele não podia estabelecer um paralelo entre a sua vida, seu desconforto pessoal e o conforto das grandes cidades. Isto não lhe dava uma consciência.

Vamos observar essa ilustração de **Rubem Grilo** pro Folhetim de 1980.

Num primeiro momento vemos com clareza dois telespectadores e uma TV, elementos que estabelecem conexão entre o texto e a imagem.

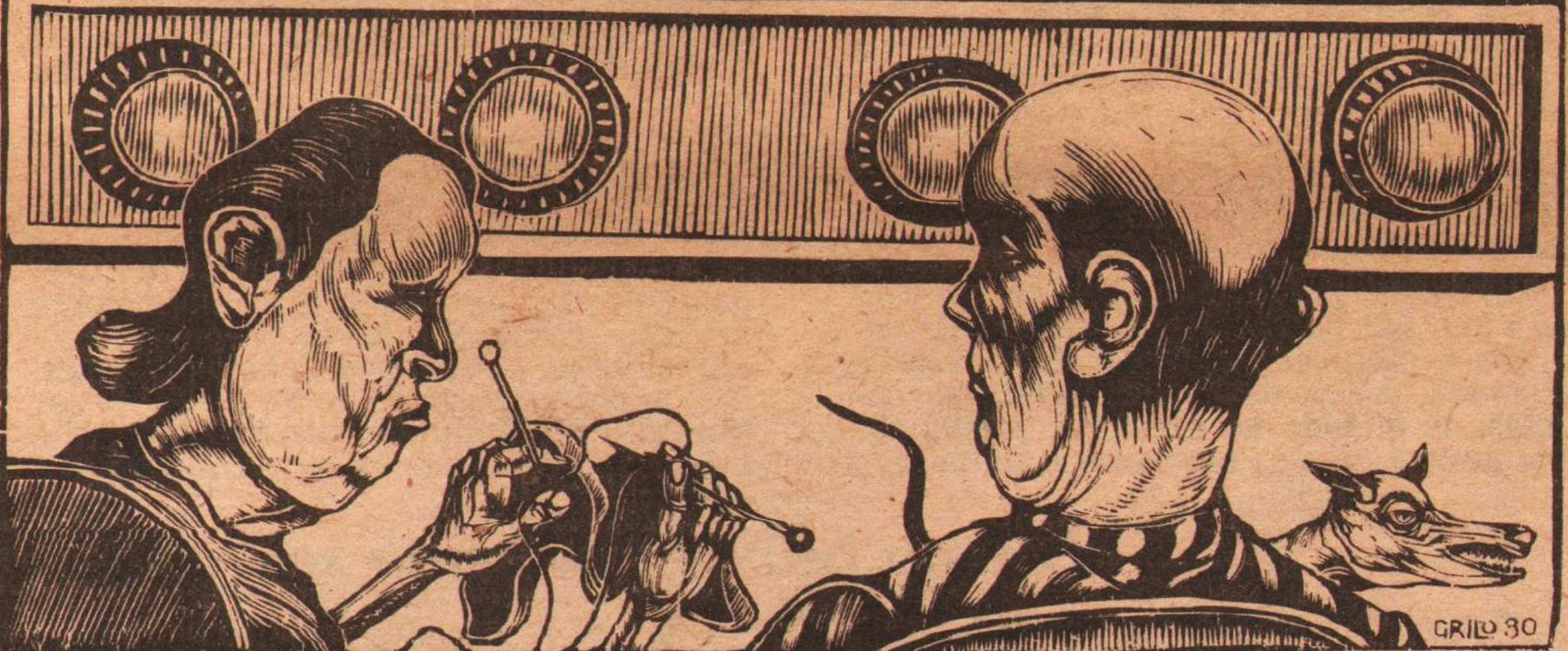
A primeira impressão traz um tom melancólico e bizarro, adequado ao texto

Os elementos gráficos têm capacidade pra instigar o observador e atiçar sua curiosidade.



O leitor interessado, “capturado” pela qualidade da ilustração, passa então a olhar todos os elementos da imagem com maior curiosidade e atenção.

De imediato percebemos uma composição interessante, que divide a ilustração em dois campos retangulares: dentro da TV / fora da TV.



O olhar cansado e a postura dos personagens enfatizam o tom que o ilustrador quer conferir à ilustração. E contribui para reforçar um contexto, o da família brasileira acomodada em frente a TV - esta de tamanho bastante grande (reparem no tamanho dos botões) e situada oportunamente sobre a cabeça deles na composição. Rubem Grilo não apenas “descreve” a cena, de modo esquemático e óbvio: cada detalhe dessa xilo traz inventividade nas formas e grafismos. Como podemos ver no rosto expressivo do cão, por exemplo.



Dentro da TV surgem imagens desconexas e imprecisas, e cada leitor pode fazer uma “viagem particular” procurando interpretar o que aparece.

Vemos, por exemplo, elementos que remetem à Carmen Miranda – representativo do Brasil.

Outros sugerem agressividade, violência. Nada de modo muito óbvio e literal; e tudo sendo explorado graficamente com originalidade.

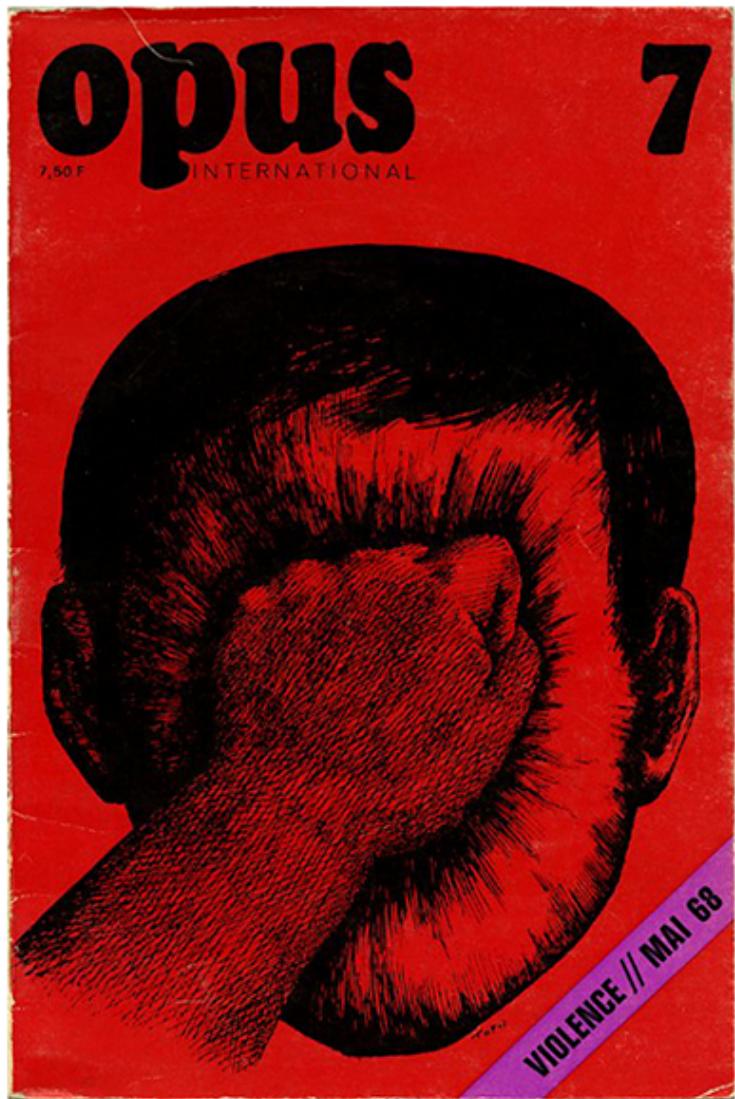
Reparam nos grafismos no rosto da figura feminina; ou na deformação da arma. E assim por diante.



Xilogravura de Grilo

Quando voltamos para a imagem geral, como um todo, fica reforçado o contraste entre o plano dinâmico do que está dentro da TV e a morosidade e melancolia da “vida real” fora da TV.

Essa foi minha leitura.  
E a sua, qual é?



Em certos casos o que predomina é o impacto imediato da ilustração.

Nessa capa de Torpor para a revista francesa Opus, de 1968, a violência do tema é traduzido num desenho coeso, direto, expressivo, provocativo, pouco convencional.

Ao contrário de outras ilustrações, essa não traz detalhes secundários para que o leitor fique “viajando”, percorrendo o olhar por elementos variados. Mas o absurdo da situação e o resultado gráfico do desenho tornam a imagem instigante, nada redundante.

No mais, há um certo “mistério” e abertura para que o leitor fique envolvido, observando o trabalho, admirando, refletindo, tendo pensamentos e interpretações.

# **Ilustração com opinião: o “estilo”**

Como já dissemos, quando o assunto é Ilustração Editorial logo pensamos em opinião e postura pessoal.

As abordagens gráficas do ilustrador acabam tendo um papel importante nessa questão, pois conferem identidade e toque pessoal ao seu trabalho.

São suas escolhas, seus interesses estéticos e gráficos ajudando a compor sua personalidade.

Mas como isso acontece?

O iniciante deve sair desenhando desesperado tentando encontrar um estilo?

O ilustrador deve ter “um estilo”?

# Ilustração com opinião: o “estilo”

Ao longo de sua carreira, o ilustrador acaba tendo um **vocabulário gráfico**, que envolve um **modo de fazer** e suas **preferências visuais**.

Alguns ilustradores optam por ter um leque maior de opções, outros gostam de fechar e delimitar mais.

O importante, qualquer que seja o caso no contexto da Ilustração Editorial, é não se perder demais.

É importante ter algum critério pra fazer escolhas. Com o tempo, isso gera personalidade.

Mesmo quando há variedade, é importante que o ilustrador olhe pro conjunto de seu trabalho e sinta algum tipo e grau de conexão entre as ilustrações.

# **Ilustração com opinião: o “estilo”**

O ilustrador não precisa necessariamente ter “um estilo”. Se ele fechar muito suas escolhas, existe o risco de ficar repetitivo e preso a um tipo de solução.

Um modo de criar é ter ideias e soluções gráficas a partir do texto. Ou seja, o ilustrador não começa a desenvolver a ilustração com uma solução gráfica demarcada a priori – ele ainda verá o que funciona melhor para aquela ocasião.

Esse tipo de postura criativa leva o ilustrador para desafios, e alto grau de surpresas e acasos no processo criativo.

# **Ilustração com opinião: o “estilo”**

Existem os ilustradores que preferem “fechar mais” suas abordagens, delimitando preferências técnicas e soluções formais.

Quando o profissional fica conhecido por um “estilo”, a tendência é o cliente pedir ilustrações já pensando na adequação dessa abordagem pessoal ao texto e veículo.

Mesmo com um estilo definido, esse ilustrador pode trabalhar com alguma maleabilidade, deixando alguns aspectos de sua abordagem gráfica mais infantis num livro infantil, mais conceituais numa ilustração para revistas intelectualizadas, etc.

Ele também pode ir, ao longo do tempo e aos poucos, trabalhando sua abordagem, atento aos detalhes, fazendo ajustes, depurando soluções, etc.

# **Ilustração com opinião: o “estilo”**

Não é preciso ter pressa. O vocabulário gráfico de um ilustrador é construído com o tempo, ao longo de sua carreira.

Não existe “um jeito certo” de fazer ilustração. O objetivo desse curso é permitir que cada um encontre seu caminho. O leque de possibilidades é muito grande.

# **Ilustração com opinião: o “estilo”**

Seguem abaixo algumas dicas para o ilustrador que quer ter um trabalho original:

- 1) Misturar estilos: para isso, é preciso ter olhar atento, ter referências e bom repertório gráfico.
- 2) Ter espírito exploratório, gostar de investigar: perder um pouco o medo de errar e usar conteúdos do texto e briefing como inspiração para experimentar algo novo em termos de ideias, materiais, abordagens gráficas.
- 3) Não se acomodar em simplesmente repetir o que já existe. Buscar alguma provocação, contrariar convenções e modismos.
- 4) Refletir sobre você mesmo, o que realmente gosta, o que faz a diferença, o que tem a ver com sua personalidade e modo de enxergar o mundo.

## **Exemplo 1: Rubem Grilo**

Vamos observar um ilustrador que apresenta abordagem marcante, pautada por um desenho expressionista e essencialmente produzida na técnica de xilogravura.

Atentemos para a permanente criatividade formal dentro de seu definido vocabulário gráfico e também a mudanças efetuadas ao longo do tempo.





o da população pobre. O que aí aí a questão um pouco mais complicada. O desejo de democracia racial tem que ser um racionalizado por essa consciência, de que os valores insuflados por uma élite dominante vêm por penetrar em todos os níveis da sociedade, e penetram, para ver, até poderosamente.

O 14 de maio, um dia  
imenso de 90 anos

**ESMERALDO TARQUÍNIO** — ou Bóris, o Clóvis Moura e os outros, que me pegaram na mão, não nos criaram para viver no anverso, um trabalho artigo na que pretendem dar a elucidação da raça brasileira, como se a chamassem de negra. Agora que o Brasil está em crise, desde o indio, passando pelo europeu e o português-negro, um europeu de outras gens, mais interessado em saber que é que o Gilberto esteira está tentando incutir na gente de que há uma morenidade, lo há sempre necessidade, portanto, de falar de negros, de negras, porque hoje há uma morenade no Brasil. Essa morenade me calou, me tangei, me emocionou, me fez sentir morenidade? Será que o Gilberto eyre esqueceu das coisas que escreveu e que culminaram na sua "Grande e Sempre"?

A gente sente, realmente, um esforço oficial de destruir quaisquer diferenças pelo menos no nível e para exportação. A

alidade existente é a de que nos encontramos numa discriminação social, sem dúvida muito intelectualizada, que conseguiu se estabelecer ao longo da história, da qual o auge do anglo-saxão, os Estados Unidos, é mesmo marginalização, até mesmo genocídio. A gente não pode deixar de pensar no negro que se suicidou aqui e ali em sua comunidade, para fazer com que digam: "Nós vemos é negro". Você é preto, é de cor, é de pele, é assim que você veio ouvindo desde encontro no grupo escolar. Houve, aliás, uma época em que se achava que era impossível outras reclusões. Eu estudei no Grupo Escolar Eduardo Prado, no Brasil, durante a guerra da África, a guerra da África, quando eu era menino. E que delícia! Vocês não sabem o quanto é ser negro num ambiente totalmente italiano! Havia agradável, agradável, agradável!

uns portugueses, mas a grande massa, em 1935, no Brás, era italiana. E ali então eu senti as primeiras barreiras. Fui salvo por uma professora, dona Maria Paredes Malvi, uma mulher que me deu valor quando eu tinha

Quando Rui Barbosa mandou queimar os arquivos das alfângicas de me deu valor quando eu tinha vinte anos.

ES  
no cap  
que a  
qualqu  
bém n  
havia  
guerre  
cados.  
Soviéti

ninguem mais falar do dia 14 de maio em que nós vivemos até hoje. O dia 14 de maio, o dia seguinte, dia seguinte está aí. E um dia mesmo, um dia de cada vez, em que todos sentem que há realmente uma marginalização.

E essa marginalização do negro existe até nas Forças Armadas. E preciso que a gente tenha a honestidade de dizer: há discriminação nas Forças Armadas, como é a discriminação nas escolas, nos empregos — principalmente no comércio — a questão da boa aparência, que o Joel colocou.

**Com amigos israelitas, unidos pela segregação**

JOEL — Tarquínio, um militante no Eu me lembro que alguns anos atrás você me chamou a atenção para o regulamento de ingresso nas escolas militares que exige que o candidato não tenha bunda empinada.

TARQUÍNIO — Quando fiz a ob-

**Alphonso** — Vamos retomar a questão do mito da de-  
cência racial, que é o fato de  
que a não é somente uma ideia,  
mas uma espécie de pensamento mais

menos ingênuo, dominante, etc., mas, que ela teve no entanto tentado ter no Brasil, certa conotação científica? Por um lado a ideia da raciação racial, e por outro a tentativa de negar a existência

colonização cultural. Para o pú-  
ego americano é bonito,  
o negro brasileiro é feio.”



se dilui. E também tentar des-  
cobrir as nossas raízes é importan-  
te, mas não ficar preocupado  
em definir quem é o negro, quem é o  
brasileiro. Se é o moreno, se é o  
sujeito com cara de índio ou com  
cara de branco, entende? Porque  
o importante é que o negro  
pode ser vários e não um único,  
ano normalmente nos é imposto.  
Agora, eu queria regis-  
trar que essas falhas passam  
ultimo, também, porque  
não é só a questão da raça  
que é problema. A questão  
é que a raça é problema. E  
ela é problema porque é  
uma questão de nívelamento  
geral, me parece que  
se essa falsamente é que  
é a questão que é o de justa-  
mente reconhecer as diferen-  
ças, não é? O de permitir aos  
grupos de se estruturarem  
e de se modelarem, de reverem  
justamente sua identidade  
ética.

Em nome de que esse modelo  
de homogeneidade é que o Faus-  
to, aquela, seria um modelo? E

**TIZUKA YAMASAKI** — Não tem nada a ver não.  
**ESMERALDO** — Depois dos negócios (risos).

## **Emancipação dos Índios e branqueamento**

**MANUELA CARNEIRO DA CUNHA** — Eu queria retornar um pouquinho a questão que o Clóvis Moura levantou, quando falou que se está expropriando o negro da sua identidade. Me parece que se deveria questionar o próprio com-

celito dessa democracia racial. O que é que vem a ser uma verdadeira democracia racial? Nesse ponto eu pergunto ao Joel, essa colocação no Brasil não traz à tona uma certa ambiguidade? Esse discurso de democracia racial que você Tizuka anotou me parece

que está muito próxima a uma idéia de que a democracia seria uma nívelação geral, de uma igualdade suposta, e que supõe, por sua vez, que todos participem de um modelo único. Me parece que era isso que você estava apon-

TIZUKA — Eu acho que não deveria haver um modelo único. De repente podem existir vários modelos.

MANUELA — Exatamente. Eu acho que colocando essa demo-

tando agora, não?

uma lógica do capitalismo, por exemplo, de repente, a gente vai pensar que com o socialismo se diluem esses problemas, essas diferenças, essas desigualdades.

Com relação à questão do mulato eu acho que é também

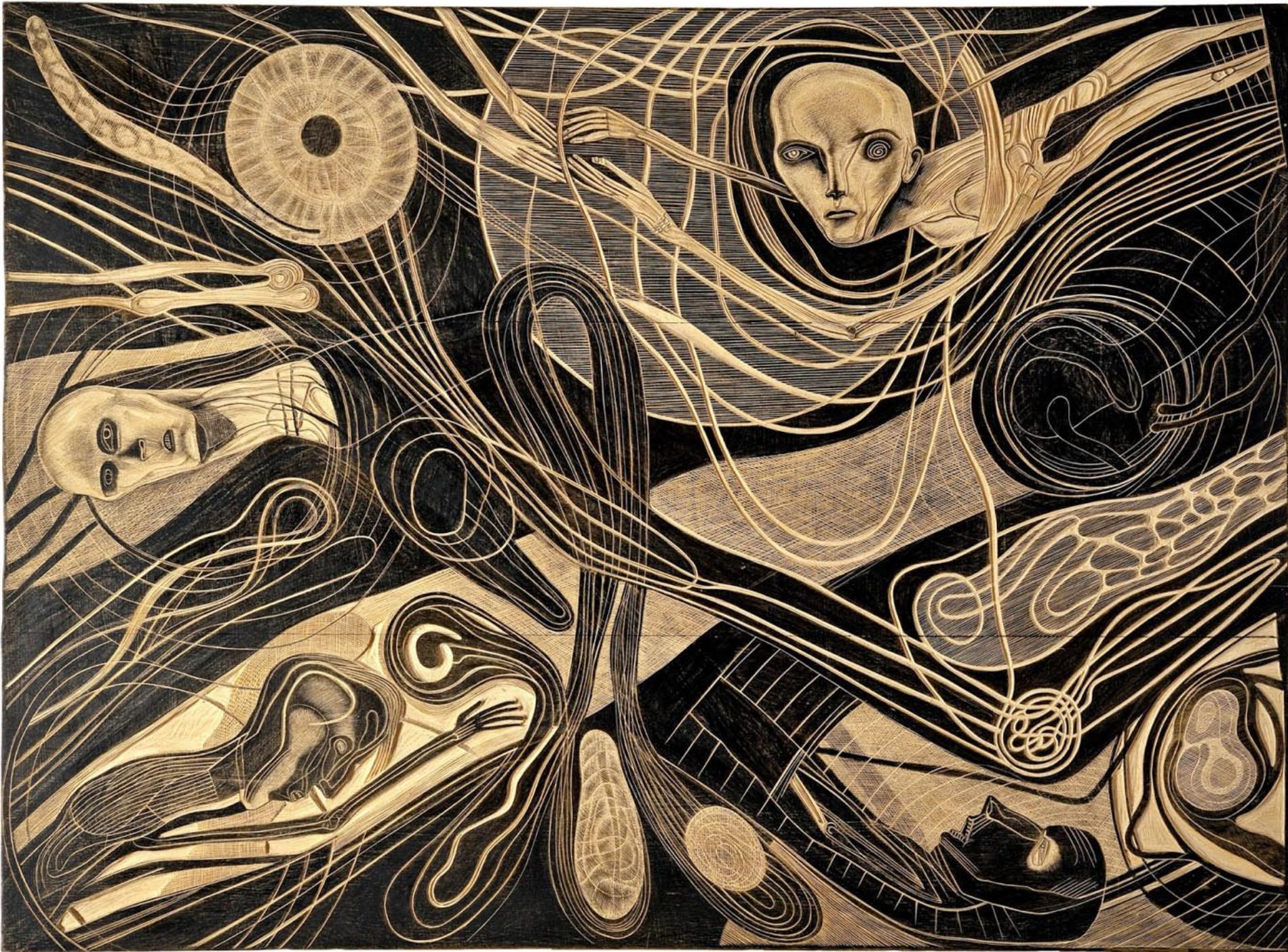
Rubem Grilo,  
ilustração de  
1980 publicada  
no caderno  
Folhetim, jornal  
Folha de S. Paulo.



Rubem Grilo,  
ilustração de  
1984 publicada  
no livro "Grilo",  
Círculo Editorial.



Rubem Grilo,  
ilustração de  
1984 publicada  
no livro "Grilo",  
Circo Editorial.



Rubem Grilo,  
matriz da  
gravura  
“Subterrâneos”,  
2010.

Publicada no  
catálogo  
“Rubem Grilo –  
Xilográfico  
1985-2010”,  
CAIXA Cultural  
São Paulo.

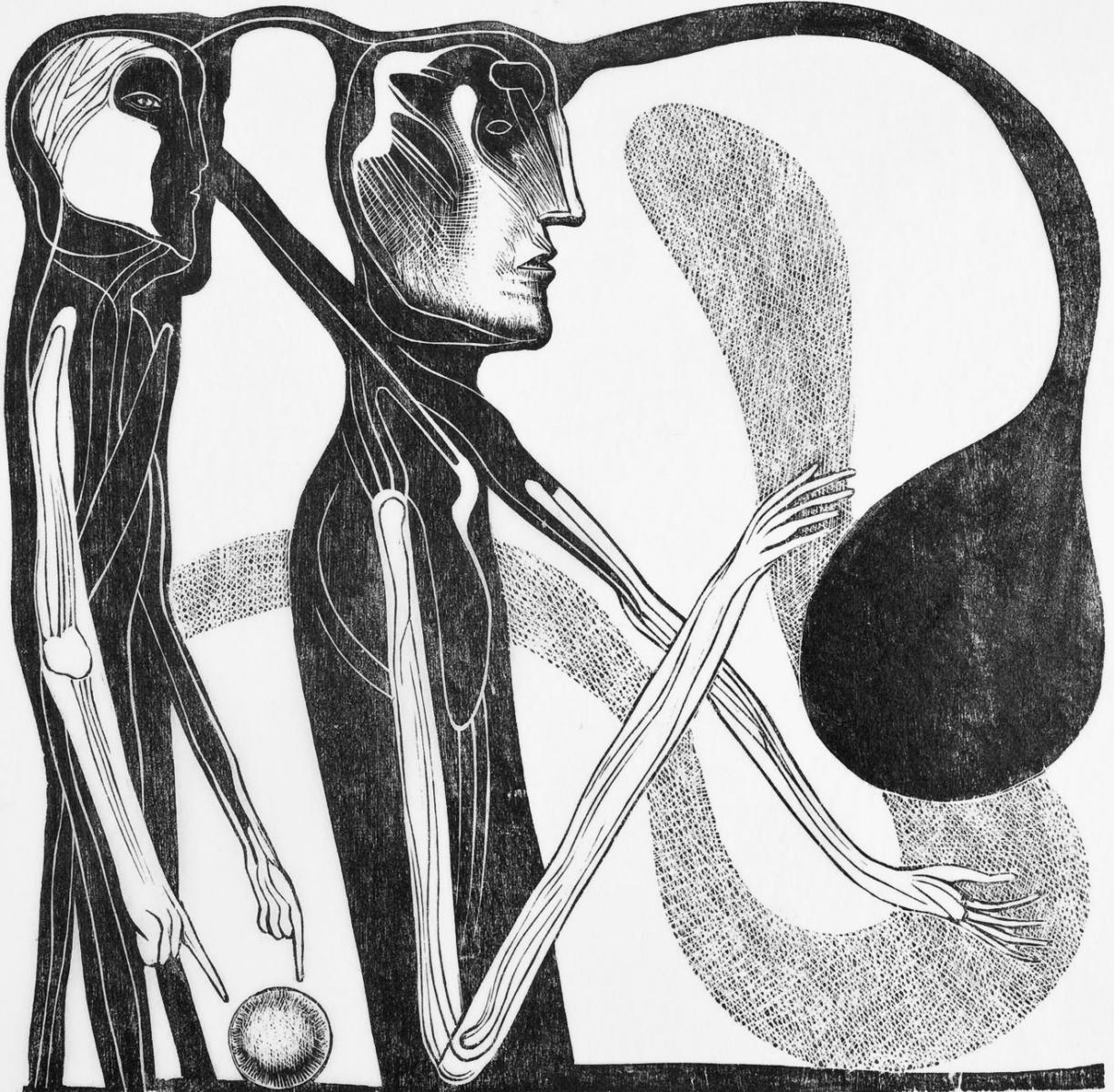


21/100

BAD BOY

Grilo, 1998

Rubem Grilo,  
"Bad Boy",  
1998.



21/100

BICÉPHALO

grilo, 2006



Rubem Grilo: ao lado, xilogravura "Bicéphalo", 2006. Acima, capa do jornal Opinião, 1974.

## **Exemplo 2: Saul Steinberg**

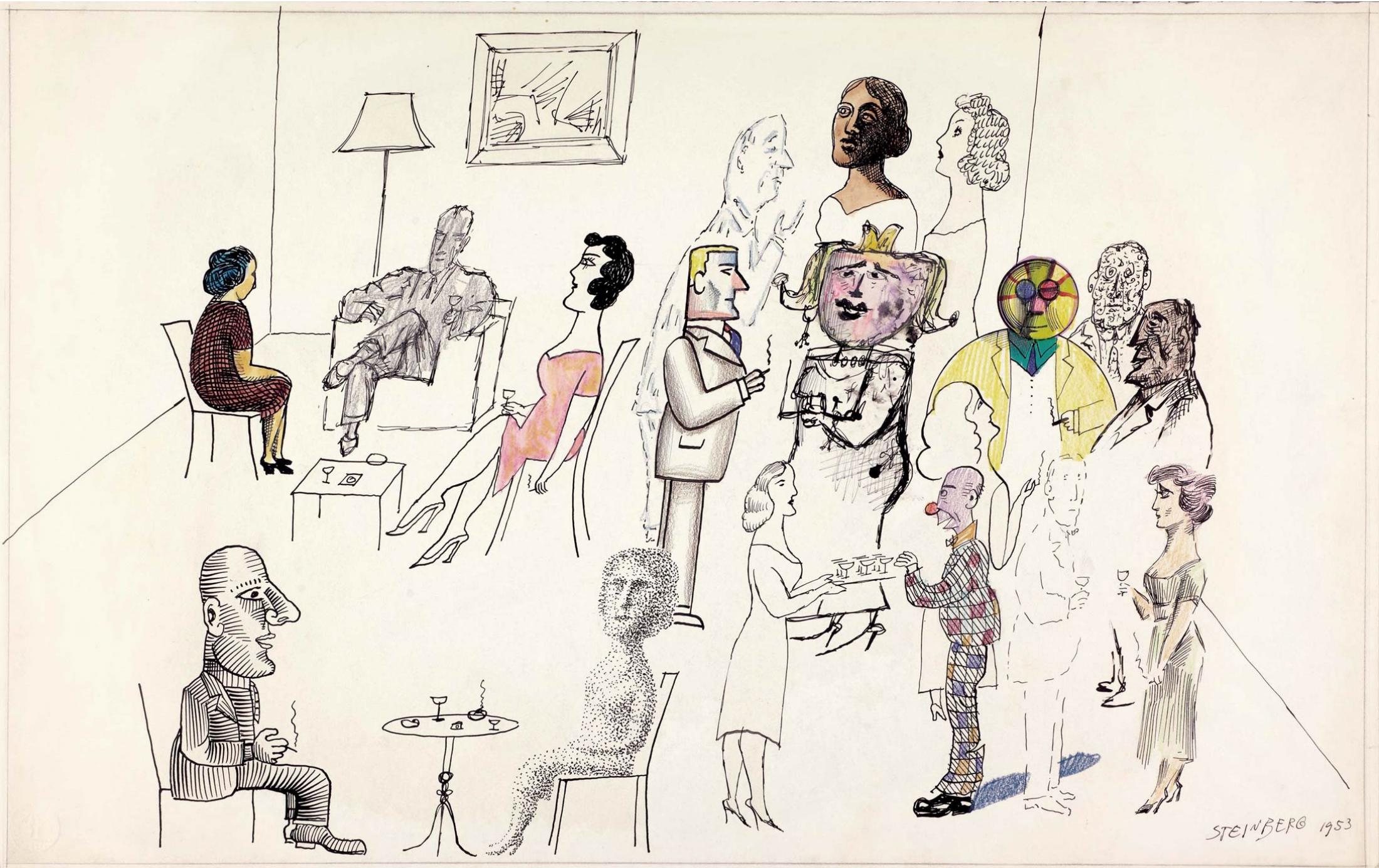
Vamos observar um ilustrador que apresenta grande coerência em seu trabalho, mas com uma variedade de abordagens e técnicas muito grande ao longo de sua carreira.

Reparam como, mesmo diante dessa diversidade, ele consegue ter personalidade e uma postura forte diante das coisas.

Batemos os olhos e identificamos: “é um Saul Steinberg!”

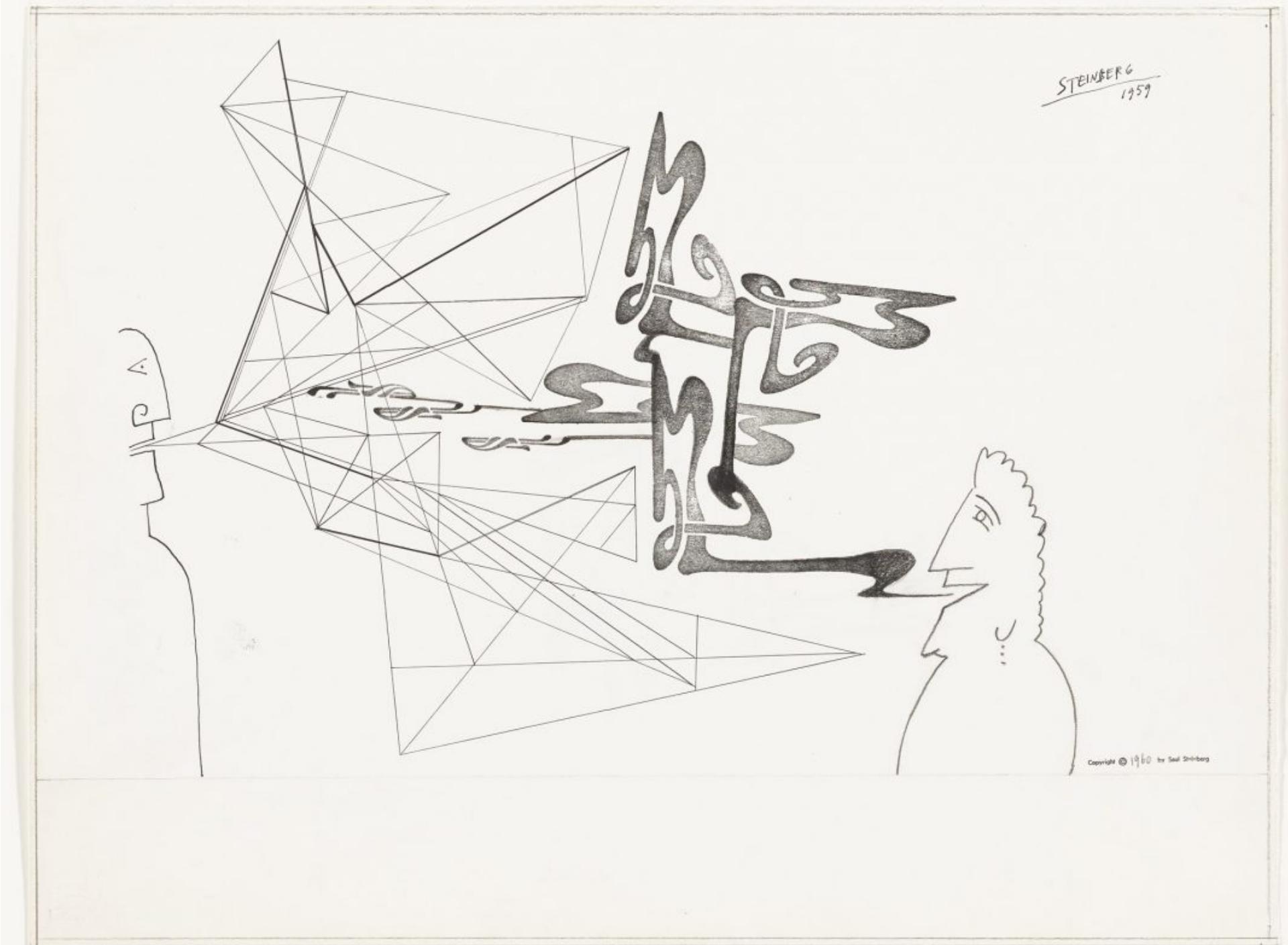


Saul Steinberg:  
"Chicago", 1952.  
Nanquim,  
quarela e  
colagem sobre  
papel.



STEINBERG 1953

Saul Steinberg:  
"Techniques at  
a Party, 1953."

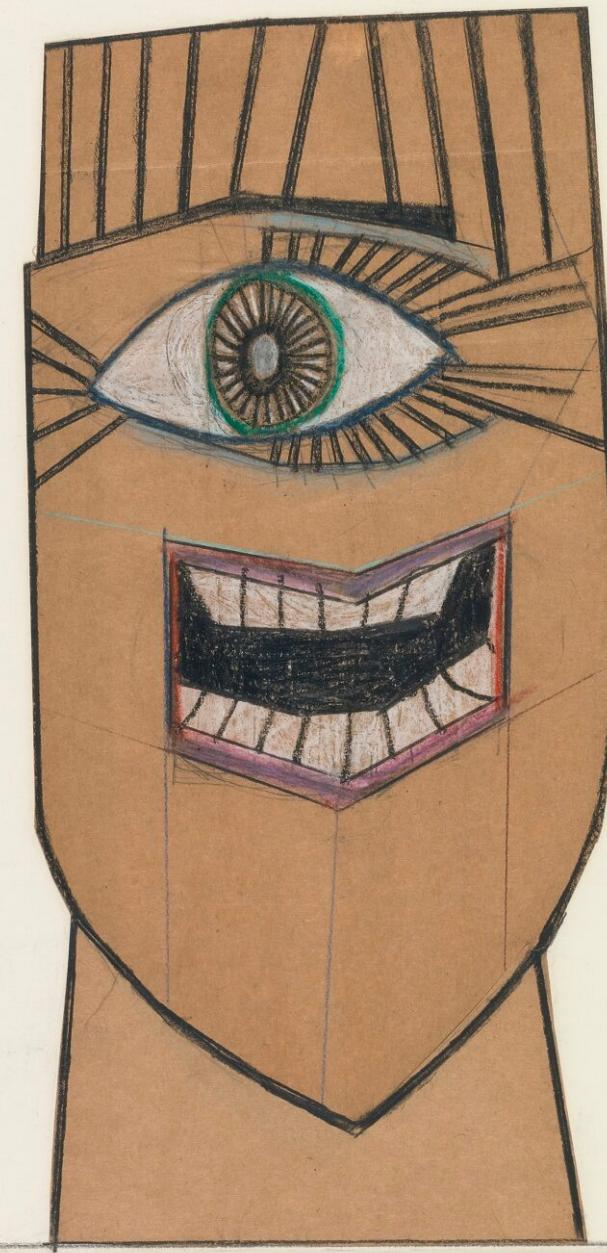
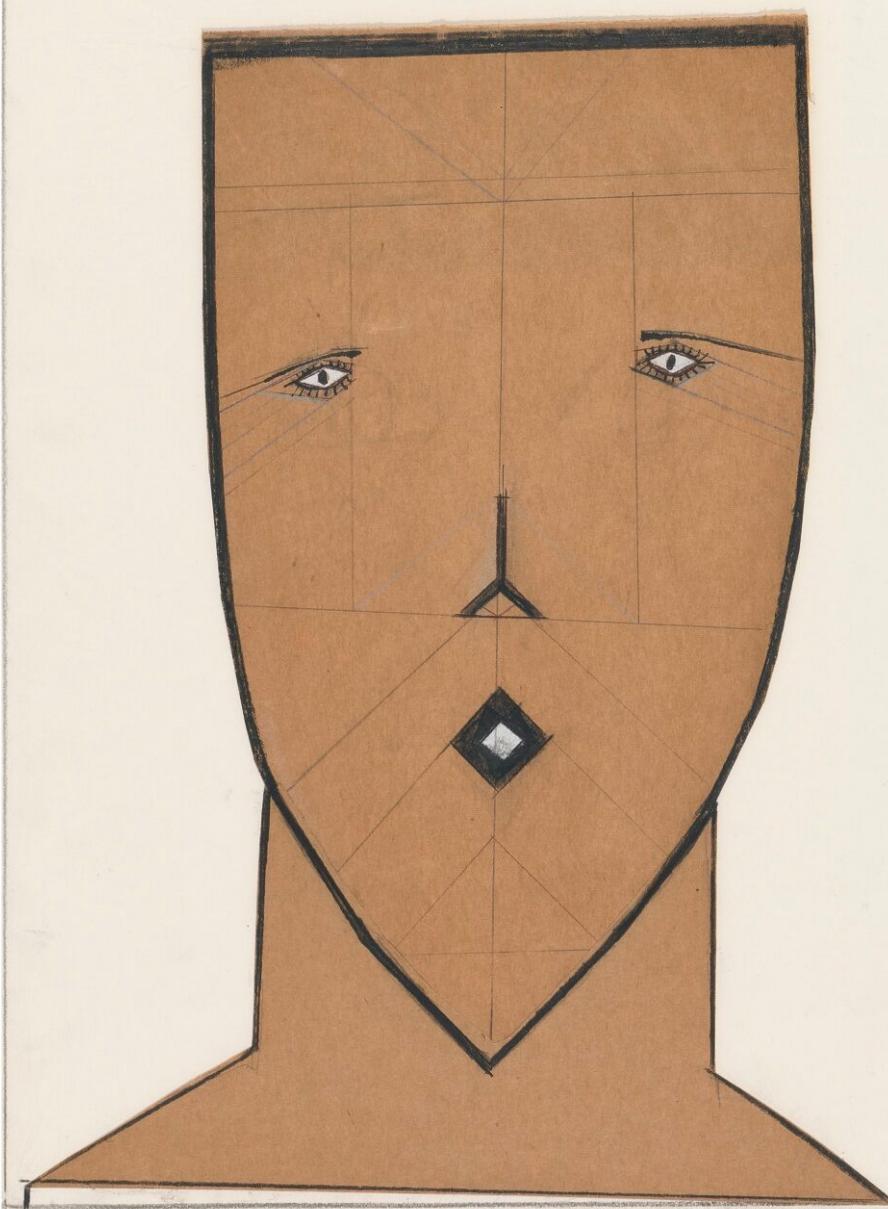


Saul Steinberg:  
"Speech"  
1959. Nanquim,  
lápis, giz crayon  
e carimbo sobre  
papel.



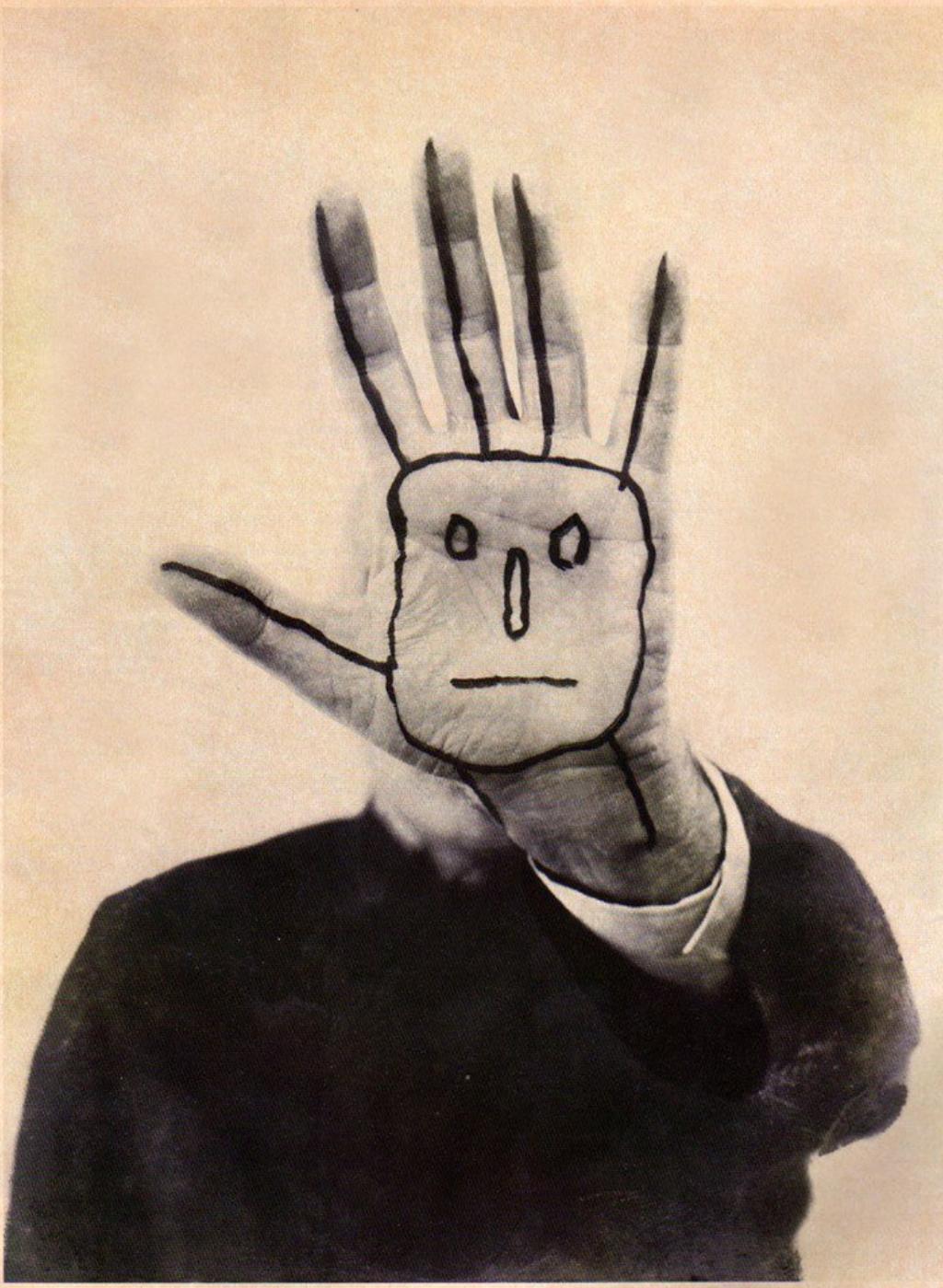
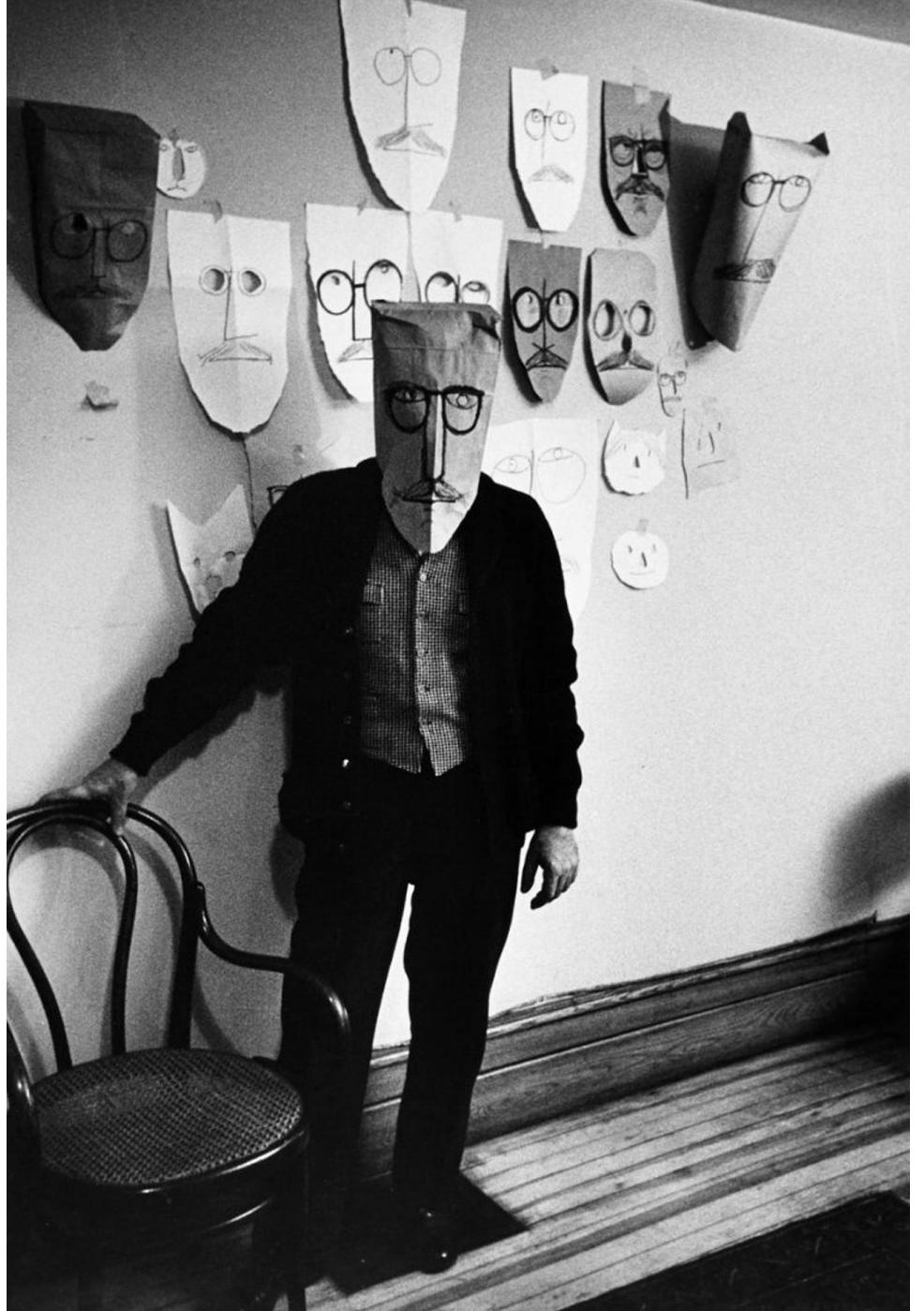
Saul Steinberg:  
"General A"  
1969.  
Carimbos e  
quarela sobre  
papel.

STEINBERG 1969



STEINBERG 1966

Saul Steinberg:  
"Two Masks"  
1966.  
Publicado no  
livro *Le Masque*.  
Lápis, crayon e  
papel kraft sobre  
papel.



Saul Steinberg e suas máscaras em foto de Inge Morath, 1966.

Saul Steinberg em seu último autorretrato, 1999.

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO**

**Aspectos Históricos – até 1930**



escola  
britânica de  
artes criativas  
& tecnologia

# **Ilustração, Cartum, Charge, Caricatura, HQ**

A ilustração, ao longo de sua história, participa de um contexto marcado também por cartuns, charges, caricatura, histórias em quadrinhos.

É grande a conexão da ilustração com essas formas de expressão. Por vezes, elas se confundem. E muitas vezes, uma influencia a outra.

É frequente um ilustrador ser também cartunista e/ou chargista e/ou caricaturista e/ou quadrinista.

O repertório gráfico e as referências são muitas vezes comuns.

Mas quais são as diferenças entre elas? Qual é a definição de cada uma?

# **Ilustração, Cartum, Charge, Caricatura, HQ**

## **Cartum**

Desenho de humor que satiriza comportamentos humanos. Tende ao atemporal.

## **Charge**

Desenho de humor voltado a um acontecimento ou tema específico que está acontecendo em determinado momento.

## **Caricatura**

Desenho de uma pessoa capaz de comunicar suas características – físicas e comportamentais – mais marcantes. Para tanto, seleciona aspectos da pessoa, explora o exagero e deformações de atributos físicos, podendo recorrer a estilizações, detalhamentos, depuração e síntese.

É frequente uma charge política apresentar personalidades caricaturizadas.

# **Ilustração, Cartum, Charge, Caricatura, HQ**

## **Histórias em Quadrinhos**

Linguagem narrativa marcada pela presença de várias imagens pictóricas – comumente organizadas em quadros (os quadrinhos) - em sequência numa página de modo a transmitir informações, contar uma história, gerar uma resposta no leitor.

Uma tirinha de jornal, por exemplo, com seus poucos quadrinhos em sequência, apresenta a linguagem da HQ.

# Aspectos Históricos

Vamos agora acompanhar um pouco da produção autoral e com teor crítico e opinativo feita ao longo da História.

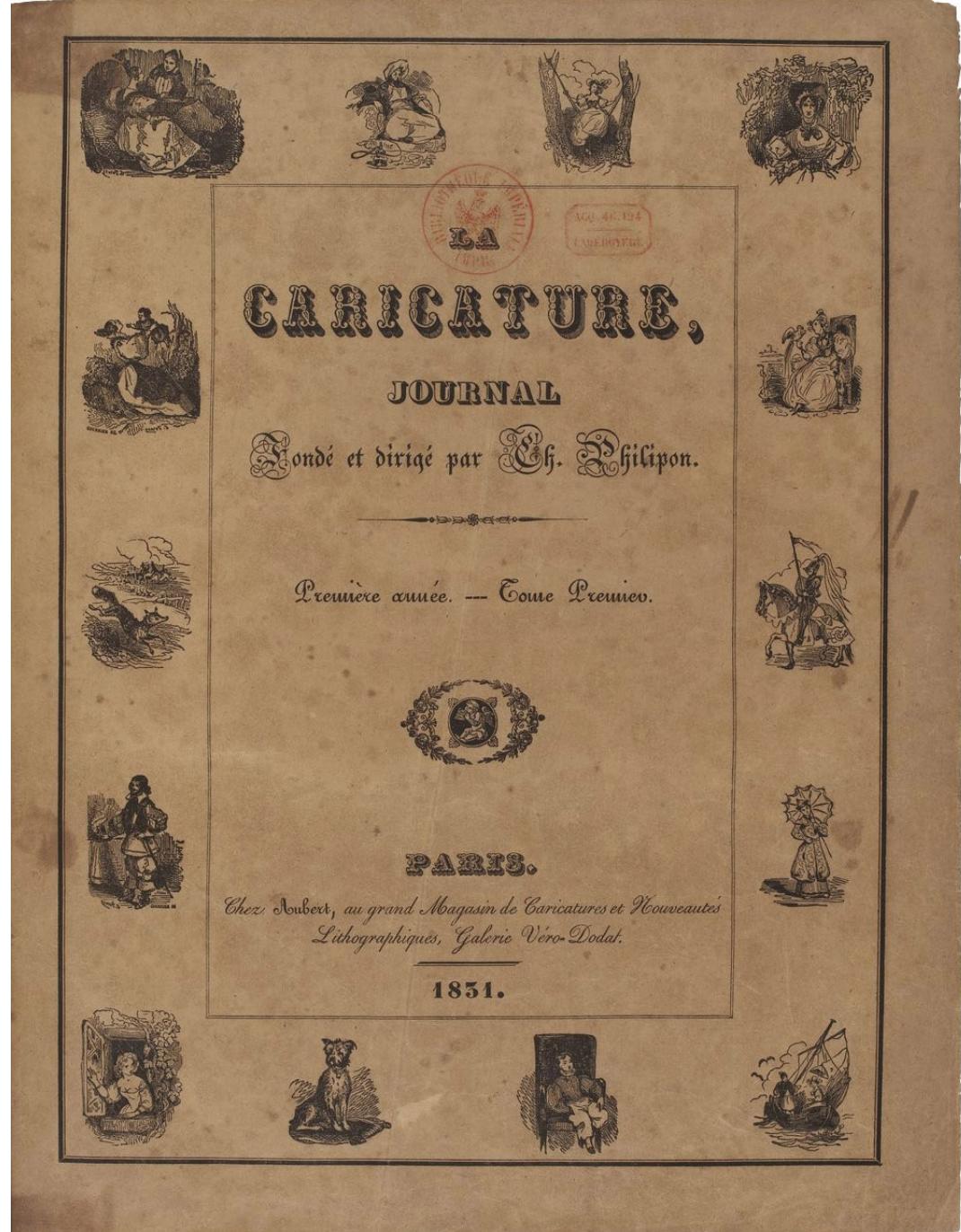
Reparam como existe uma conexão forte da ilustração com a charge e o cartum. E como elementos dos quadrinhos, como o balão, aparecem há muito tempo atrás.

Também vale notar como conflitos com o poder estabelecido acompanham a ilustração opinativa.



"Pode-se supor que em sua produção rápida e prolífica de arte para impressão, ele teve que responder fundamentalmente ao seu "eu mais verdadeiro". Devido ao fato de muitas dessas ilustrações precisarem ser publicadas imediatamente em jornais, ele não tinha talvez tempo suficiente para aprimoramento e revisão (de ideias)"

Ao lado arte de Thomas Rowlandson (1756 – 1827): "A Cake in Danger", 1806. Acima, outro trabalho de Rowlandson, "Dinners Drest in the Neatest Manner/ Jantares Drest em seu estilo mais puro", 1811.



La Caricature (1830-1843) foi um periódico francês satírico semanal distribuído em Paris. Seus desenhos atacaram severamente o rei Louis Philippe. Auguste Audibert foi editor e Charles Philipon foi diretor e principal autor. Os principais artistas eram Daumier e Jean Grandville.

O jornal foi fundado após as leis de censura terem sido relaxadas pela Revolução de Julho de 1830 (que levou o rei Louis Philippe ao poder). Foram publicados 251 edições, e cada edição tinha quatro páginas e duas ou três litografias. Ao lado, capa de 1831. Acima, litografia colorida de Henry Monnier publicada na revista, 1830.

Croquées faites à l'audience du 14 Nov.  
(Cour d'Assises)

Si pour reconnaître le monarque dans une caricature, vous n'attendez pas qu'il soit désigné autrement que par la ressemblance, vous tomberez dans l'absurde. Voyez ces croquis informes, auxquels j'aurais pu faire à dé borner ma défense.



A croquis ressemble à Louis Philippe,  
vous condamnez donc?



Alors il faudra condamner celui  
qui ressemble au premier.



Puis condamner pour cet autre  
qui ressemble au second...

Et ainsi, pour une poire, pour une brioche, et pour toutes les têtes grotesques dans lesquelles le hasard ou la malice aura placé cette triste ressemblance, vous pourrez infliger à l'auteur cinq ans de prison et cinq mille francs d'amende!!

Avouez Messieurs, que c'est la une singulière liberté de la presse!!  
(procès du journal La Caricature) M. Philipon

# LES POIRES,

Faites à la cour d'assises de Paris par le directeur de la CARICATURE.

Vendues pour payer les 6,000 fr. d'amende du journal le Charivari.

Si pour reconnaître le monarque dans une caricature, vous n'attendez pas qu'il soit désigné autrement que par la ressemblance, vous tomberez dans l'absurde. Voyez ces croquis informes, auxquels j'aurais pu être déclaré coupable : mais pour reconnaître le monarque dans une caricature, vous n'attendez pas qu'il soit désigné autrement que par la ressemblance, vous tomberez dans l'absurde.



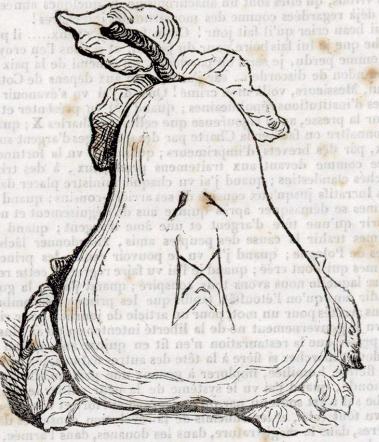
Ce croquis ressemble à Louis Philippe, vous condamnez donc?



Alors il faudra condamner celui-ci, qui ressemble au premier.



Puis condamner cet autre, qui ressemble au second.



Et ainsi, si vous êtes conséquents, vous ne sauriez absoudre cette poire, qui ressemble aux croquis précédents.

No canto esquerdo, o famoso desenho de Charles Philipon feito durante uma audiência e que mostra a metamorfose do rei Louis-Philippe em pera, 14 de novembro de 1831.

O esboço de Philipon foi retomado - a pedido de seu criador – por Daumier.

Philipon publicou a versão de Daumier no Le Charivari de 17 de janeiro de 1834 (imagem ao lado).



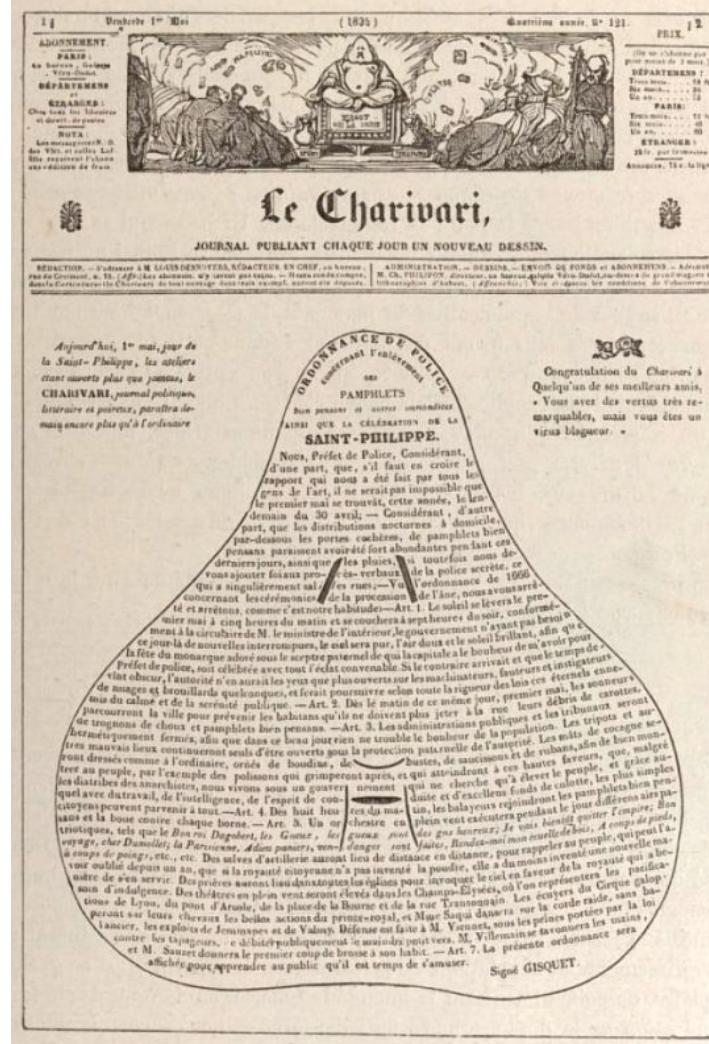
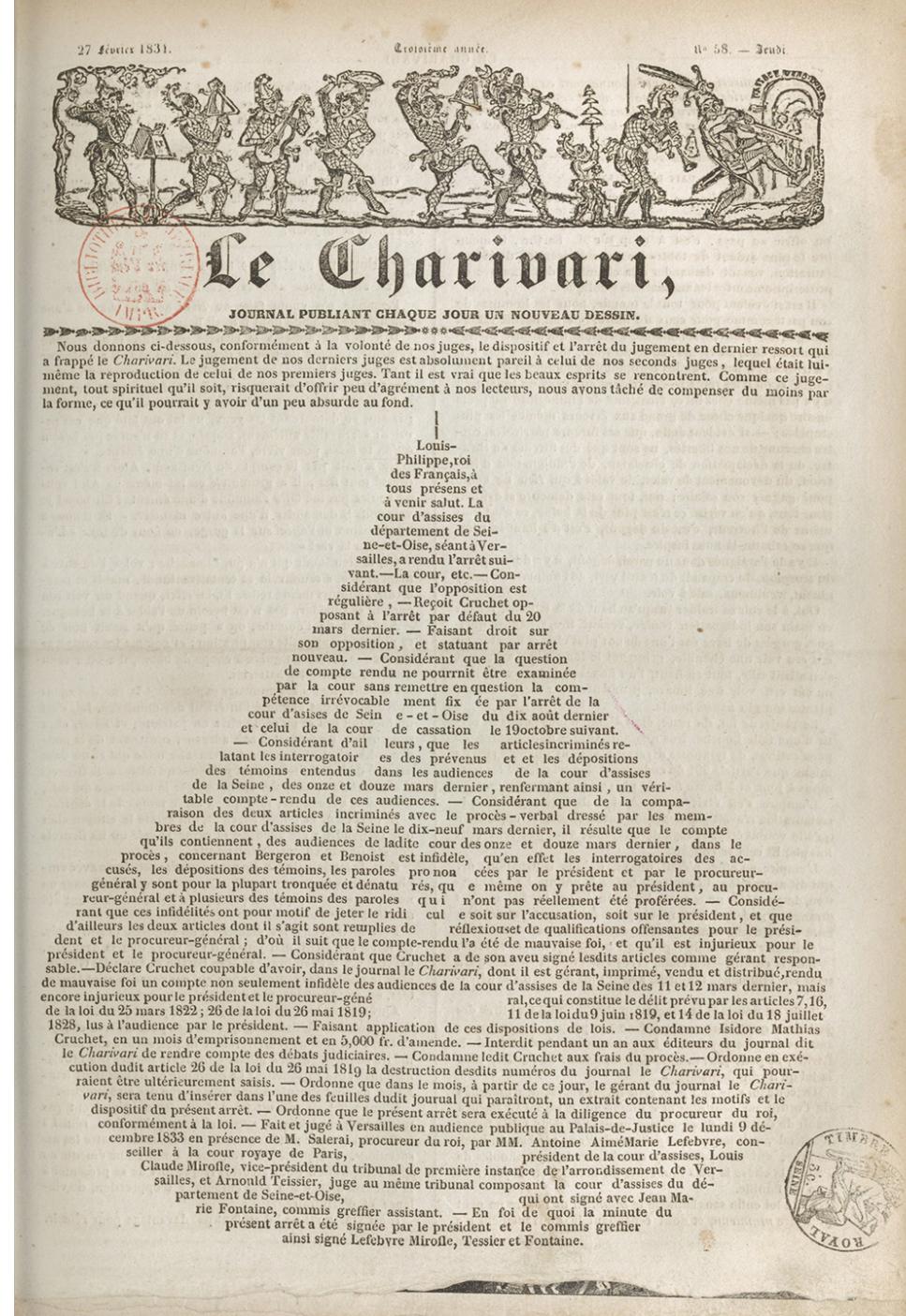
Gargantua.

As primeiras litografias de Daumier datam de 1820, quando estava empregado como ilustrador em diferentes centros gráficos da cidade. Sua obra Gargântua (feita em 16 de dezembro de 1831), que ridicularizava o rei Luís Filipe, custou-lhe seis meses de prisão – dois meses numa prisão do estado e quatro num hospital psiquiátrico - em 1832.



Acima, à esquerda: desenho de Daumier publicado na *La Caricature* de 23 de fevereiro de 1832.

Honoré Daumier: "The Past. The Present. The Future / Le passé. Le présent. L'Avenir", litografia publicada na *La Caricature* de 9 de janeiro de 1834.



À esquerda, caligrama de Charles Philipon em forma de pera publicado na primeira página de Le Charivari apresentando o texto do julgamento.  
Edição 38, 27 de fevereiro de 1834.

Acima, capa de Le Charivari, edição de maio de 1835.



## Le Charivari,

JOURNAL PUBLIANT CHAQUE JOUR UN NOUVEAU DESSIN.



REDACTION.—Avenue du Régiment, en face de la REDACTION EN CHOC. — En face du Croissant, hôtel Colbert, n° 14, 6<sup>e</sup> arr. Les abonnements d'yr seront pris au bureau de l'édition. Il sera rendu compte dans la *Critique* et la *Chronique*, de tout ouvrage ou essai dont trois exemplaires auront été déposés.

ADMINISTRATION.—DESSINS.—ENVOIS DE FONDS.—ARGONNE.—Alors à M. Cr. Puarier, directeur, au bureau galerie Véro-Codet, au-dessus du grand magasin de lithographies d'Astier. — Voilà à la fin du journal, pour les conditions de paiement, d'art dont trois exemplaires auront été déposés. (Astrachir.)

### LITTÉRATURE.

*Paroles d'un Voyager*, par Auguste Chaho. — *Anathème*, par Jules Favre. In-8, chez Louis Babœuf. — *Esprance*, par M. Jeanron. In-8, chez Gallimard.

Nous vivions dans une atmosphère moins épaisse, chacun de ces quatre ouvrages aurait exigé un article à part, que nous n'eussions pas manqué de faire, et même avec un nouveau plaisir chaque fois; car hier tous le fond est riche et la forme plus ou moins remarquable. Mais nous avons le regret de ne pas trouver de pareilles publications et à propos qui fait qu'un livre est compris dès sa misérance, et que le public par sonne à la critique de s'en occupe. Que MM. les auteurs ci-dessus ouvrent les yeux et débouchent leurs oreilles, qu'ils regardent lire eux qui lisent, qu'ils écoutent parler ceux qui parlent, et jugent par eux-mêmes si nous sommes dans un milieu moral bien propice aux élucubrations apocryphes, aux mal-dictions palindriques, aux espérances symboliques. La gloire de M. Lamennais les a séduits; leurs livres sont échos de son livre; mais il ne suffit pas du talent, il faut encore l'autorité d'un grand nom pour arrêter les passans, dont la grande affaire est aujourd'hui le cours de la rente ou la cote de jolies.

*Paroles d'un voyant*, titre parodié de *Paroles d'un croyant*, est sois-disant une région à ce dernier ouvrage. Il y trouve bien l'inspiration d'un talisman fervent et d'une foi républicaine, à toute épreuve; un style harmonieux, même un peu trop chancré, et cette profusion d'heures, qui est à la fois le charme et le vice du tout printemps littéraire (M. Auguste Chaho n'a que vingt ans); mais l'autre que je ne vous sors pas sur point escuvelé le jeu d'écrivain diffère avec le docte abbé. L'un et l'autre écrivent: *Mort aux rois*; mais M. Auguste Chaho émet le vœu que le sacerdoce s'en alleraise la royauté. Si vu, Lamennais a dit quelque chose de confiant, ce n'est pas toujours dans le fameux chapitre où il accuse les prêtres d'avoir connivé avec les rois contre la liberté et à richesse des peuples. Il faut donc que le dissensissement entre les deux auteurs porte sur un point de controverse subtile et transcendante, que nous échappe à nous, faibles théologiens que nous sommes, comme Bossuet dit quelque part. D'autre part, tous les deux s'entendent parfaitement sur la nécessité d'arrêter les mœurs lâches de la Jéricho-sociale; ils sonnent également bien la charge contre les Patriotes de l'ordre public: en cet état de choses, quel intérêt avons-nous à voir décider lequel des deux est le faux prophète?

Moins belliqueux que M. Chaho et l'abbé Lamennais, M. Jules Favre veut aussi que notre vieux monde fasse peu nouvelle; mais il veut le transformer et non le détruire, et le moyen qu'il invente, la baguette magique qui, suivant lui, doit opérer ce miracle, c'est la charité. Elle lui apparaît sous la forme d'une jeune fée en robe blanche, pour calmer les fureurs anathématiques, pour la révéler la nouvelle loi d'amour qui doit un jour substituer à longs batons de fer d'orge aux faldunes des guerrier, et laigner en boubons ou prunelles de Tours, les balles de la rue Tansnon. Le discours de la charité est fort beau, mais pas plus beau que la première partie du livre, celle

qui constitue proprement l'anathème. C'est un coup d'œil à la manière de Bossuet et de Montesquieu sur l'histoire, prise du point de vue de l'humanité souffrante. M. Favre nous relate les douleurs des peuples dans une prose qui paraît souvent disperter d'harmonie et de coloris; avec les plus belles strophes de nos poètes liturgiques.

A le juger par ces mêmes qualités, ce n'est pas non plus un livre médiocre qu'*Esprance*, par M. Jeanron; son défaut essentiel est de ne pas nous donner les consolations que son titre promet. Le désespoir est même le sentiment qui résulte de cette longue revue de nos souffrances, à laquelle l'auteur se livre. Car, pour ce qui est du réveil des peuples, il y a si long-temps qu'en parle sans en être plus avancé, que nos esprits de ce côté sont plus que jamais un futur contingent dont on désespère. C'est pourquoi on veut de grandes et de nouvelles raisons pour croire à un meilleur avenir. Elles manquent dans l'ouvrage de M. Jeanron.

### MÉDECINE ET DIPLOMATIE,

D'où l'on pourra conclure que, si nos frères ne se soucient pas d'être purgés par les médecins, nous ne demandons pas mieux que d'être purgés des diplomates.

Autrefois, il était de mode de se moquer des médecins. Molière s'en moquait fait bien, quoique, à mon sens, il se moquaït beaucoup mieux encore des marquis. Il fallait voir quelle gêle, que l'avalanche de qualibets tombaient alors sur le tableau des malheureux docteurs, le matin dans les livres et les satires, et le soir sur la scène. Les médecins étaient, dans ces temps-là, les Viennot et les Lapoire de notre petite presse, et les épiciers de notre théâtre; soit dit sans offenser leurs mères.

Quand la nature ou la force de son tempérament guérira un malade, di-ai-les rieurs, les médecins ne manquent jamais d'attribuer ce bon résultat à leurs remèdes. Mais quand le malade succombe sous leurs remèdes, oh alors! c'est la faute de la nature, qui n'a permis à l'autre que d'apporter de vains soulages à la maladie. « Brû, tout le bien revenait de droit aux médecins, tandis que tout le mal retombait sur le dos de cette sécherie de nature. C'était le système de l'irresponsabilité constitutionnelle appliquée à la médecine.

Je ne sais pas si les choses se passent de même parmi les médecins d'aujourd'hui. Toujours est-il que le théâtre, sauf quelques pièces de M. Scribe et quelques comédies empiriques du Constitutionnel, les laisse à peu près tranquilles, et que la petite presse, cette satire périodique de nos jours, a bien d'autres croquissages à fouetter. En revanche, nous possédons un corps qui paraît avoir hérité du système de la vieille Faculté. C'est le corps, je n'ose pas dire la Faculté des diplomates.

C'est pas pour qu'il ne trouve encore des gens qui conservent une robuste confiance en la diplomatie, toute honnête, toute bienveillante qu'elle soit, de même qu'au temps de Molière, on rencontrait ça et là quelques hadouqueries immuables qui se confiaient à la médecine même au milieu du désordre et du ridicule que lui faisait le persiflage opinâtre du théâtre et de la presse. Nous avons encore, par exemple, l'épicier du Constitutionnel qui, toutes les fois qu'il lit dans son journal: « M. de Talleyrand

a quitté Londres pour se rendre à Paris », appelle, tout effaré, sa femme, et, avec un air de réflexion profond, qui contient tout un monde de déductions et de conséquences politiques: « Oh! oh! ma femme, lui dit-il, il paraît que M. de Talleyrand a quitté Londres pour se rendre à Paris ». — Crois-tu, mon bon ami, [demande l'épicier], que ça puisse avoir quelqu'effet sur le cours du succès et de la chance? — Je n'en sais pas cela, ma femme; mais il est bien prouvé que M. de Talleyrand a quitté Londres pour se rendre à Paris ».

Cette importante nouvelle suffit en effet pour bouleverser la tête de tous les hommes d'épices. C'est bien autre chose, ma foi! si le Constitutionnel, toujours au courant des grands événements européens, enregistre le fait suivant :

« Il y avait hier soir grande réception aux Tuilleries. Le corps diplomatique était présent. M. de Talleyrand a éternué: l'ambassadeur d'Angleterre lui a gracieusement dit: « Dieu vous bénisse! » M. le comte d'Appony s'est incliné très légèrement. L'envoyé de Prusse a fait semblant de s'être mal le doigt dans l'œil. M. Pozzo a tourné le dos. »

Homme d'épices bâtit là-dessus une guerre continentale; mais ce qui le rassure, c'est que l'Angleterre a dit: « Dieu vous bénisse! » l'alliance anglaise est assurée. Quant à l'Autriche, son mouvement de tête qui est demeuré tout équivoque, indique une neutralité douteuse.

Il nous reste encore, aïe-dit, quelques douzaines de ces hommes d'épices, qui, sur la foi du Constitutionnel, s'exagèrent ainsi l'importance de la diplomatie. Par bonheur, leur nombre diminue tous les jours, dans la même proportion que celui des abonnés du Constitutionnel. Mais, à côté de ceux-là, la grande majorité, qui se compose d'hommes éclairés et d'avoués auxquels sur le désabonnement a produit l'effet de l'opération de la catarrhe, ne se laisse pas leurrer par le flou-frou diplomatique. Ils n'oublient pas que les mannequins de la diplomatie ont soin de se tenir derrière le rideau, et de ne se montrer au monde que par leurs ombres prodigieusement gran- diées par l'obliétude de la lumière; et quand le Constitutionnel et son épicer disent que les mesurent à la dimension de ces reflets fantastiques, s'écrient: « Oh! les grands hommes que ce sont là! »

— Pas du tout, dit le clairvoyant, tant soit peu versé dans la science de l'optique! ce sont des ombres que vous voyez; derrière ces images allongées, il n'y a guère que des nains. — Au fait, c'est que jamais la diplomatie n'a été plus petite, plus mesquine, plus étroite, plus rabougrie, plus naïve. Les diplomates sont les Cassandre de la parade politique, les médecins de la comédie de Molière.

Comme les médecins de Molière, les diplomates d'aujourd'hui font semblant d'agir en attendant les événements; puis l'événement passé, ils se frottent les mains s'est favorable, et s'écrient: « Voilà un résultat qui nous a donné bien de la peine. On ne devinera jamais combien il nous a fallu d'art, de ruse, d'adresse et de patience, pour amener les choses à ce point. » Si l'événement est au contraire funeste, ils hochent la tête, en grognant: « Ce n'est pas notre faute; nous avons fait tout notre possible. Mais le hasard ou la Providence sont plus forts que nous! » Absolument comme les médecins.

Depuis quatre ans, nous n'avons point passé huit jours sans en voir au moins un exemple.

Lorsque la commotion de la révolution de Bruxelles fut séparé les Belges et les Hollandais épisodés d'une lutte courte, mais vive, il y eut un instant de très nécessaire. « Voilà, clament les diplomates, une pacification qui nous a donné bien de la peine! »

Plus tard, Hollandais et Belges en vinrent aux mains, et le canon d'Anvers lui-même ne put couper court aux hostilités. « Qui voulez-vous, ont dit les diplomates en appliquant l'émollient stérile de leurs protocoles? c'est la faute des événements. »

La révolution de Pologne, éclosé au grand tremblement de l'équilibre européen, est écrasée sous la botte épouvante de la Russie. « Voilà une soumission qui nous a donné bien de la peine! »

Mais cette nationalité, qui ne devait point périr, est tout à coup confisquée; et le colosse vainqueur se moque du droit international comme de l'humanité; si bien que l'équilibre européen se trouve encore plus compromis par le complet asservissement de la Pologne, qu'il ne l'avait été par sa révolution. « Que voulez-vous? c'est la faute des événements! »

### LE CHARIVARI.

C'est bien autre chose encore pour les affaires de la Péninsule. Pendant que la diplomatie était en train de noircir du papier, en vue de faire sortir don Miguel du Portugal et don Carlos d'Espagne, les patriotes portugais et les nègres espagnols ont mis don Carlos et don Miguel à la porte. Voilà, disait avant-hier encore la diplomatie, une expulsion qui n'a donné bien de la peine! »

Le lendemain, tandis que la diplomatie était en train d'opérer pour tenir et riveler les proscrits dans leurs lieux d'exil respectifs, don Carlos a rompu son ban et s'est refugié en Espagne. « Eh! mon Dieu! dit encore aujourd'hui la diplomatie, que puis-je contre les événemens? »

La voilà qui fabrique maintenant des protocoles pour l'en réexpulser, et comme il est probable que les nègres le feront bien sortir sans elle, nous pouvons nous attendre à voir bientôt les diplomates se retrouver itérativement les mains en s'applaudissant de portes ouvertes. Il pourra dire des diplomates d'aujourd'hui, que ce sont des guérisseurs de malades guéries. Il n'y a qu'une différence, c'est que, charlatans pour charlatans, et drogués pour drogues, les Talleyrand de la vieille Faculté avaient, sur les Dianfous de la diplomatie, telle modernité, cet avantage qu'ils se fesoient payer beaucoup moins cher, et que leurs ordonnances purgatives étaient cent fois moins mémoires d'apothicaire que les protocoles laxatifs de leurs successeurs.

### C'EST SURTOUT EN FAIT DE GENS D'ARMES

Que la monarchie fait pârir la république.

### STATISTIQUE DE L'ARMÉE FRANÇAISE.

(Extrait de l'*Annuaire de 1831*.)

67 régiments de légion . . . . .	147,400 hom.
21 id. d'infanterie de ligne . . . .	46,000
Légions étrangères, vétérans, etc. . . .	11,500
Total . . . . .	203,900
53 régiments de cavalerie, carabiniers, cuirassiers, dragons, hussards, chasseurs, etc. . . .	49,000
13 régiments d'artillerie, plus, les pionniers, canonniers gardes-côtes, etc. . . .	22,700
Génie . . . . .	6,000
26 légions de gendarmerie, garde municipale . . . .	28,500
Total général . . . . .	311,400 hom.

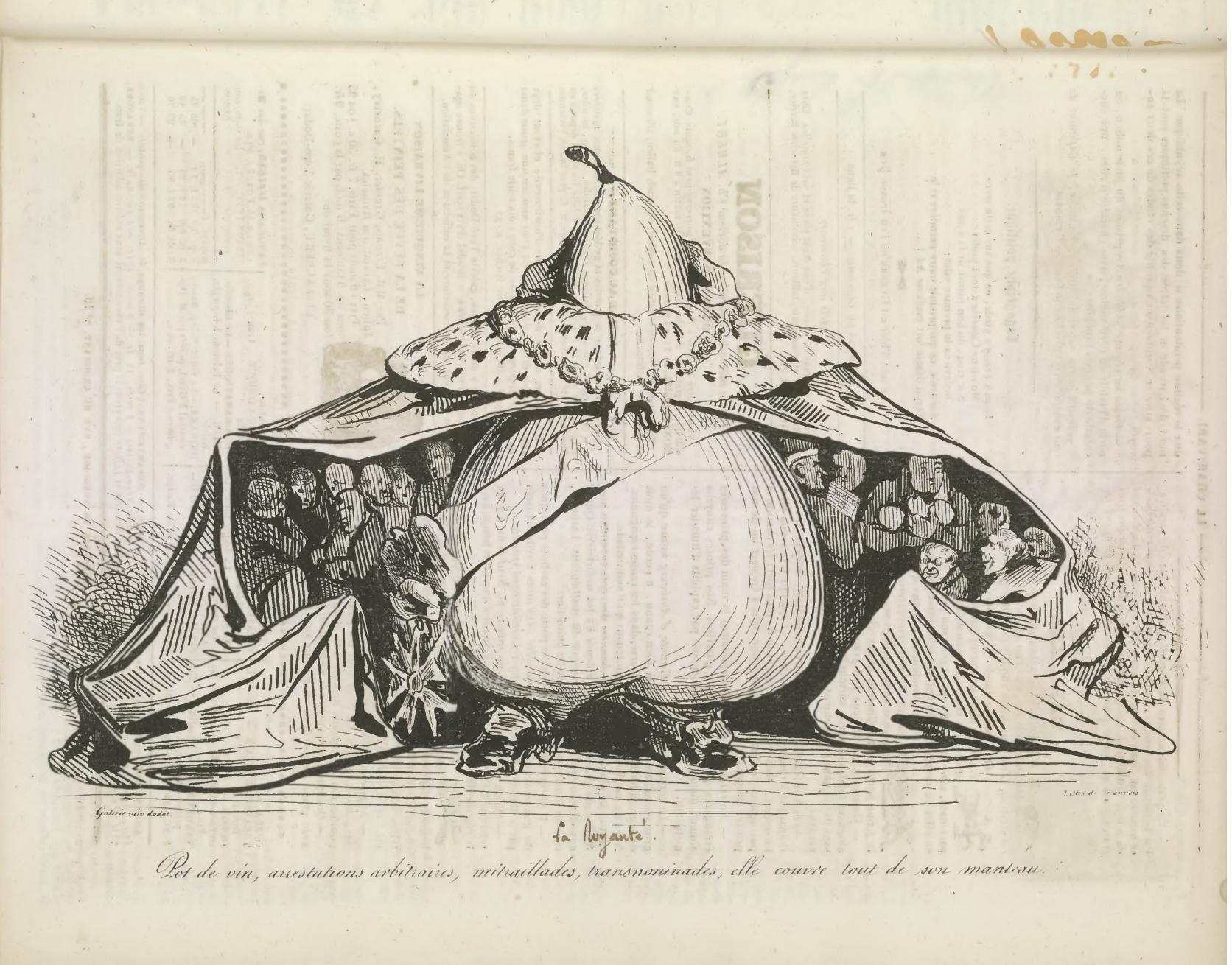
### STATISTIQUE DE L'ARMÉE RÉGULIÈRE DES ÉTATS-UNIS.

(D'après la *Gazette de New-York*.)

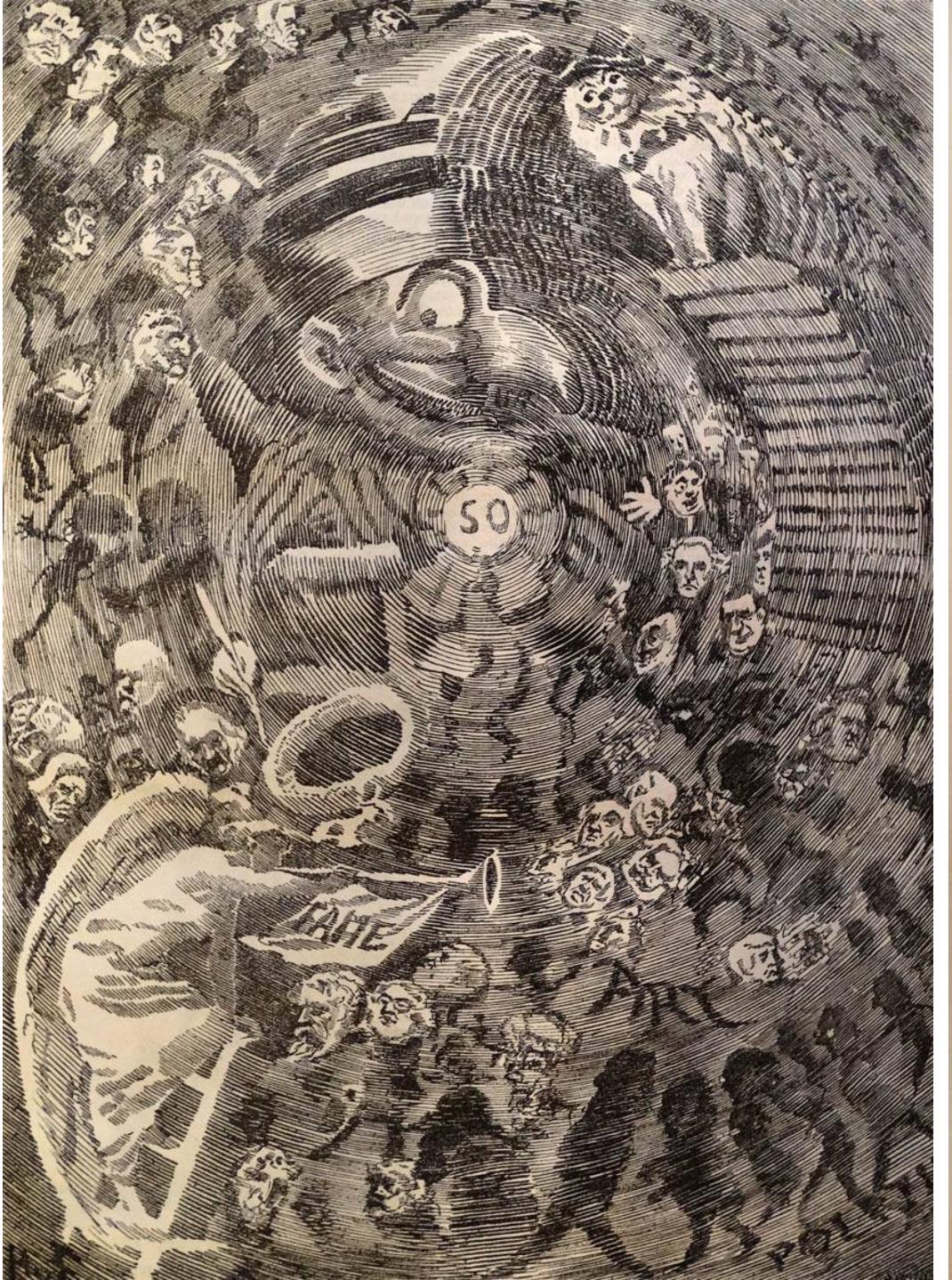
Fantassins . . . . .	3,226
Dragons . . . . .	363
Artilleurs . . . . .	1,778
Soldats n'ayant pas de corps fixe et recrue . . .	678
Total général . . . . .	6,054

Mais si le gouvernement républicain des États-Unis n'a pas, comme le nôtre, 311,400 hommes d'armée régulières, principalement destinés à réprimer les troubles intérieurs, en revanche, il a une milice de réserve d'un million d'hommes, prêts à marcher, au premier signal, contre l'ennemi extérieur, réserve qui a le grand avantage de ne rien coûter; tandis que notre gouvernement constitutionnel n'a de réserve d'aucune sorte.

Pourquoi cette différence? c'est que le gouvernement républicain, régime de troubles et de discorde intenses, comme on nous le dit tous les jours, ne prend de précautions que contre l'étranger, tandis que le gouvernement constitutionnel, établissement de suffrage universel et d'ordre public, ent le besoin de se précautionner contre l'ennemi du dedans.



Le Charivari, n.218, 7 de setembro de 1834, terceira página. O rei Louis-Philippe aparece caricaturado como pera em “Suborno, prisões arbitrárias, metralhadoras, transnoninades, ele cobre tudo com seu manto” (BM Lyon, Fonds Honoré Daumier).



Punch, the London Charivari (1841 – 1992) e (1996 – 2002)

Publicação de humor inglesa semanal, fundada por Henry Mayhew e Ebenezer Landells.

Em 1841, o gravador inglês Ebenezer Landells, juntamente com Henry Mayhew, usou o Le Charivari como modelo para a revista Punch, com o subtítulo The London Charivari.

No canto esquerdo, ilustração publicada em edição de 1891. Ao lado, ilustração de 1882.

# PUNCH

OR THE

## LONDON CHARIVARI



VOLUME THE FIRST.

LONDON :

PUBLISHED FOR THE PROPRIETORS, AT THE OFFICE, 13, WELLINGTON STREET, STRAND,  
AND SOLD BY ALL BOOKSELLERS,

Digitized by Google

Original from  
HARVARD UNIVERSITY

Páginas da Punch n.1, 1841.

VOL. II.

"Adieu, my native land, &c.—D. I. O.—" We part to meet again"—  
Death or glory—Red coat—Lanterns and rupées in view—Vows of constancy,  
eternal truth &c.—The smalls—With ten thousand whiffs  
over eyes—in cambric—Alas! alack! oh! ah!—Fond partis, doomed to  
part—Cruel fate!—Ten pages poetry, romance, &c. &c.—Tom in battle—  
Cut, slash, dash—Salves, ruffles—Round and grape in showers—Hot work—  
Charge!—Whizz—Bang!—Flat as a flounder—Never say die—Peacé—  
Sweet sound—Sears, wounds, wooden leg, one arm, and one eye—Half—  
Home—Huzza!—Swift gales—Post-horses—Love, hope, and Clare  
Grey—



"I'D BE A BUTTERFLY, &c.

VOL. III.

"Here we are!"—At home once more—Old friends and old faces—  
Must be changed—Nobody knows him—Church bells ringing—Inquire  
cause!—Wedding—Clare Grey to Job Snooks, the old pawnbroker—  
Brain whirr—Eyes start from sockets—Devils and hell—Clare Grey, the  
done, constnt, Clare, a jilt?—Can't be—No go—Stamp up to church—  
To Tom—Clare just married—Tom—Married! rage!!!! death!!!!  
Tom's crutch at work—Snooks floored—Bridesman—Pawpaw—  
Clerk mizzles—Salts and shricks—Clare in a swoon—Pa' in a funk—  
Tragedy speech—Love! vengeance! and damnation!—Half an ounce of  
landlum—Quick work—Tom unshackles his wooden pin—Dies like a  
hero—Clare pines in secret—Hops the twig, and goes to glory in white  
muslin—Poor Tom and Clare! they now lie side by side, beneath



"A WEEPING WILL-OH!"

### LESSONS IN PUNMANSHIP.

We have been favoured with the following announcement from Mr. Hood, which we recommend to the earnest attention of our subscribers:—

MR. T. HOOD,

PROFESSOR OF PUNMANSHIP,

Begs to acquaint the dull and witless, that he has established a class for the requirement of an elegant and ready style of punning, on the pure Joe-milliner principle. The very worst hands are impred in six short and mirthful lessons. As a specimen of his capability, he begs to subjoin two conundrums by Colonel Sluthorpe.

COPY.

"The following is a specimen of my punning before taking six lessons of Mr. Hood."

"Q. Why is a fresh-plucked carnation like a certain cold with which children are affected?"

"A. Because it's a new pink off (an hooping-cough)."

"This is a specimen of my punning after taking six lessons of Mr. T. Hood:—

"Q. Why is the difference between pardoning and thinking no more of an injury the same as that between a selfish and a generous man?"

"A. Because the one is for-getting, and the other for-giving."

"N. B.—Gentlemen who live by their wits, and diners-out in particular, will find Mr. T. Hood's system of incalculable service."

Mr. H. has just completed a large assortment of jokes, which will be suitable for all occurrences of the table, whether dinner or tea. He has also a few second-hand *bon mots* which he can offer a bargain.

\* \* \* A GOOD LAUGHER WANTED,

Original from  
HARVARD UNIVERSITY



"THINGS MAY TAKE ANOTHER TURN."

Digitized by Google

(15)



TWO FORCES.

SIR JOHN

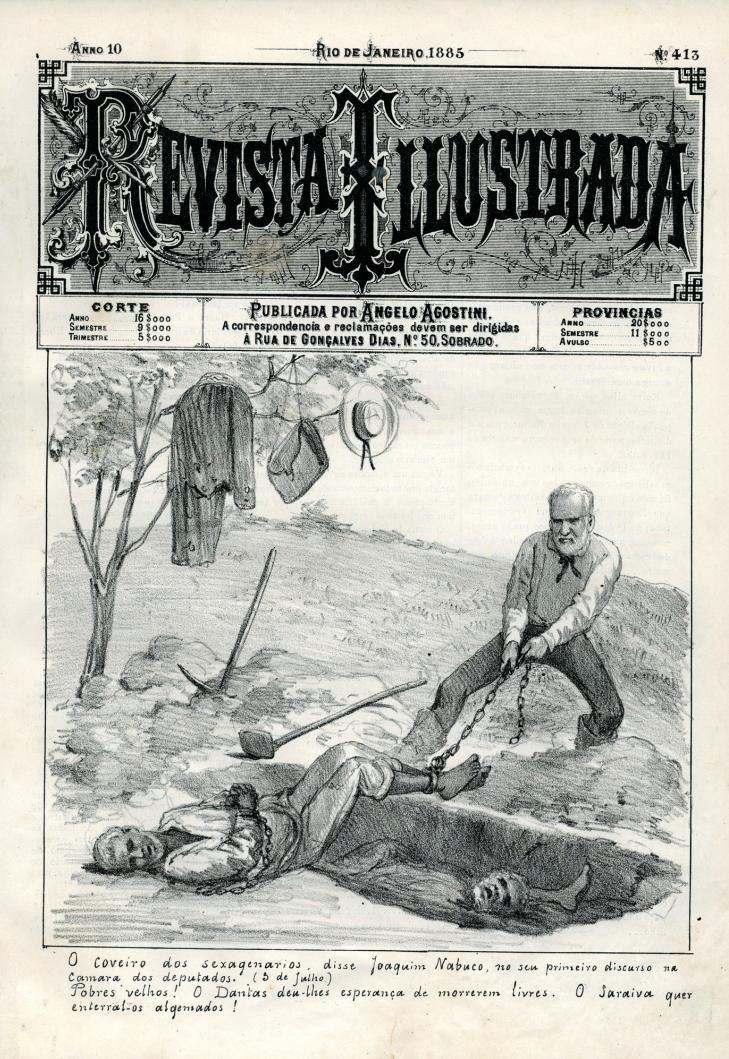
(27)



THE TEMPTER.

SPIRIT OF ANARCHY. "WHAT! NO WORK! COME AND ENLIST WITH ME—I'LL FIND WORK FOR YOU!!"

John Tenniel (1820 – 1914) foi um ilustrador inglês. Seus mais conhecidos trabalhos são as ilustrações para Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll (1865) e os cartuns políticos que criou para a Punch ao longo de 50 anos. Acima, cartuns publicados na Punch em 1881 e 1886.



Revista Ilustrada (1876 – 1898)

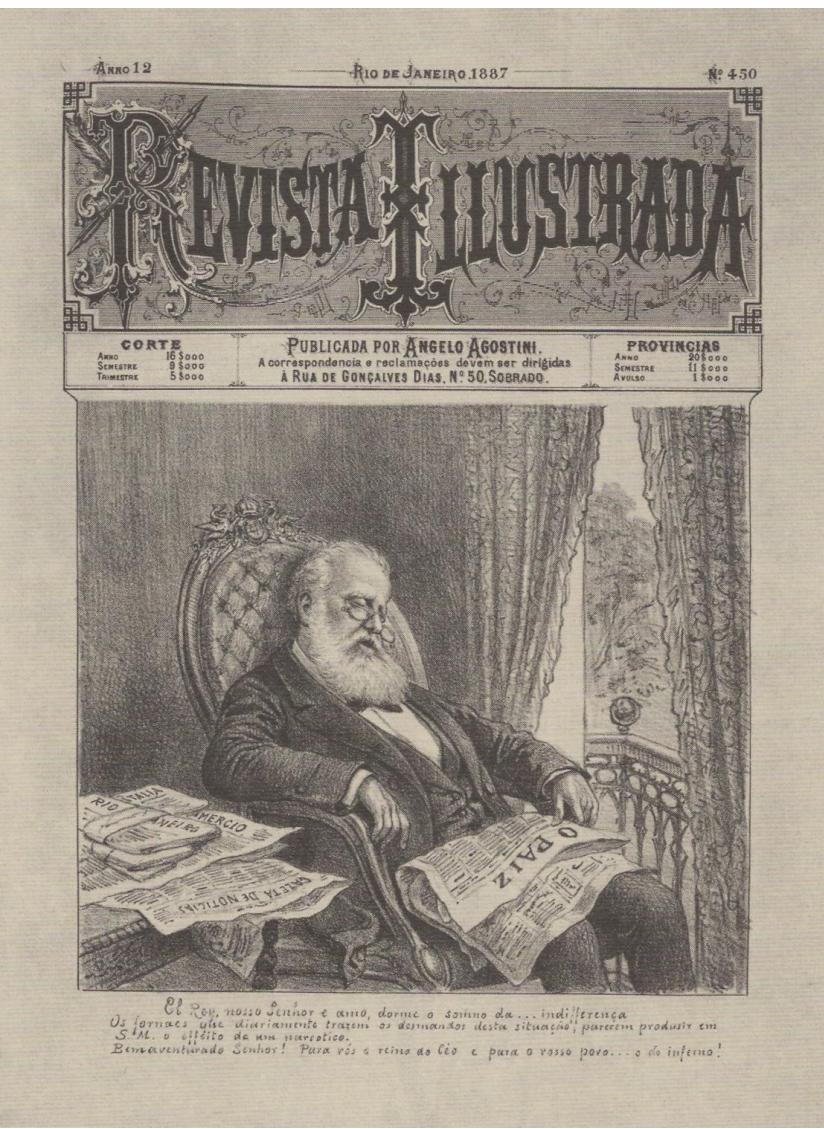
Fundada por Angelo Agostini, é considerado o mais importante periódico brasileiro do século XIX. Isso se deve tanto à sua longevidade – durou 22 anos – como ao destacado papel político que cumpriu na luta pela causa abolicionista.

Ao lado, edição de 1876. Acima, capa de 1885.



Charge de Angelo Agostini publicada em 1882: D. Pedro II é derrubado do trono. Com tons anticlericais e republicanos, a charge enuncia a queda não só do imperador, mas, além disso, uma derrocada de um sistema organizacional de poder a ser consumado, tempos depois, em 1889 com a Proclamação da República.

À direita, capa de Angelo Agostini para a Revista da Semana de 1887: "El Rey, nosso Senhor e amo, dorme o sonho da...indiferença. Os fornaes que diariamente trazem os desmandos desta situação parecem produzir em S. M. o efeito de um narcótico. Bemaventurado Senhor! Para nós o reino do Cio e para o nosso povo...o do inferno!"

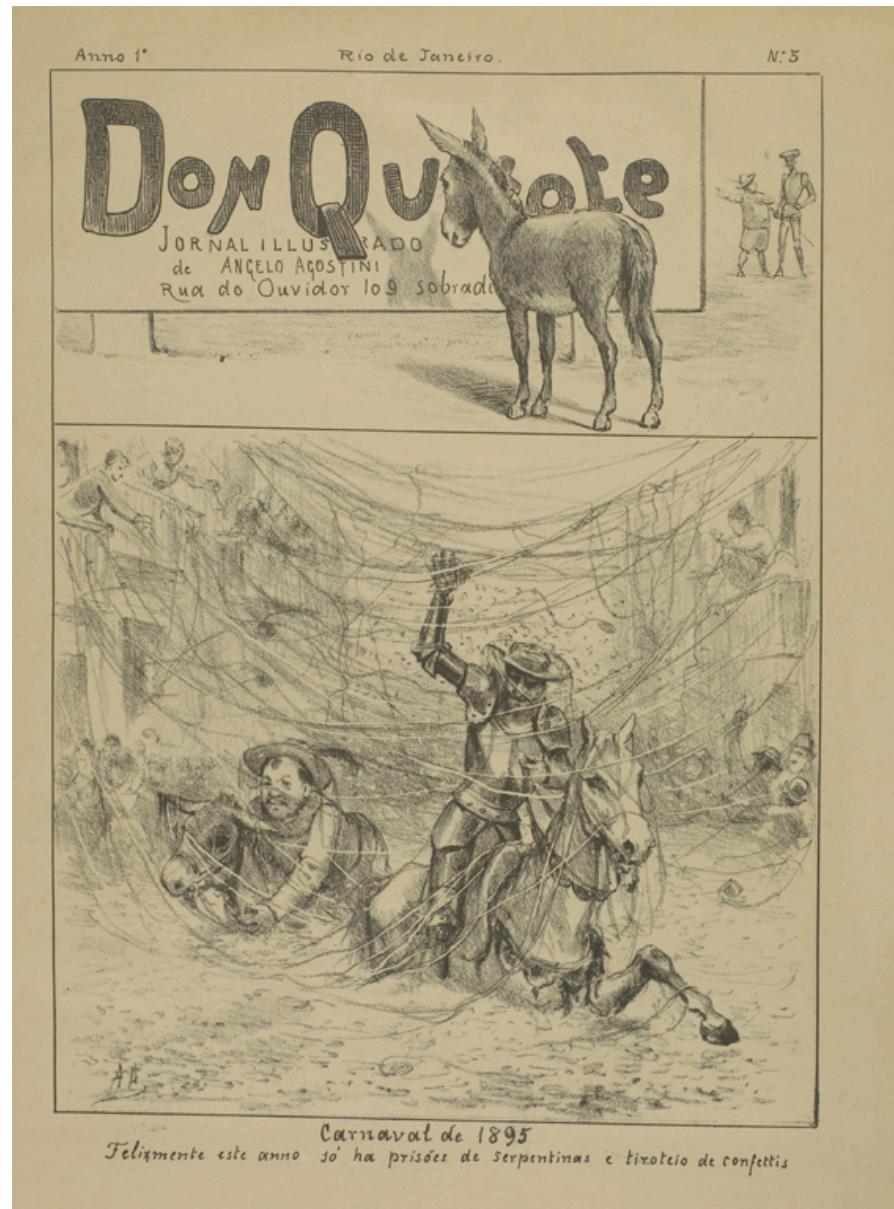




O CARNAVAL DE 1876.



À esquerda, charge de Angelo Agostini para a Revista Ilustrada, "O Carnaval de 1876", 1876.  
Acima, capa da revista "O Mosquito", charge de Rafael Bordalo, 1876.



Don Quixote: Jornal Ilustrado de Angelo Agostini (1895 – 1903)

Foi uma publicação brasileira de sátira política, editada e ilustrada por Angelo Agostini. Chama a atenção nessa publicação as inovações que tratam o logotipo como cena autônoma e mutante, com viés metalingüístico, muitas vezes inter-relacionado com a ilustração principal.

Acima, capas de 1985.

# LA CALAVERA OAXAQUEÑA



*La Calavera valiente  
Todos quítense el sombrero  
Hoy acaba de llegar;  
Que así la deben mirar.*

Porque yo soy de Oaxaca  
Y no hay hombre para mí,  
Y ni a los más desalmados  
Las de arriba les pidi.



A cualquiera lo destripo;  
No me tiento el corazón,  
Y ninguno me haga menos,  
Que lo despacho al panteón.

De nadie me sé dejar,  
El miedo p'd mí no se hizo,  
V'a todos meto de golpes  
Y al hecho sin compromiso

Todos me levantan pelo.  
Conmigo nadie se mete,  
Y sáquense los que quieran  
Y vamos chinche al piquete.

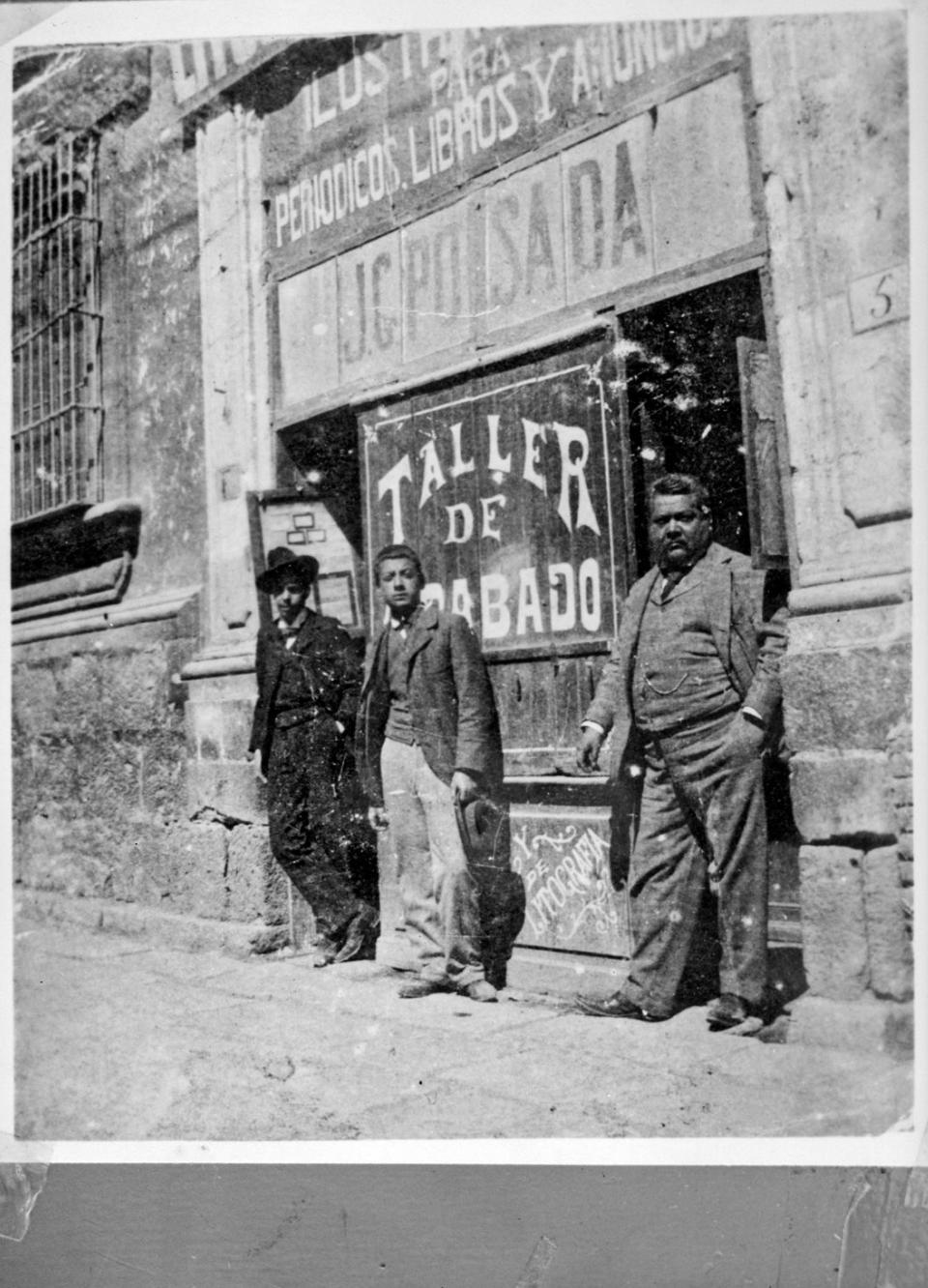
En mi tierra no hay coyones;  
Ni se rinden ni se rajan,  
Y a todos los habladores  
En el hoyo los encajan.

Si allí se fueran un poco  
Se quitaran lo molesto  
Con el mezcal de pechuga  
Y el mole prieto sabroso.



A mí ninguno me espanta,  
Y yo de todos me río  
La prueba es que le ha brincado  
Al brinador tapatio.

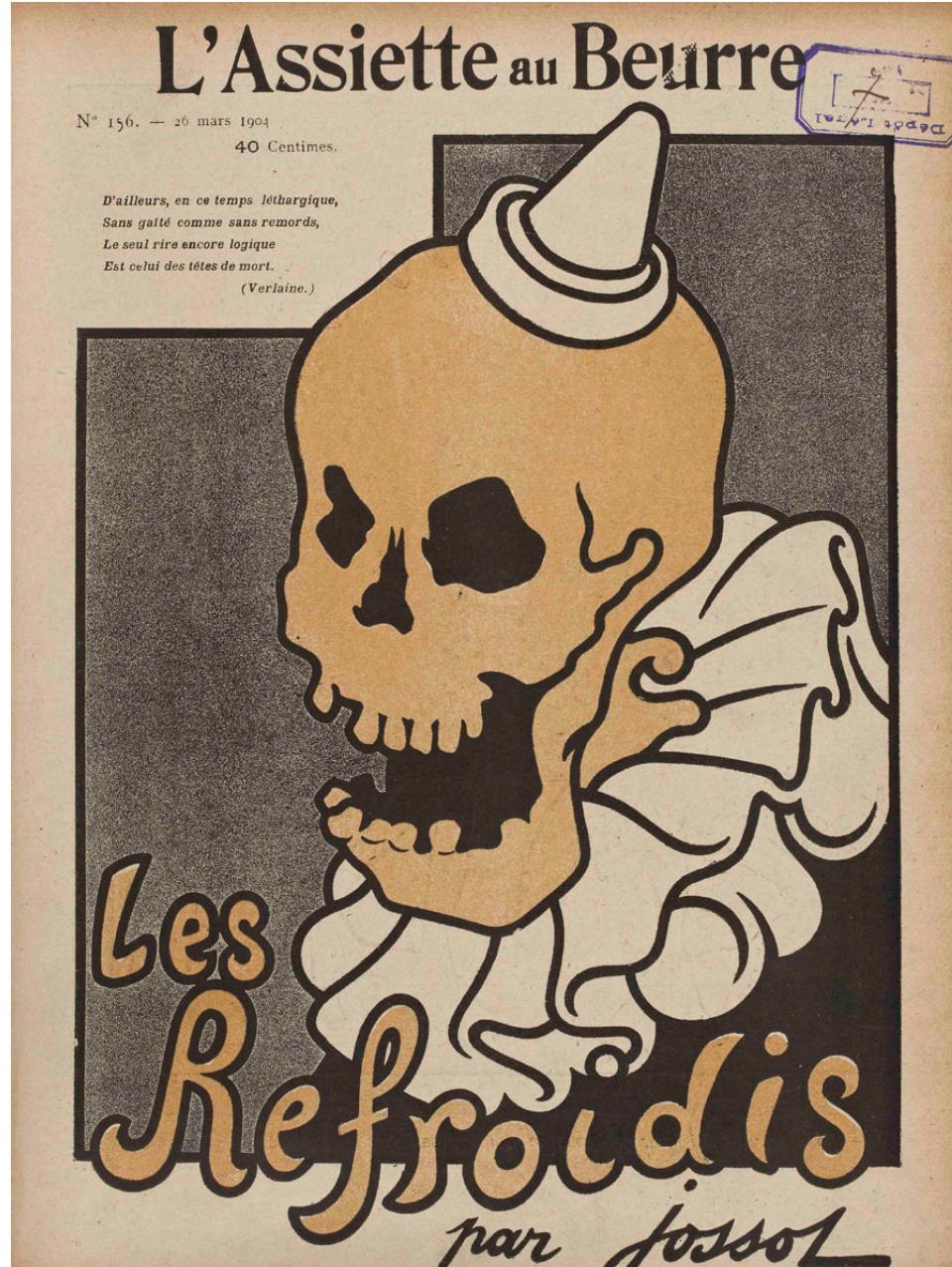
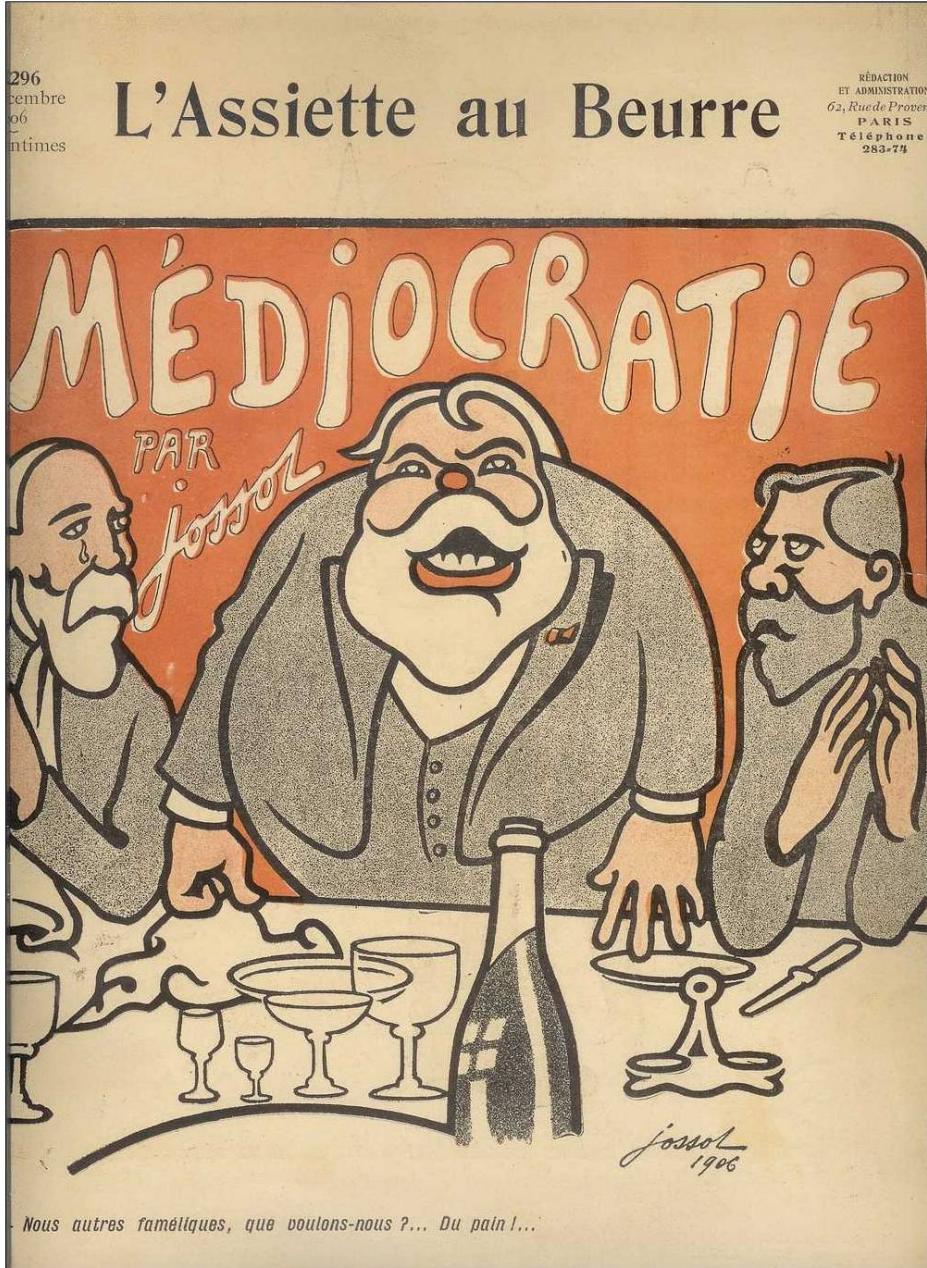
No tolero que me insulten,  
Charlatanes calaveras  
Que yo no soy hablado  
Sino valiente deveras.



**José Guadalupe Posada**  
(1852 – 1913): gravurista, cartunista e ilustrador mexicano. Apaixonado pela caricatura política, foi considerado por Diego Rivera como o protótipo do artista do povo e seu defensor mais aguerrido. Ficou célebre por seus desenhos e gravuras sobre a morte. Ajudou a consolidar a festa do dia dos mortos, por suas interpretações da vida cotidiana explorando caveiras como gente comum.

No canto esquerdo, "La Calavera Oaxaqueña", jornal, 1903.

Ao lado, Posada em frente ao seu ateliê na rua de Santa Inés (atualmente chamada Moneda), Cidade do México, por volta de 1900.



L'Assiette au Beurre (1901 – 1936) Revista satírica e ilustrada francesa, que saía semanalmente e tinha tendências políticas anarquistas. Sua mais importante fase aconteceu de 1901 e 1912. Capas de Jossot (1906 e 1904).



### Zincografia

Processo de impressão planográfica que usava chapas de zinco a serem impressas em relevo a partir de desenhos.

Alois Senefelder mencionou pela primeira vez o uso litográfico do zinco como substituto do calcário da Baviera (a tradicional pedra usada nas litos) em suas especificações de patente inglesa de 1801.

Em 1881, a firma Angelo & Robin (do francês Paul Robin e de Angelo Agostini) passa a adotar a zincografia no Rio de Janeiro.

A zincografia viria a se popularizar com a possibilidade de produzir matrizes a partir de imagens fotográficas, num processo denominado **autotipia**.

# REVISTA DA SEMANA

Ano I. — N. 1

Domingo, 20 de Maio

Número: 300 réis



BIBLIOTHECA  
NACIONAL  
RIO DE JANEIRO

## AS FESTAS DO IV CENTENARIO



O monumento commemorativo do descobrimento do Brasil, trabalho do escultor Rodolfo Bernardelli.  
Vista da praça da Glória no dia 3 de Maio

(Photographia oferecida pelos Srs. Bastos & Dias)

### Instantaneo electoral

E vem de molde, a calhar, o applauso sincero do Povo Carioca à delícia que foi a phantasia das ultimas eleições municipais.

Foi mesmo uma cousa phantastica. Dos 3.459 1/2 candidatos a intendentes foram eleitos... todos sem distinção de cor (com perdão do Sr. Monteiro Lopes nem de partido).

Um delles representa até a vontade legítima dos eleitores municipais - é a administração de cemiterio.

A sua eleição caracteriza bem o sistema de votação postuma, em tão bona hora implantada nas nossas instituições pela celebre gente da geometrica zona eleitoral do triângulo.

A divisa de S. S. nos actos publicos será naturalmente:

*Cada um enterra seu pae como pode e desenterra os seus eleitores como quer.*

Este pequeno accrescimo é indispensavel aos nobres sentimentos de gratidão de S. S.

FON-FON!



Uma cavação preta

E por este sistema rapido de votação postuma, estão eleitos varios candidatos... que se vão transformar nos mais legítimos inimigos dos credores por serem os representantes directos e inconfundíveis de todos os *cadaveres*.

Em paz e ás mósicas.



O Dr. Monteiro Lopes distribuindo cédulas... em branco

### Autotipia (foto-zincografia)

A reprodução fotomecânica pelo processo de autotipia consiste na preparação de um clichê a partir da fotografia, onde os tons contínuos da imagem eram reduzidos a uma trama de retículas: minúsculos pontos, de dimensões variadas que, impressos, nos dão a impressão de estarmos vendo "uma fotografia de verdade".

A partir do advento da retícula, a fotografia deixa de ser apenas um original, um artefato, tornando-se uma imagem multiplicada aos milhares em poucas horas.

Constitui uma verdadeira revolução: ao viabilizar, por meio da retícula, a reprodução de fotografias em meios-tonos, ela inicia de fato a mudança do eixo da linguagem do design gráfico que ocorreria em meados do século XX, passando da ilustração para a fotografia (em Linha do tempo do design gráfico no Brasil).

No canto esquerdo, capa da primeira edição da Revista da Semana, 20 de maio de 1900, publicação que popularizou a autotipia no país. Ao lado, página da revista Fon-Fon! n.1, 1907.



À esquerda, Rua 15 de Novembro em São Paulo, começo do século XX, foto de Guilherme Gaensly. Acima, Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), Rio de Janeiro, 1906. Foto de Marc Ferrez, acervo IMS.

Em 1900, São Paulo já é a segunda cidade do país, com cerca de 240 mil habitantes. Já a capital federal tinha, no mesmo ano, 600 mil habitantes.

"A atividade humana aumenta numa progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e executar em um minuto o que seus avós executavam e pensavam em uma hora (frase de Olavo Bilac, revista Kósmos, 1904).

"Os efeitos da Revolução Industrial e do crescimento das cidades enfim desembarcam nos trópicos, com uma força que deixa todos atônitos" (em Linha do tempo do design gráfico no Brasil, Cosac Naify)

**SUBURBAN LIFE**

VOLUME VI.—No. 1      January, 1908      Price, 25 Cents a Copy  
\$3.00 a Year

## Alice Barber Stephens' Unique Suburban Home

By MAIHEL TUKE PRIESTMAN  
Photographs by HENRY J. BENTZ

AFTER city dwellers have spent most of their lives in close contact with their work, and amidst the busy hum of town life, it is somewhat of an experience when they decide to change their mode of living and take up their quarters in the suburbs.

When Mr. and Mrs. Charles H. Stephens decided to make this change, they were dubious as to the wisdom of such a scheme. Alice Barber Stephens, whose work as an illustrator has brought her world-wide fame, had always had her studio on Chestnut street, in Philadelphia, where she had no trouble in securing models at any time. In their home on Green street, the entire top floor made a commodious studio for Mr. Stephens, where his sketches for illustrations were made, and where there was ample room for his famous collection of Indian curios, and his library. It was only after a great deal of consideration that the two artists decided to live in a suburban home, but at last they found in the neighborhood of Rose Valley an ideal situation, only a short mile from Moylan station. They found a barn on the place, and promptly decided to have it remodeled into studios, and a house built at one end of the building.

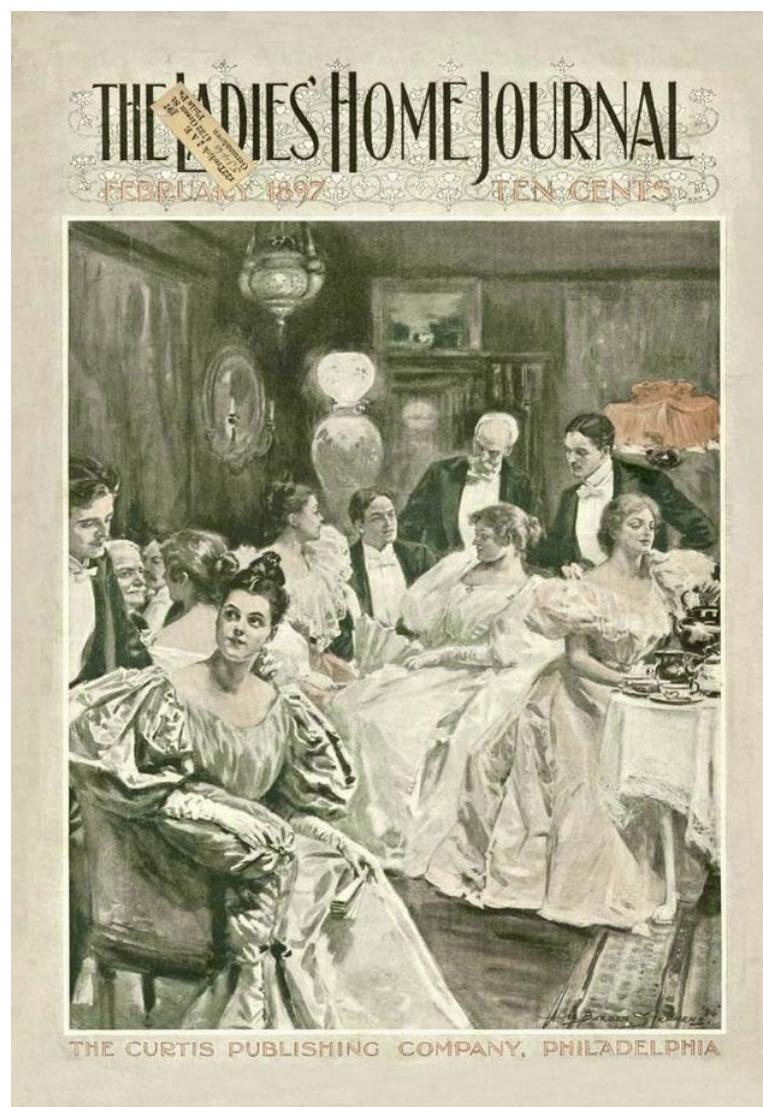
Mrs. Stephens, in speaking of their reasons for choosing this district, says, "It was because of a certain fraternal possibility, and because some of the earlier residents of the neighborhood were of the city sort, and were enthusiastic, that we had the courage to try so great a change and give our son the chance for an out-of-door life near his school."

Moylan is beautifully situated at the top of the hill overlooking the Pennsylvania valley, at the bottom of which winds the picturesque Ridley creek. Thickly covered hills rise from the valley on one side, while the road gradually ascends to Moylan on the other.

Mr. William L. Price and Mr. Hawley McLanahan were the first to realize the possibilities of this neighborhood becoming a center in which kindred spirits could dwell in pleasant social intercourse, and where work could be done under peculiarly ideal conditions.

"The Rose Valley Association" was the result of this conception. Twenty-five thousand dollars of the capital of the chartered company was spent by the Association in the purchase of seventy-five acres of land, in the alterations of buildings, and for fifteen acres of land which were set aside for a park. At

Alice Barber Stephens at Her Easel. Her Studio Is at the Rear of the House as Shown in the Upper Illustration



Alice Barber Stephens (1858 – 1932): pintora e gravadora americana, muito lembrada por suas ilustrações. Seu trabalho apareceu regularmente em revistas como a Scribner's Monthly, Harper's Weekly e o Ladies Home Journal.

Acima, capa para The Ladies Home Journal (1897).  
Ao lado, artigo publicado na Suburban Life em 1908.



Em 1879, seu professor na Pennsylvania Academy of the Fine Arts\*, Thomas Eakins, pediu para Stephens a ilustração de uma cena da classe da escola – para que fosse publicada na Scribner's Monthly. “Woman's Life Class” (acima à esquerda) foi seu primeiro trabalho creditado numa revista. Acima à direita: “The Woman Business”, pintura à óleo, 1897.

À medida que as oportunidades educacionais se tornaram mais disponíveis, as mulheres artistas começaram a tomar posição no meio, criando suas próprias associações de arte, por exemplo. Muitas mulheres nessa época passaram a promover e valorizar o trabalho feminino da Nova Mulher, em desenhos e também ao assumir esse tipo emergente em suas próprias vidas.

\* Alice entrou na escola em 1776, o primeiro ano em que eram admitidas mulheres.



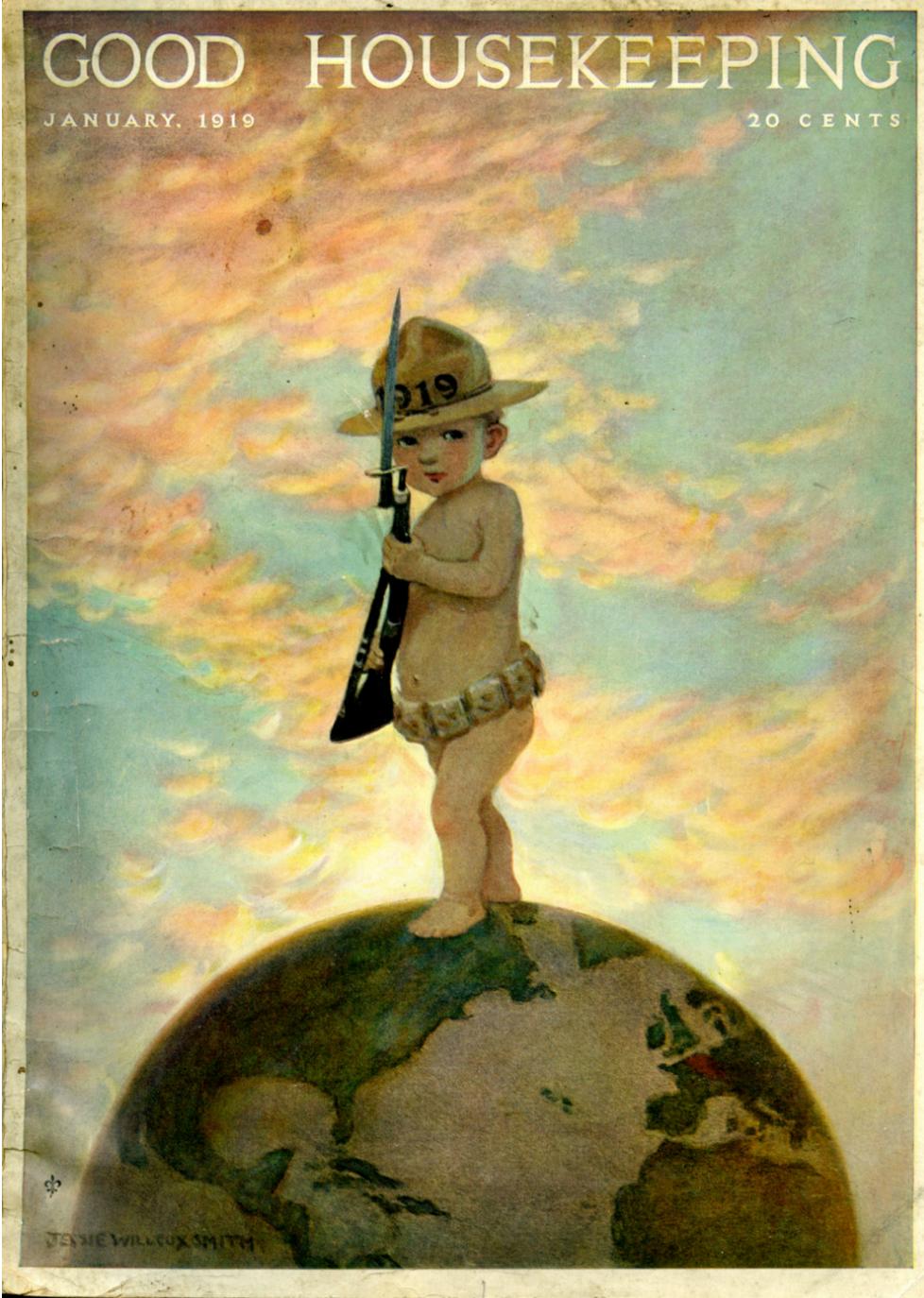
ELIZABETH SHIPPEN GREEN, VIOLET OAKLEY, JESSIE WILLCOX SMITH AND HENRIETTA COZENS IN THEIR CHESTNUT STREET STUDIO, CA. 1901.  
VIOLET OAKLEY PAPERS, 1841-1981. ARCHIVES OF AMERICAN ART, SMITHSONIAN INSTITUTION.

### The Red Rose Girls (1863 – 1935)

Henrietta Cozens (com regador) e as ilustradoras Elizabeth Shippen Green, Violet Oakley, Jessie Willcox Smith no Chestnut Street Studio, antes de se mudarem para Red Rose, 1901.

Três mulheres da Filadélfia, ilustradoras de sucesso para livros e revistas na virada do século XX, forjaram um relacionamento comunitário não convencional.

Junto com a amiga Henrietta Cozens, elas montaram uma casa na pousada Red Rose, na Filadélfia, e se denominavam “Cogs family” - nome formado a partir das letras iniciais de seus nomes -, mas a imprensa as chamava de Red Rose Girls.



Acima: fotografia de Violet Oakley, Jessie Willcox Smith, Elisabeth Shippen Green e Henrietta Couzens (1901).

Ao lado, capa de Jessie Wilcox Smith para a revista Good Housekeeping, 1919.



**Rian - Nair de Teffé (1886 – 1981)**

Por muitos considerada **a primeira mulher caricaturista do mundo**, essa brasileira apresentou no país um traço inovador e sintético com influência da arte gráfica francesa do período.

Nascida em Petrópolis, pertencia à alta elite carioca, sendo filha dos Barões de Teffé e neta do conde Von Hoonholtz.

Cresceu no sul da França e recebeu educação na Europa. Frequentou os melhores conventos da região e aos 11 anos ingressou no curso Vivaudy, uma fechada escola da Riviera que só recebia 36 alunas.

Ao lado, foto de Rian criança tirada por F. Mulnier. Acima, Nair de Teffé sendo retratada pelo pintor francês Guiraud de Scevola, por volta de 1910. Foto publicada na coleção “Nosso Século”, Editora Abril, 1980.



A carreira de Rian foi curta, com produção significativa entre 1906 e 1913.

Além das publicações em revistas, ela também vendia originais sob encomenda.

No meio editorial, além da Fon-Fon!, fez trabalhos para a Gazeta de Notícias e Careta.

Seguiu com trabalhos e exposições até 1913, quando teve sua carreira praticamente interrompida aos 27 anos, após se casar com o amigo de família e então Presidente do Brasil Hermes da Fonseca.

No canto à esquerda, capa da revista A Ilustração Brasileira com foto do casamento de Rian e Hermes da Fonseca, 1913.

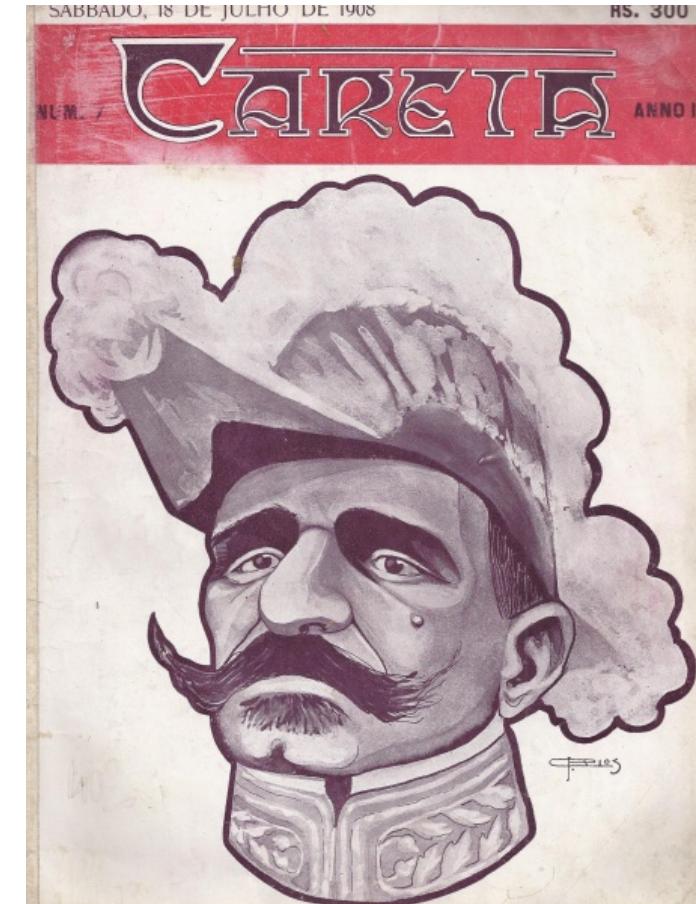
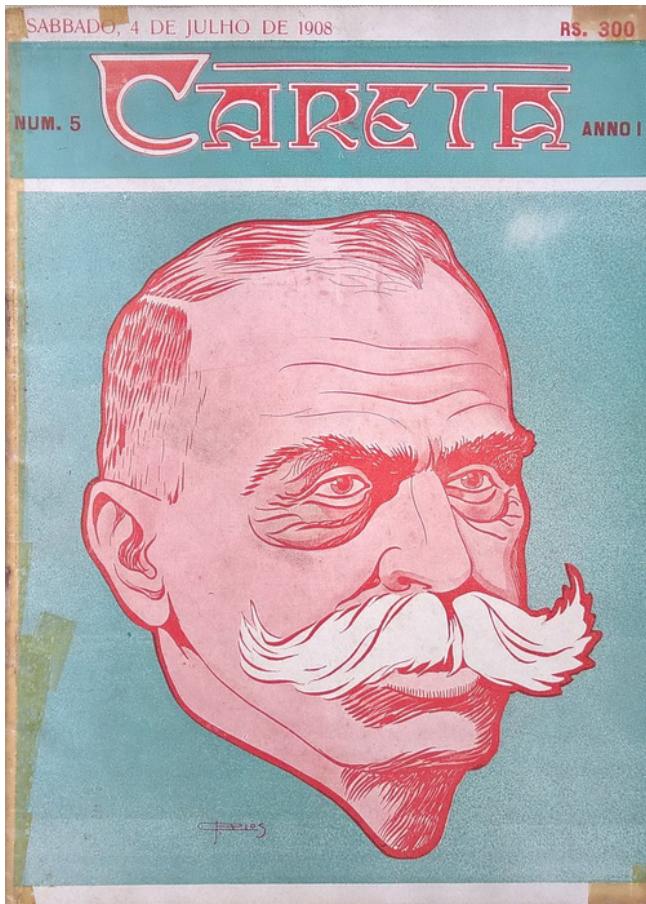
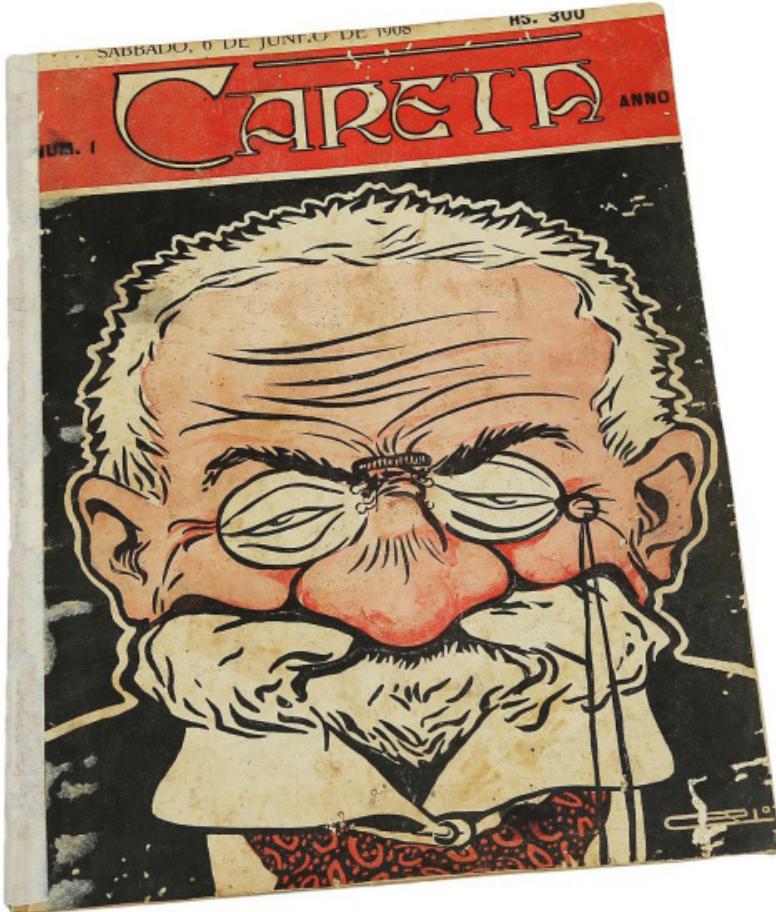
Ao lado, exposição das caricaturas de Rian em 1912, documentada pela revista Fon-Fon!



Retratando figuras de seu próprio meio, Rian evitava a afronta em suas caricaturas. Por outro lado, tinha o olhar de quem conhecia muito bem o contexto, atento a minúcias.

Acima à esquerda, sua primeira caricatura, retrato da artista Réjane, 1909.

Acima à direita, desenho publicado na Fon-Fon!, 1910.

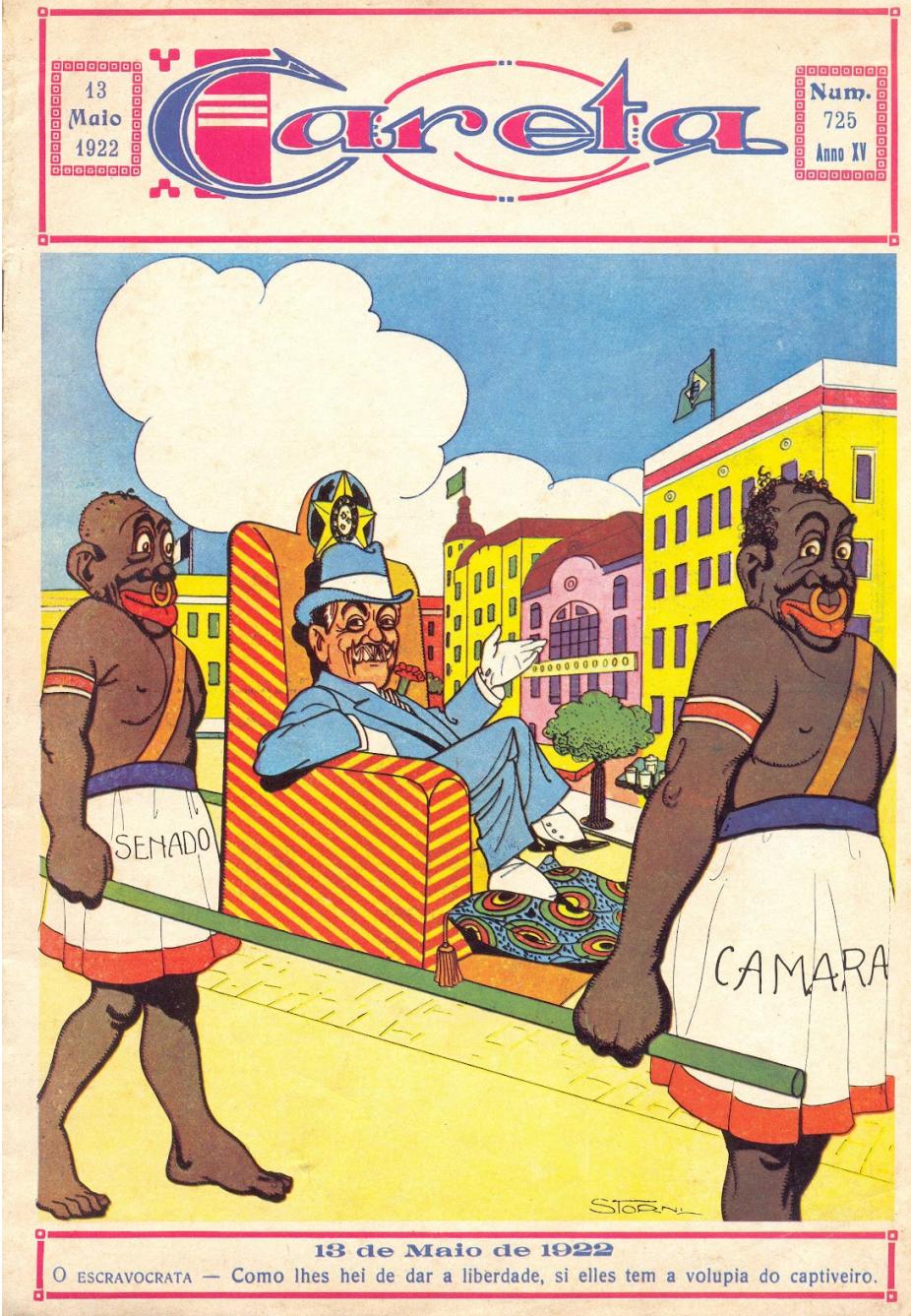


Careta (1908 – 1960)

Periódico de caráter editorial satírico e humorístico fundado por Jorge Schmidt, teve entre seus colaboradores alguns dos melhores chargistas do país, como Raul e J. Carlos.

J. Carlos foi diretor e ilustrador exclusivo da revista até 1921. Ele deixou a revista para se dedicar à direção das publicações da empresa O Malho. Em 1935 retornou à Careta, onde trabalhou até morrer em 1950.

A capa da primeira edição (à esquerda) traz o presidente Afonso Pena em caricatura de J. Carlos. Acima, capas de 4 e 18 de julho de 1908, também no traço de J. Carlos.



Capas de Storni para a revista Careta, 1922 e 1926.



Revolução Russa de 1917: período de conflitos, iniciado em 1917, que derrubou a monarquia russa e levou ao poder o Partido Bolchevique de Vladimir Lênin. Na foto, soldados desfilam pela rua Nikolskaya em Moscou, outubro de 1917 (fonte: Wikipedia).



1. Капиталисты Румынии, Венгрии и  
Польши  
в малую Антанту соединяют силы.



2. Одна поменьше.-

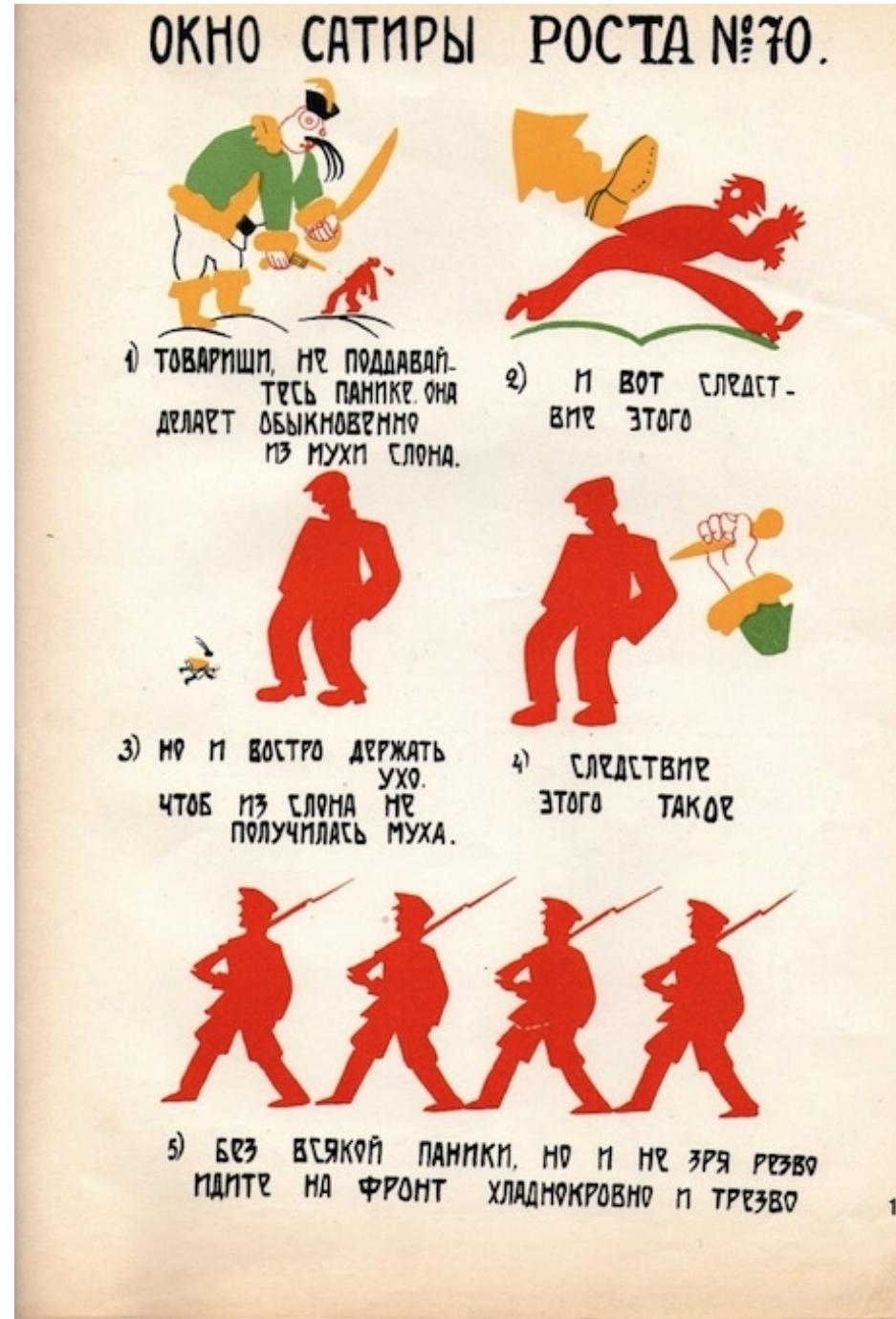


3. ДРУГАЯ ПОБОЛЬШЕ.



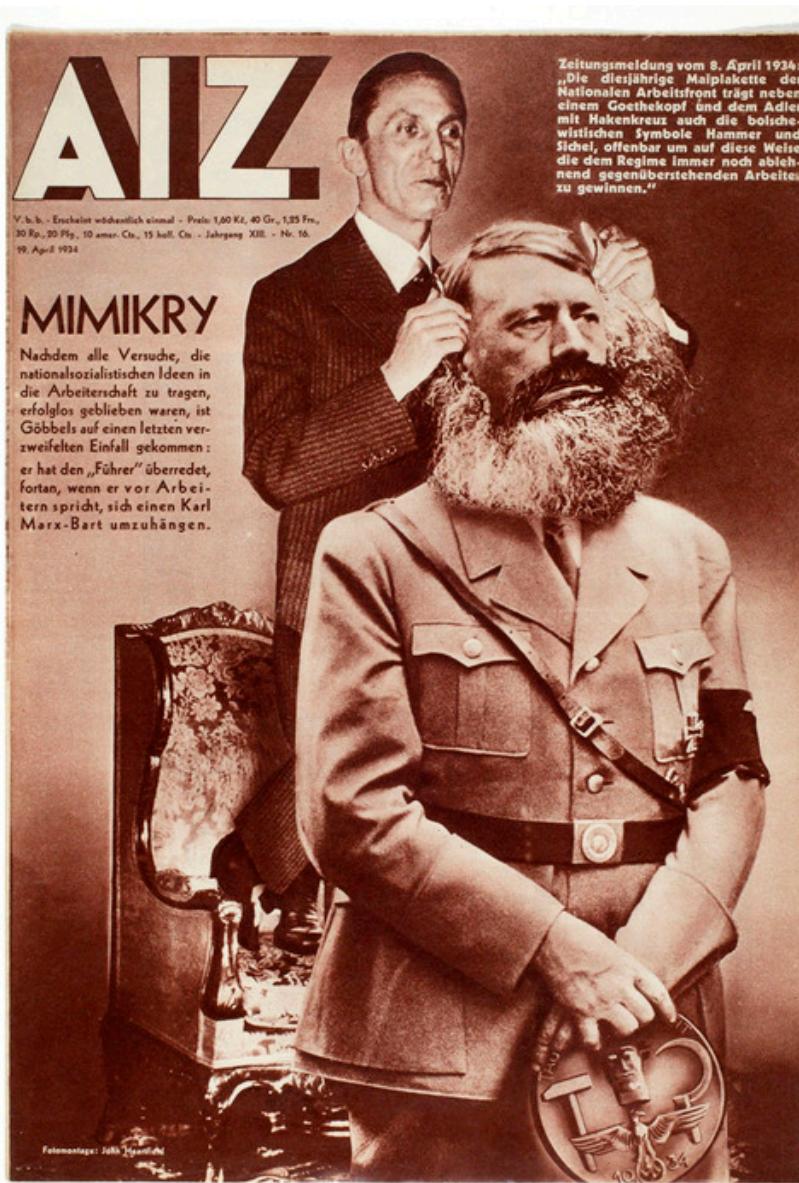
4. А вместе поместятся в одной  
могиле.

РОСТА №583



No canto à esquerda: Vladímir Maiakovski, Rosta, n. 583, 1920.

Acima,  
"Comrades, do not panic!", 1920.



John Heartfield: capas pra revista AIZ, 1927 e 1924.

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO**

**Aspectos Históricos – 1930 até 1970**



escola  
britânica de  
artes criativas  
& tecnologia



Raul Pederneiras, dois de seus tipos inconfundíveis, e o cachorrinho.



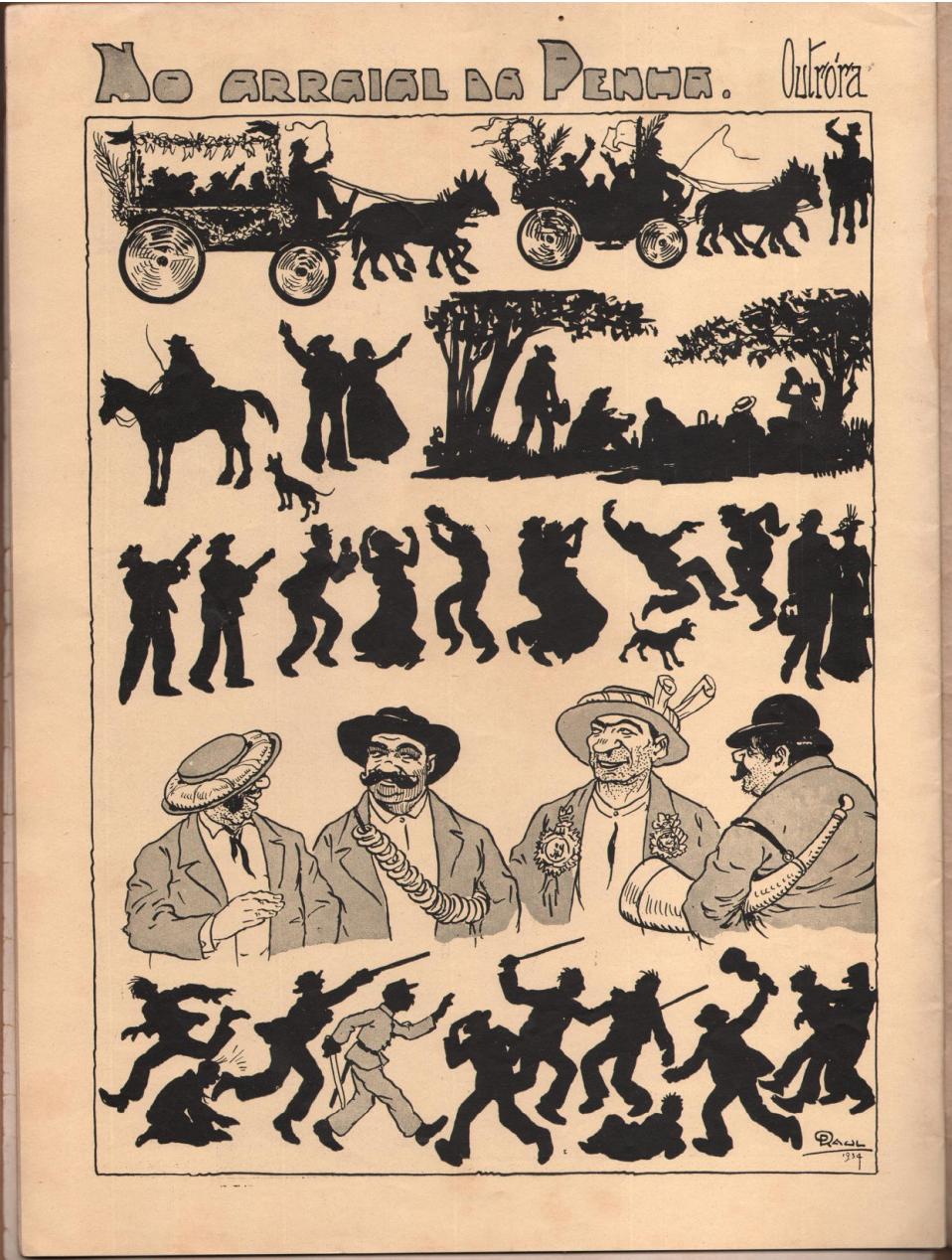
Raul Pederneiras (1874 – 1953)

Foi um caricaturista, ilustrador, pintor, professor, teatrólogo, compositor e escritor brasileiro.

Iniciou a carreira em 1898, no diário O Mercúrio, jornal impresso em cores que circulou no Rio no final do século XIX.

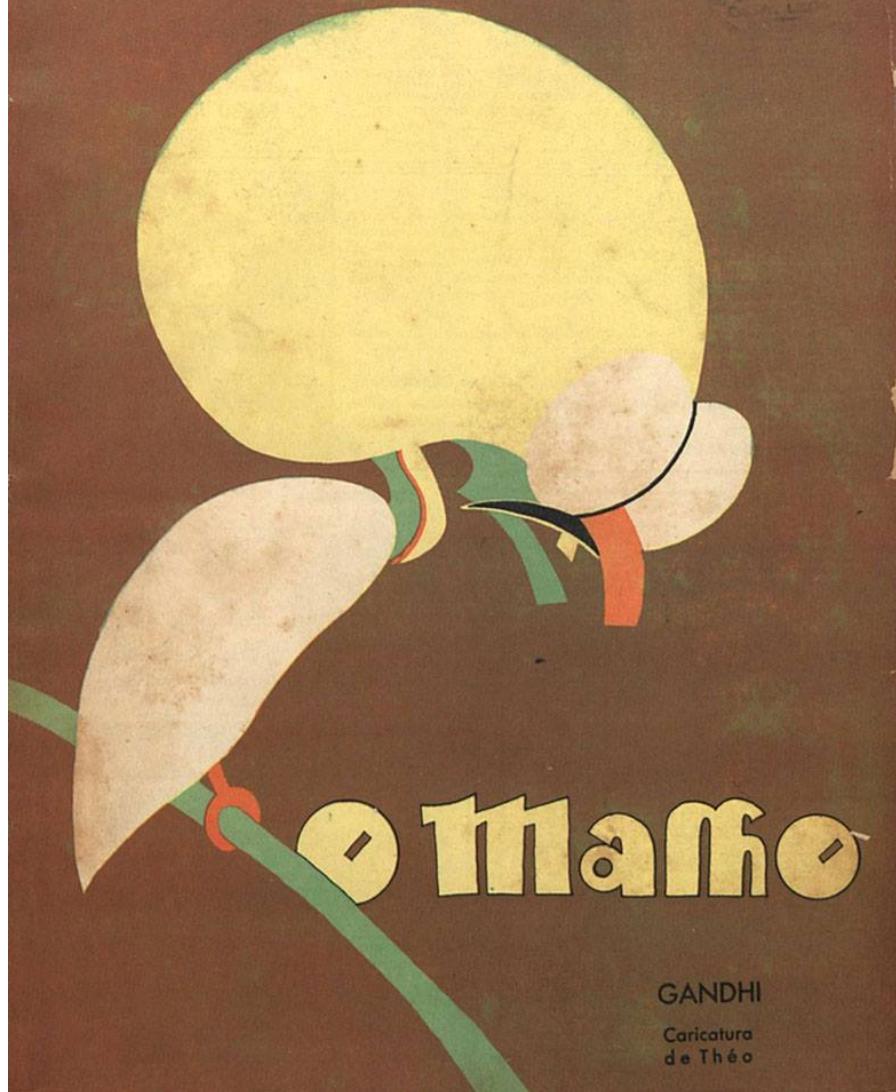
Manteve uma extensa e assídua participação em diversos periódicos cariocas, como A Revista da Semana, O Tagarela, D. Quixote, Fon-Fon!, O Malho e Jornal do Brasil.

Ao lado, Raul e desenhos de 1935. Acima, foto de Raul em 1944, publicada na Revista da Semana.



O cronista visual Raul Pederneiras: páginas da Revista da Semana, 1934.

ANNO XXXII  
NUMERO 4  
29 - 6 - 1933  
PREÇO 1\$200



**o malho**

GANDHI  
Caricatura  
de Théo

ANNO XXXII  
NUMERO 2  
15 - 6 - 1933  
Preço 1\$200



**o malho**

Caricaturas de Théo para as capas de O Malho: Gandhi e Hitler, 1933.

Stuttgart, 15. Mai 1932

Preis 60 Pfennig

37. Jahrgang Nr. 7

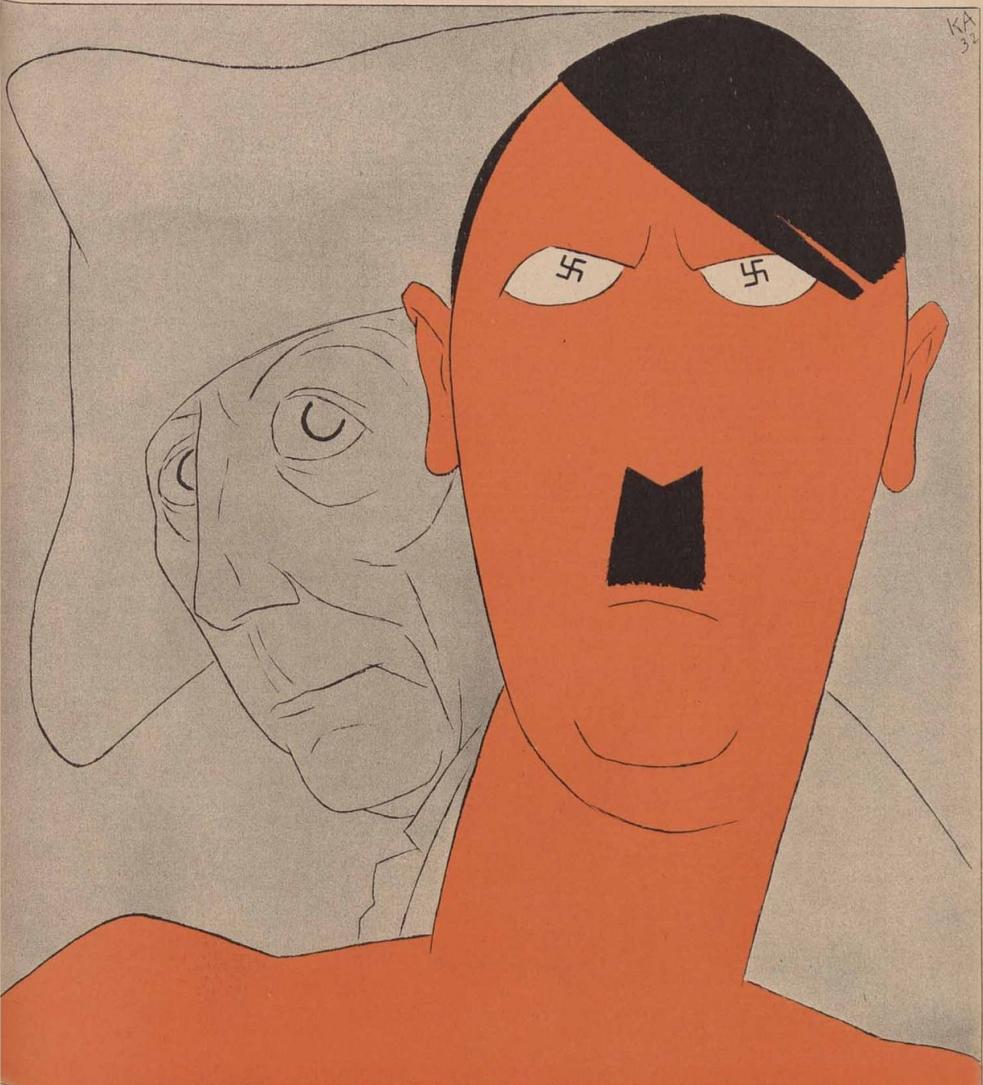
# SIMPLICISSIMUS

Herausgabe: München BEGRÜNDET VON ALBERT LANGEN UND TH. TH. HEINE

Postversand: Stuttgart

*Heil Preußen!*

(Karl Arnold)



„In Meinem Staate kann jeder nur nach Meiner Façon selig werden!“

München, 19. Mai 1940  
45. Jahrgang / Nummer 20

30 Pfennig

# SIMPLICISSIMUS

VERLAG KNORR & HIRTH KOMMANDITGESELLSCHAFT, MÜNCHEN

Churchill und die Neutralen - Churchill e i neutrali

(Karl Arnold)



„Für Englands Bedürfnisse sterben immer noch zu wenig Hilfsvölker!“  
“Per i bisogni dell’Inghilterra muoiono ancor sempre troppo pochi popoli!“

Capas de Karl Arnold para a revista alemã Simplicissimus.  
Ao lado, capa sobre Hitler, 1932.  
Acima, ilustração com Churchill, 1940.



**Andrés Guevara** (1904 – 1963) foi um chargista, ilustrador, pintor e artista gráfico paraguaio. Viveu e trabalhou em três países da América do Sul: Paraguai, Brasil e Argentina.

Em sua primeira passagem pelo Brasil, em 1923, ficou conhecido como chargista e ilustrador.

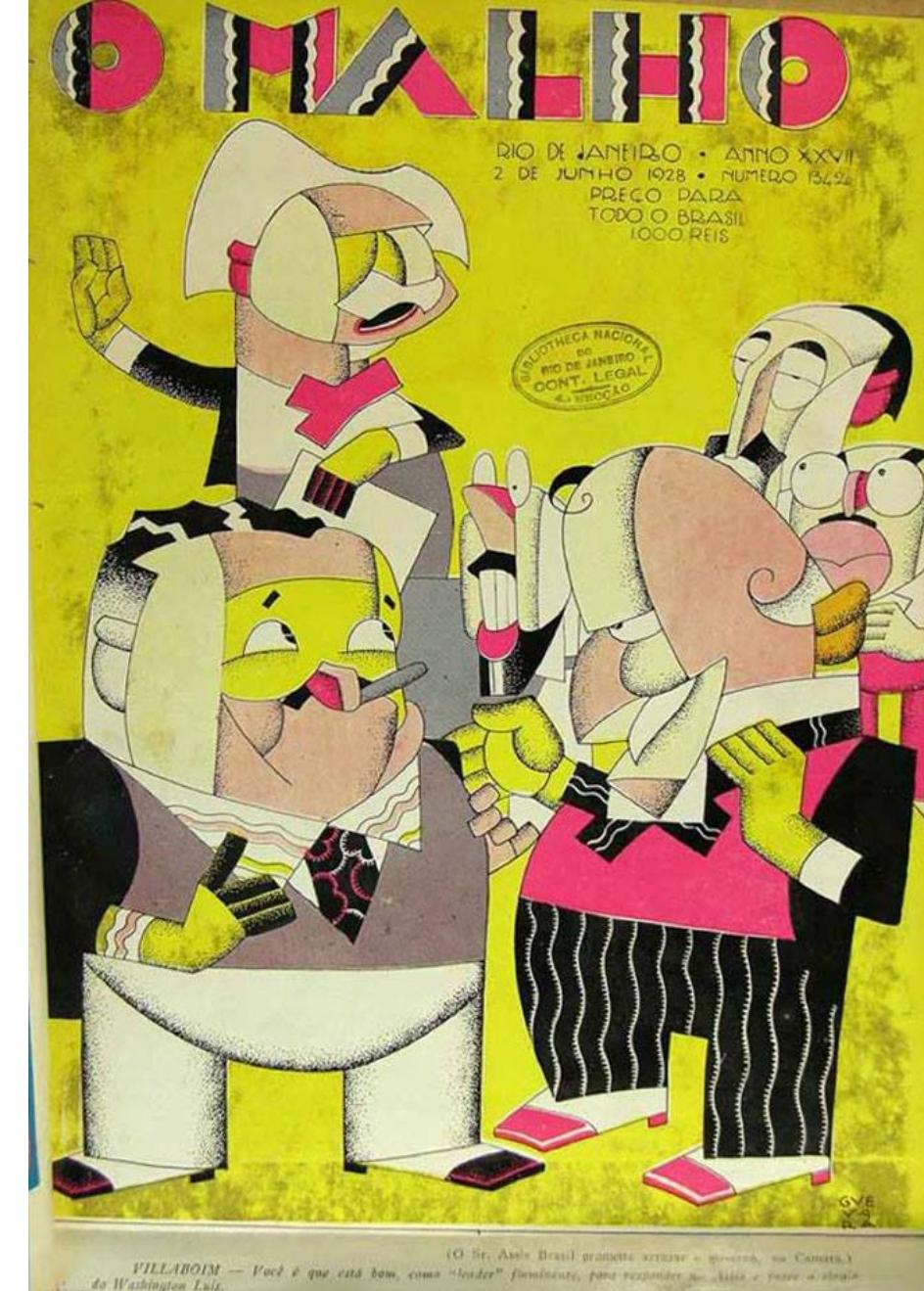
Trabalhou para **A Maçã** entre 1923 e 1925, como chargista para **A Manhã** (onde fez parceria com o Barão de Itararé) entre 1926 e 1929, e para o jornal **Crítica** a partir de 1929.

Em 1930 muda-se para a Argentina. Em Buenos Aires trabalhou como designer gráfico e ilustrador, ficando mais conhecido como “artista gráfico”. Introduziu modernas técnicas de diagramação e planejamento gráfico nos jornais por onde passou.

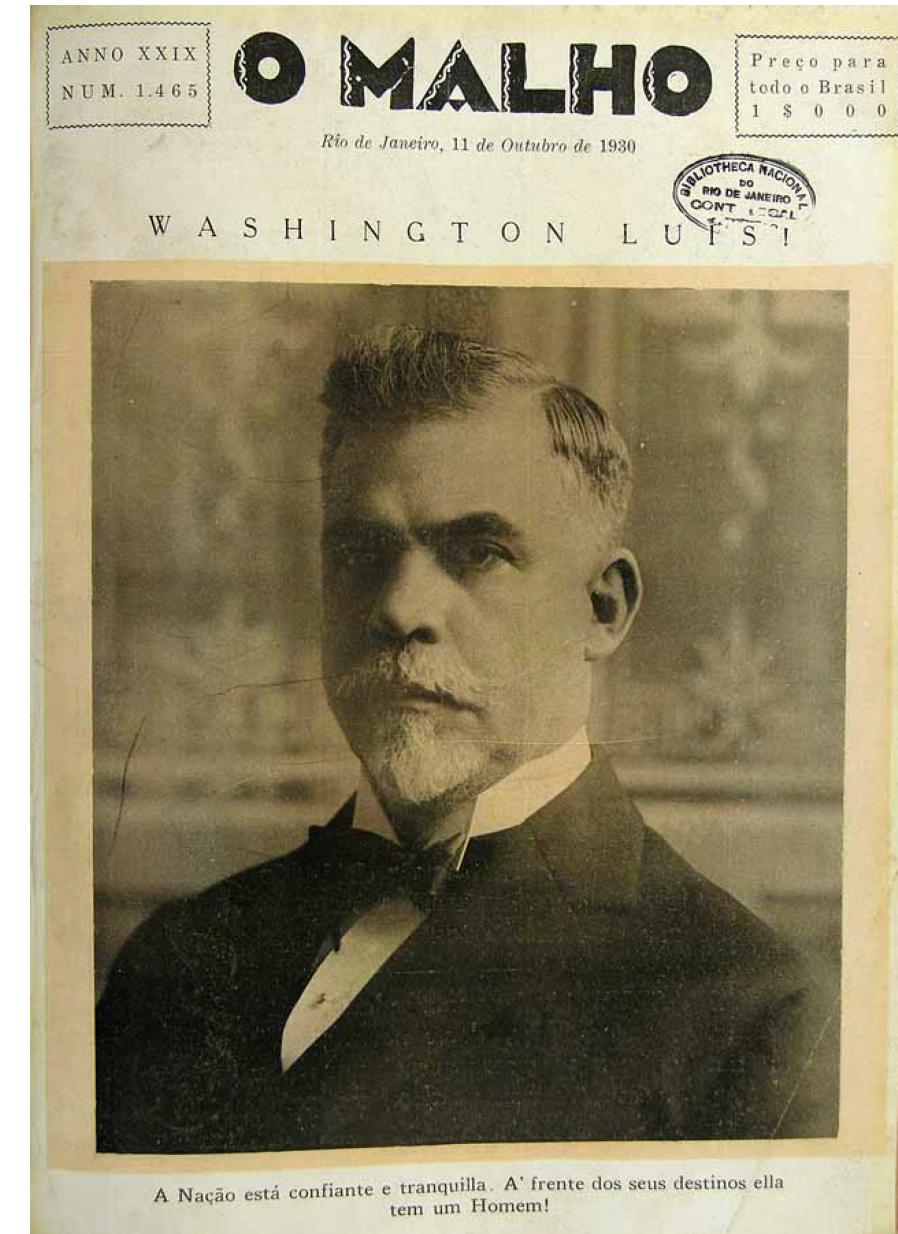
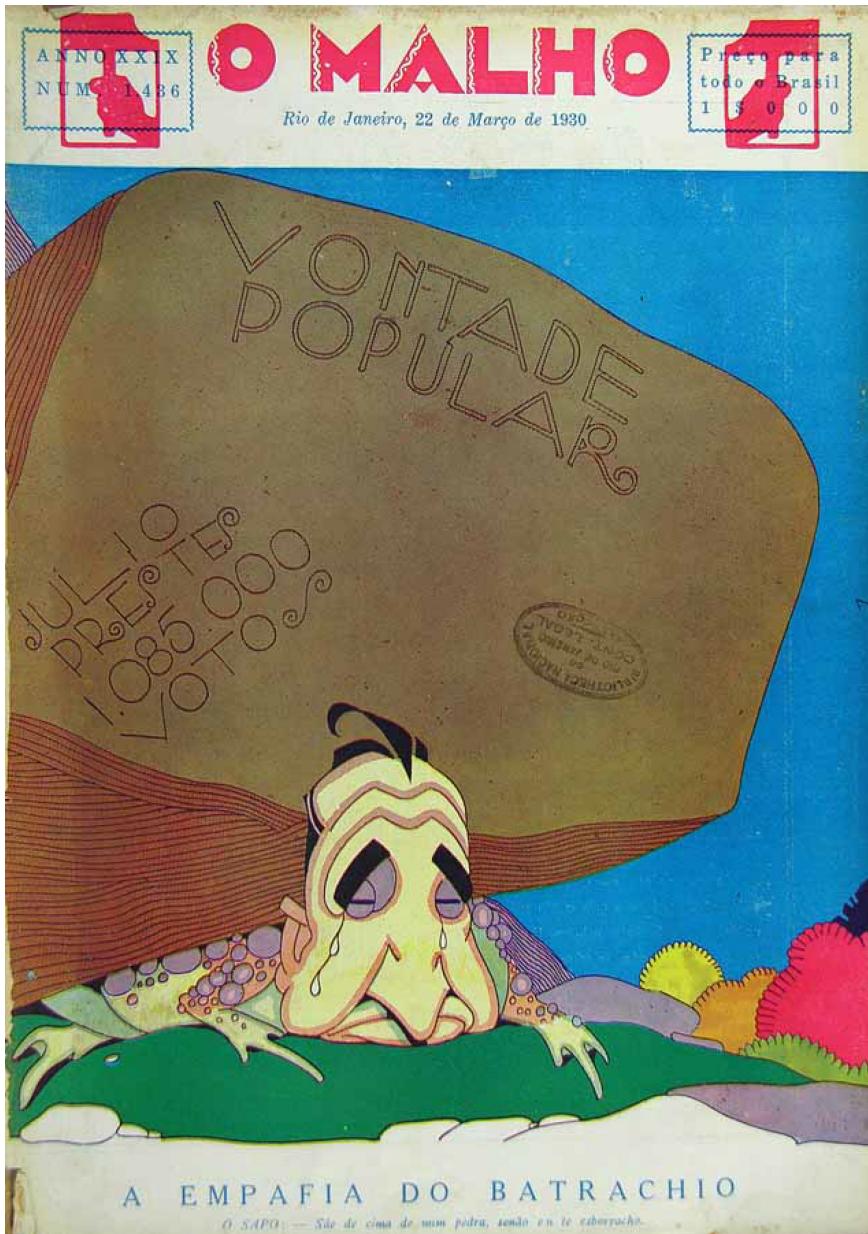
Depois de mais um tempo no Brasil e Argentina, repete em 1959 a parceria com o Barão de Itararé no **Almanhaque**. Em 1950 foi contratado para implantar o projeto gráfico no jornal **Última Hora**.

Retorna para Buenos Aires e se dedica à pintura nos últimos anos de vida.

À esquerda, foto de Guevara (no canto direito) com o Barão de Itararé (à esquerda) na redação da Folha Carioca, em 1944.



Andrés Guevara: capas em seu estilo “cubístico” para a revista carioca O Malho, 1928.



J. Carlos: capa para a revista O Malho, março de 1930. No alto, à direita, capa com Washington Luís, outubro de 1930.



J. Carlos: acima à esquerda, capa da revista O Malho zomba da Aliança Liberal de Getúlio Vargas, maio de 1930. Assim que Vargas assume o poder na Revolução de 1930, a revista é fechada por algum tempo. Quando volta, não traz as charges carregadas de opinião tão características da publicação.

Para a jornalista Janaina Ávila, a causa do fechamento foi a capa acima à direita, de agosto de 1929.



“Essa colaboração no Cruzeiro de 1943 a 1945 (páginas duplas semanais) representa seguramente a melhor fase da atividade artística de Nássara.” (Herman Lima, História da Caricatura do Brasil, 1963). Acima, página dupla de Nássara para a revista O Cruzeiro, 1943.



Acima, capa da revista O Cruzeiro de 1938.

Em 1938, Millôr entra como contínuo na pequena revista O Cruzeiro, graças ao Tio Armindo Viola, diretor de gráfica da publicação.

Ao lado, foto de Millôr com seu tio Viola em 1944. Publicada no livro "Millôr Fernandes Desenhos", Editora Raízes, 1981.



# O Pif-Paf

CADA MUNDO  
É EXEMPLAR  
CADA EXEMPLAR  
É UM MUNDO

**É bem verdade que uma prosperidade súbita estraga a maior parte das pessoas — mas nós gostaríamos de correr o risco.**

VARIACÕES EM  
TÓRNO DE  
VELHOS TEMAS



## O HOMEM EM RELAÇÃO A MULHER

Não, nunca ninguém vai entender: se um homem tem obsessão por mulher... é um devasso. Se não pensa em mulher... é suspeito. Se só fala na própria mulher... é um dominado. Se não gasta nada com mulher... é um pão-duro. Se gasta tudo com mulher... é um perdiário. Se vive à custa de mulher, é um explorador... de mulheres. Se tem várias mulheres, é poligâmico, um criminoso! Se é infiel à mulher... é um canalha. Se a mulher lhe é infiel... é um ultrajado. Se não gosta mesmo de mulher... é um misógino. Se só gosta de mulher nua... é um tarado. Se não gosta de mulher nua, mas, ao contrário, das coisas que ela veste... é um fetichista. Se bate na mulher... é um monstro. Se apanha da mulher... é um frouxo. Se casa muito cedo... não aproveitou bem a vida, não adquiriu experiência para viver com uma mulher. Se casa muito tarde... boa não acontecerá.

**Futebol é um jôgo do qual participam vinte e dois jogadores, dois bandeirinhas e cem mil juízes.**

Das conclusões do País, nós publicamos as últimas. Escrito tudo em perfeito estilo, sempre muito breve. Tenha um crime sido perpetrado, nós o glossamos. Morto um homem célebre, está público, com contornos próprios. Redator-Geral no colégio estando, escreve danado. Circulamos sempre, na chuva ou no sol, sem extorcionismo para anunciantes.

COMPOSIÇÃO INFANTIL

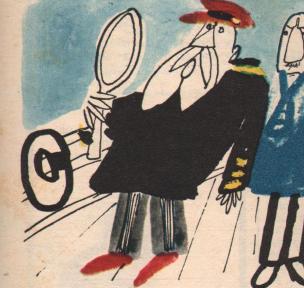
# O CRISTÃO



Cristão era uma pessoa de barba antigamente, que vestia saião e ia crucificado mas hoje se chama Cristão a gente que vai na Igreja sobretudo no domingo pros outros não falar mal. Cristão é ainda uma pessoa que só faz o bem e quando recebe uma bofetada oferece a outra face. Lá em casa eu acho que papai é cristão, mas mamãe não é não.

O CRUZEIRO, 5 - 3 - 1960

# HAI-KAI-HAI-KAI-HAI-KAI



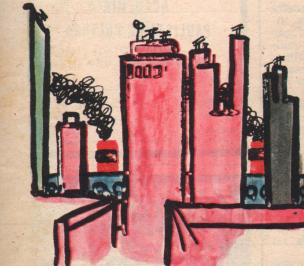
Algo grave, grumete:  
o espelho de bordo  
não reflete!



Um cientista atômico  
para melhorar o mundo;  
ou um cômico?



Aqui, em coorte,  
estão enterrados todos  
que entendem de morte.



A chaminé do navio  
brinca de esconde-esconde  
por entre os edifícios.



É o alvo  
das zombarias  
o leão calvo.



Tão pura a potrança  
que sua sombra  
é branca.



Emocionado, o velhinho agradece  
o elogio.  
A vaidade não envelhece.



Pretende um som belo  
o homem que coca  
a barriga do violoncelo?



Passarada a voar  
e a fruta apodrece  
por ter de ficar.

O CRUZEIRO, 5 - 3 - 1960

63

Formalmente, a partir de 1958 passa a manter sozinho a coluna Pif-Paf. Páginas acima: Pif-Paf: "O Cruzeiro", março de 1960.





Depois de sair da revista O Cruzeiro, Millôr transforma sua coluna em revista. Lançada poucas semanas depois do golpe militar e considerada o início da imprensa alternativa no Brasil, seria fechada no oitava número.

Imagen no alto à esquerda: Primeiro número da revista quinzenal O Pif-Paf, editada por Millôr Fernandes, 1964. Capa de Eugênio Hirsch, responsável pelo projeto gráfico da revista. Acima, à direita, ilustração de Ziraldo, 1964.



# EDITADO O ATO 5

- 1) Congresso em recesso
- 2) Confisco de bens
- 3) Suspensos “habeas” políticos
- 4) Restabelecidas as cassações
- 5) Líquida a vitaliciedade

É o seguinte o texto do Ato Institucional nº 5, ontem editado pelo Presidente da República:

CONSIDERANDO que todos esses fatos perturbadores da ordem são contrários aos ônus e responsabilidades do Mandamento de março de 1964, delegando ao presidente da República o direito de jurar e determinar a adotarem as presidenciais necessárias, que exitem sua destruição,

Resolve editar o seguinte

ATO INSTITUCIONAL

“Art. 1º — São mantidas a Constituição

II — suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;

III — proibição de atividades ou manifestações de caráter político;

IV — aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

a) — liberdade vigiada;

b) — proibição de frequentar determinados lugares;

c) — domicílio determinado;

§ 1º — O ato que decretar a suspensão

das direitos constitucionais mencionados no



ANO XLIV - Rio de Janeiro, sábado, 14 de dezembro de 1968 - N.º 12870

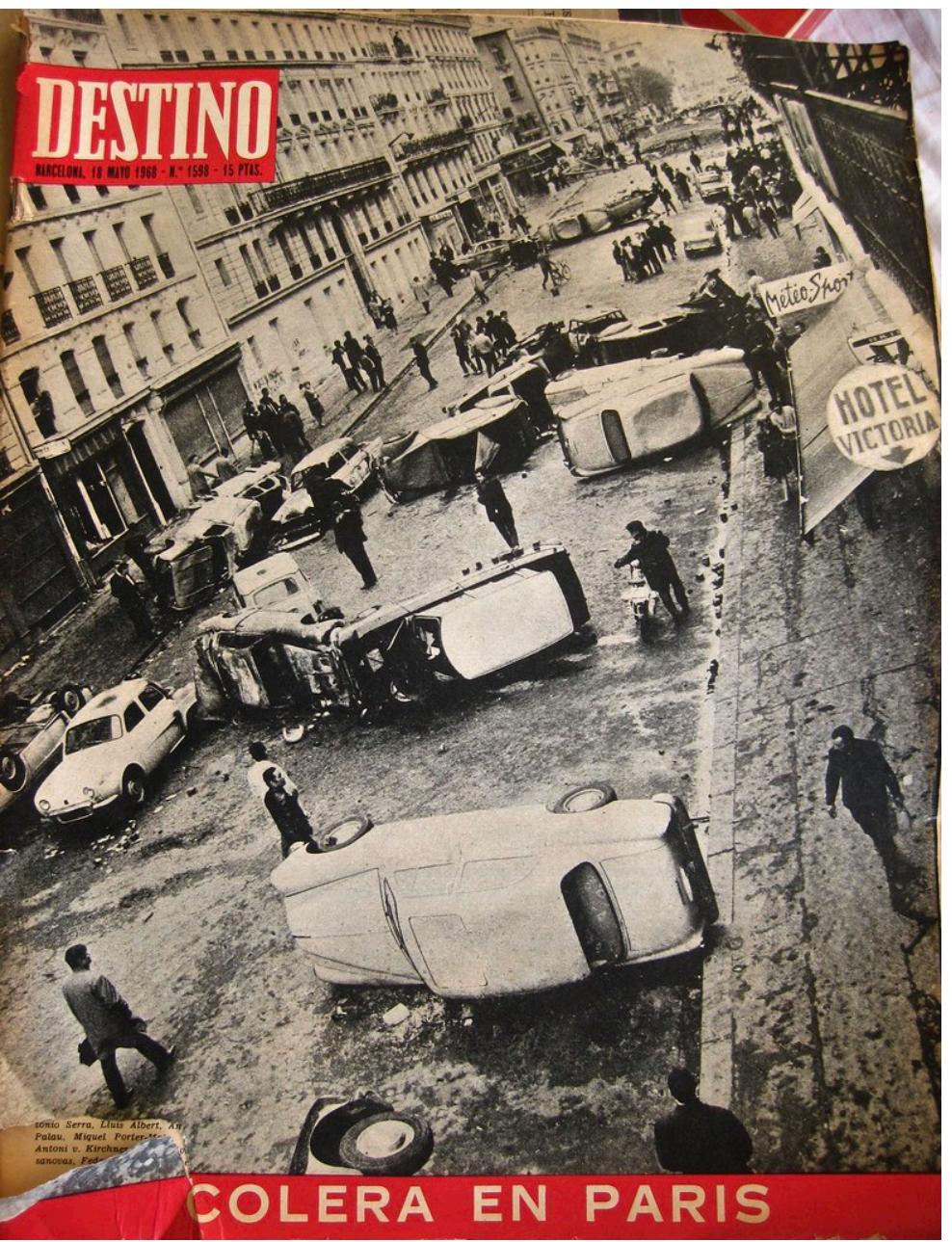
**O GLOBO**  
FUNDACÃO DE IRINEU MARINHO

Atrás de uma tela de rádio e televisão, o Ministro Luís Antônio do Gama e Silva, de óculos, enquanto fala, os dedos que levaram o Governo, dando o Conselho de Segurança Nacional a saber o Ato

AI-5: o Ato Institucional n.5 foi o quinto de 17 grandes decretos emitidos pela ditadura militar. O AI-5, emitido pelo presidente Artur da Costa e Silva em dezembro de 1968, foi o mais duro deles.

Acima, jornal O Globo noticiando o AI-5.

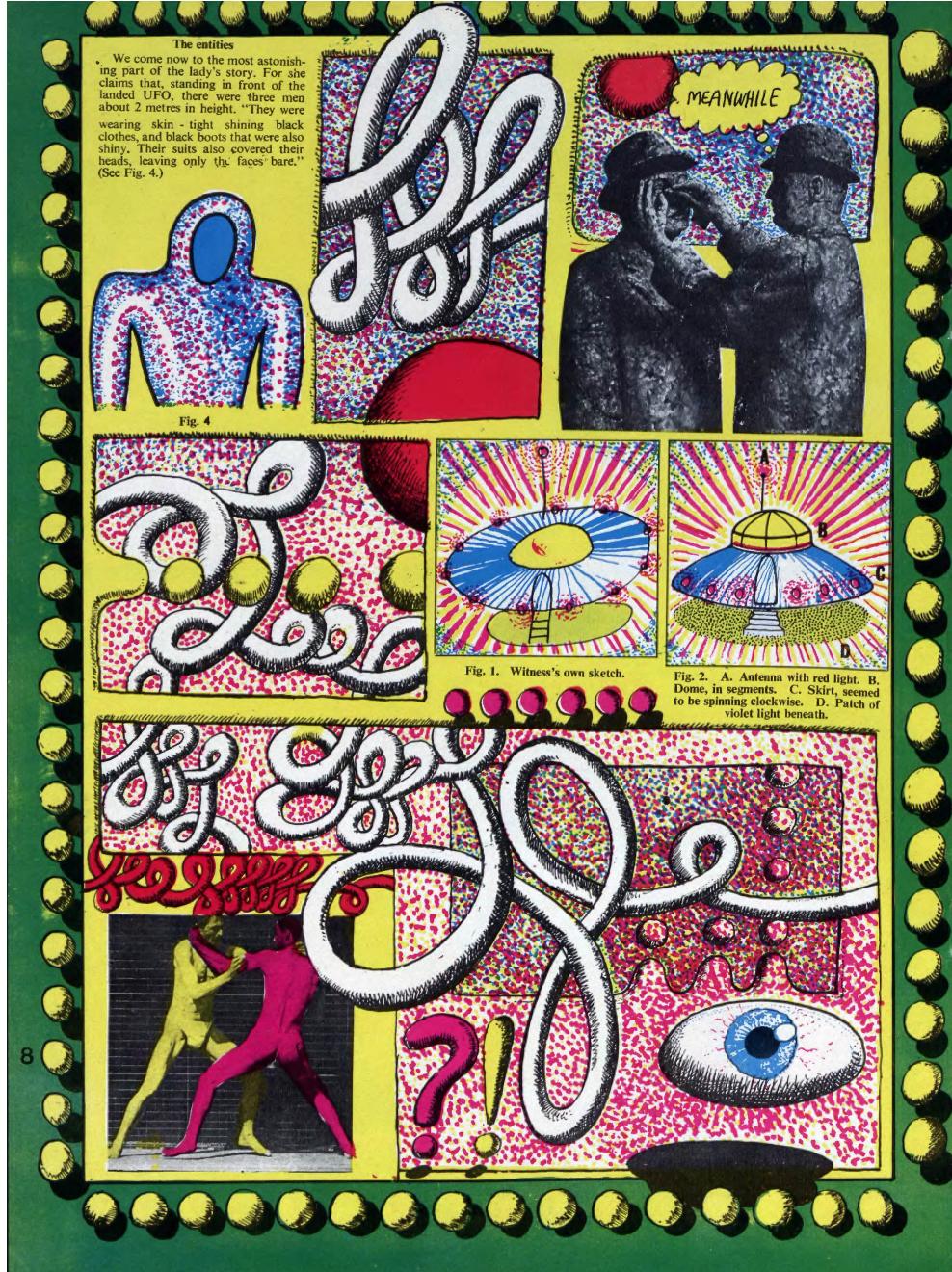
Ao lado, HQ de terror com roteiro de Reinaldo e Nani, e desenhos de Julio Shimamoto.



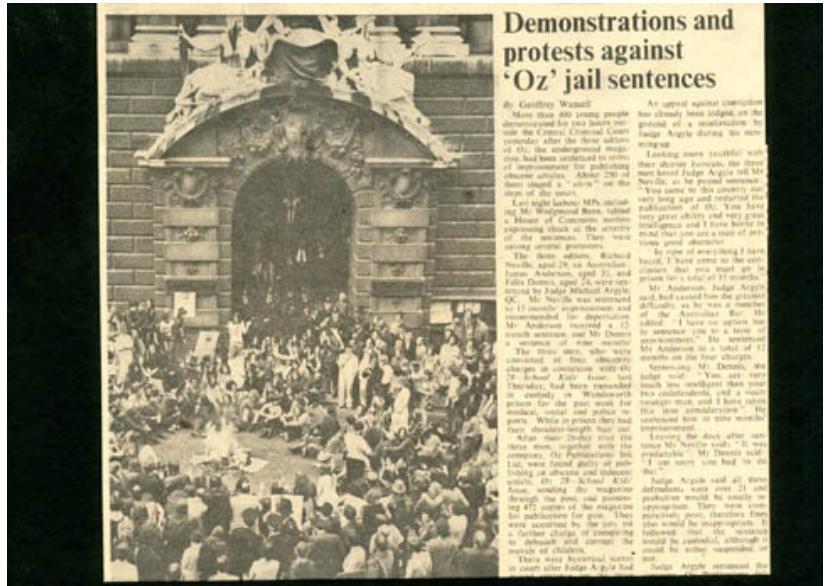
Maio de 1968

"Tempo de insurreição. Em Paris, Cidade do México, Praga, Los Angeles, Tóquio, Berlin, Rio (...) e todas as outras cidades do planeta. Reagindo ao avanço do capitalismo tecnocrático sobre todos os lugares e dimensões da vida cotidiana, os novos partisans transformam todos os lugares e dimensões em campo de batalha". (Rogério de Campos, ZAP Comics).

Acima, Atelier Populaire, maio de 1968. Ao lado, à esquerda, capa da revista Destino, 1968.



Oz era uma revista publicada independentemente e associada à contracultural internacional da década de 1960. Foi publicada pela primeira vez em Sidney em 1963, e teve uma versão paralela lançada em Londres em 1967, Durando até 1973. Acima, páginas de edições da revista.



## Demonstrations and protests against 'Oz' jail sentences

**By GAILLEY WATSON** Young people demonstrated for two hours outside the Central Criminal Court yesterday afternoon after the trial of Oz, the underground magazine, had been adjourned for publishing obscene articles. About 250 of them marched through the streets of the city.

Last night twelve MPs, including Labour's Michael Foot, called a House of Commons motion of censure against the magazine and its owners. They were strong ardent protesters.

The accused were Richard Neville, aged 28, an Australian publisher; James Anderson, aged 21, and Frank Dwyer, aged 20, both sentenced by Judge Michael Argyle QC 15 months. Neville was sent to prison for 12 months and Dwyer for 10 months, suspended for deportation. Mr Dwyer was given a 12-month sentence, and Mr Neville a 10-month sentence.

The three men, who were convicted of five obscenity charges, were tried at the Old Bailey yesterday. Neville, 28, had been arrested in April 1970 for publishing the magazine for the first time. He was given a 12-month sentence. The two others, Dwyer and Anderson, 21, were found guilty of publishing an obscene and indecent magazine for publication for gain. They were given 10-month sentences. There were further charges of conspiracy in obscenity and corrupting the morals of children and young persons. There were historical waters in court after Judge Argyle said:

## OZ EDITOR WARNS JUDGE OF DAMAGE TO GENERATION

**By C. A. COUGHLIN, Old Bailey Correspondent**

BEFORE the three defendants in the Oz obscenity trial were jailed at the Old Bailey yesterday, RICHARD NEVILLE, one of the accused, told the judge: "If you jail us you will damage the already failing optimism of the generation."

The damage, he said, would be to a concept of society as one that was just and tolerant and capable of observing within it many alternatives and varieties of the law.

Neville, also told Judge Michael Argyle, QC: "I feel that the three men, myself included, have done no more than try to allay the fears of the public about the magazine."

"There is a school that preaches sex as the way of the future," he said. "We have tried to do our best to allay those fears."

Neville, 28, of Falcon Gardens, Tiptree, Hertfordshire, had previously denied the charge of publishing James Anderson, 21, and Frank Dwyer, 20, of 12 months, and Frank Dwyer, 20, of 10 months. Neville was recommended to a 12-day trial.

On July 1, 1970, the 12-day trial, the three men and their co-defendant, Michael Foot, editor of Grand Publishing, Bristol, were found guilty of 15 of 16 charges of obscene articles. "Oz" was banned from May 1 and June 8, 1970.

The three men were given a variety of sentencing options for publication for gain, including imprisonment, fines, or community service.

They were found not guilty of obscenity in one of the cases, one containing obscene articles and another containing obscene drawings.

Richardson proved

WITNESS IN 300 SPEECHES ON TRIAL



## ATTACK ON JAIL HAIRCUTS

By GAILLEY WATSON



©CAMERA PRESS

Após a publicação do Oz "School Kids Issue", feito por vinte jovens selecionados para cuidar dessa edição com liberdade editorial, a revista foi invadida pelo Esquadrão de Publicações Obscenas.

A edição 28 foi apreendida e os três editores acusados de "corromper a moral das crianças".

A Oz perdeu o caso. Em Agosto de 1971, tendo sido recusada a fiança e mantidos na prisão por sete dias, os três editores receberam multas e sentenças de prisão.

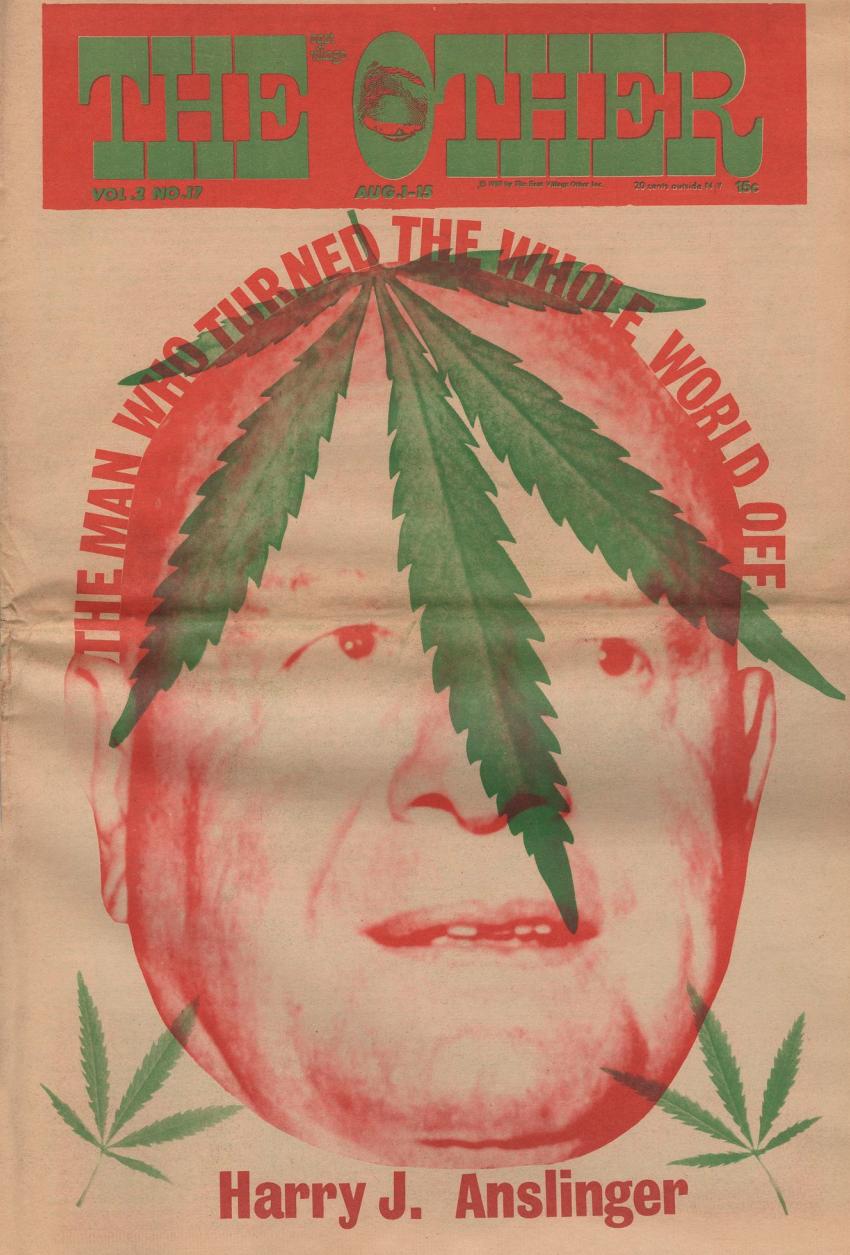
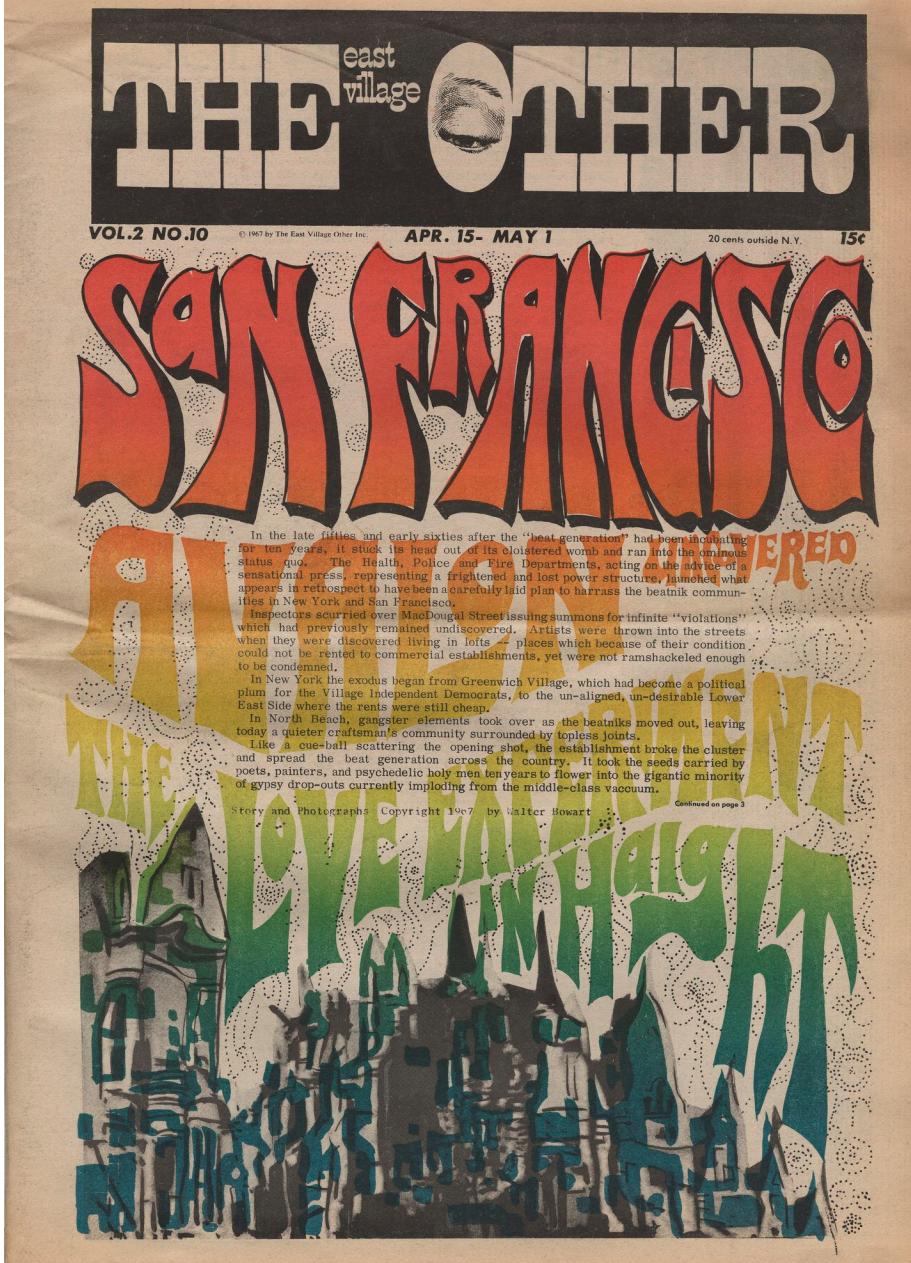
Após protestos de apoiadores, o veredito foi anulado.

Foto à direita, Camera Press.

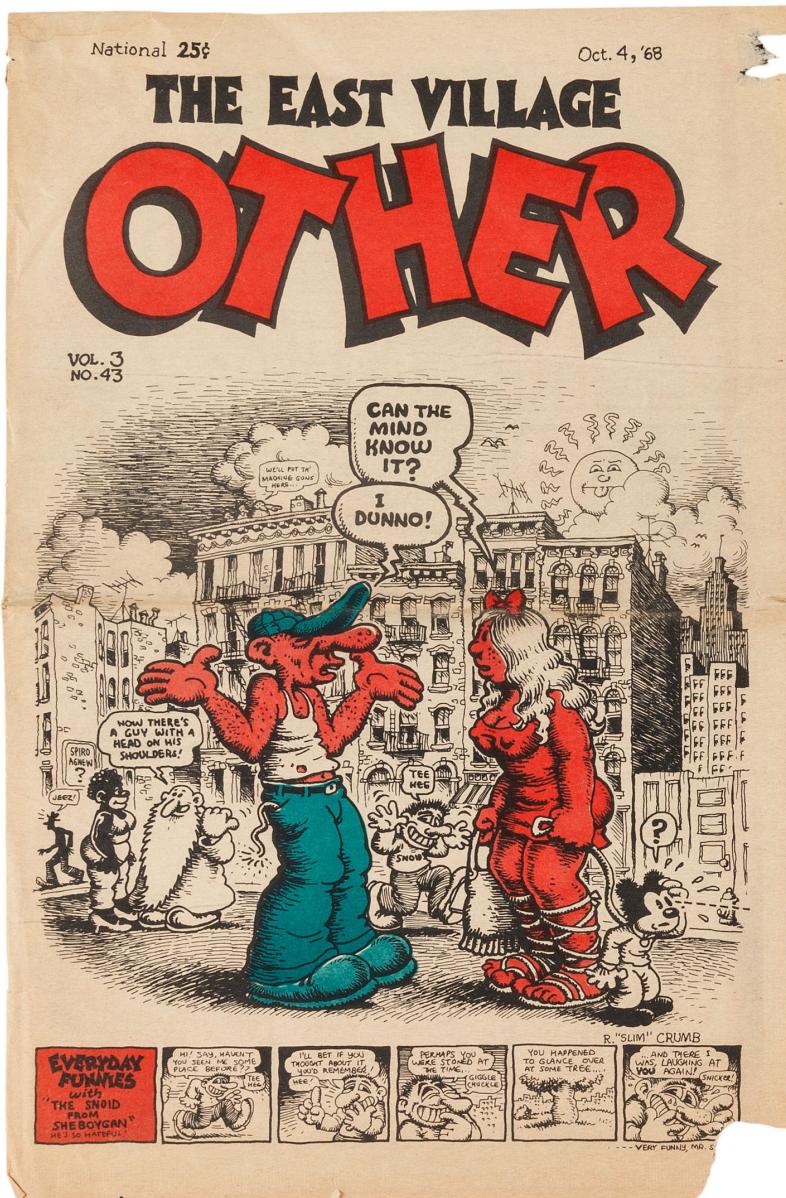
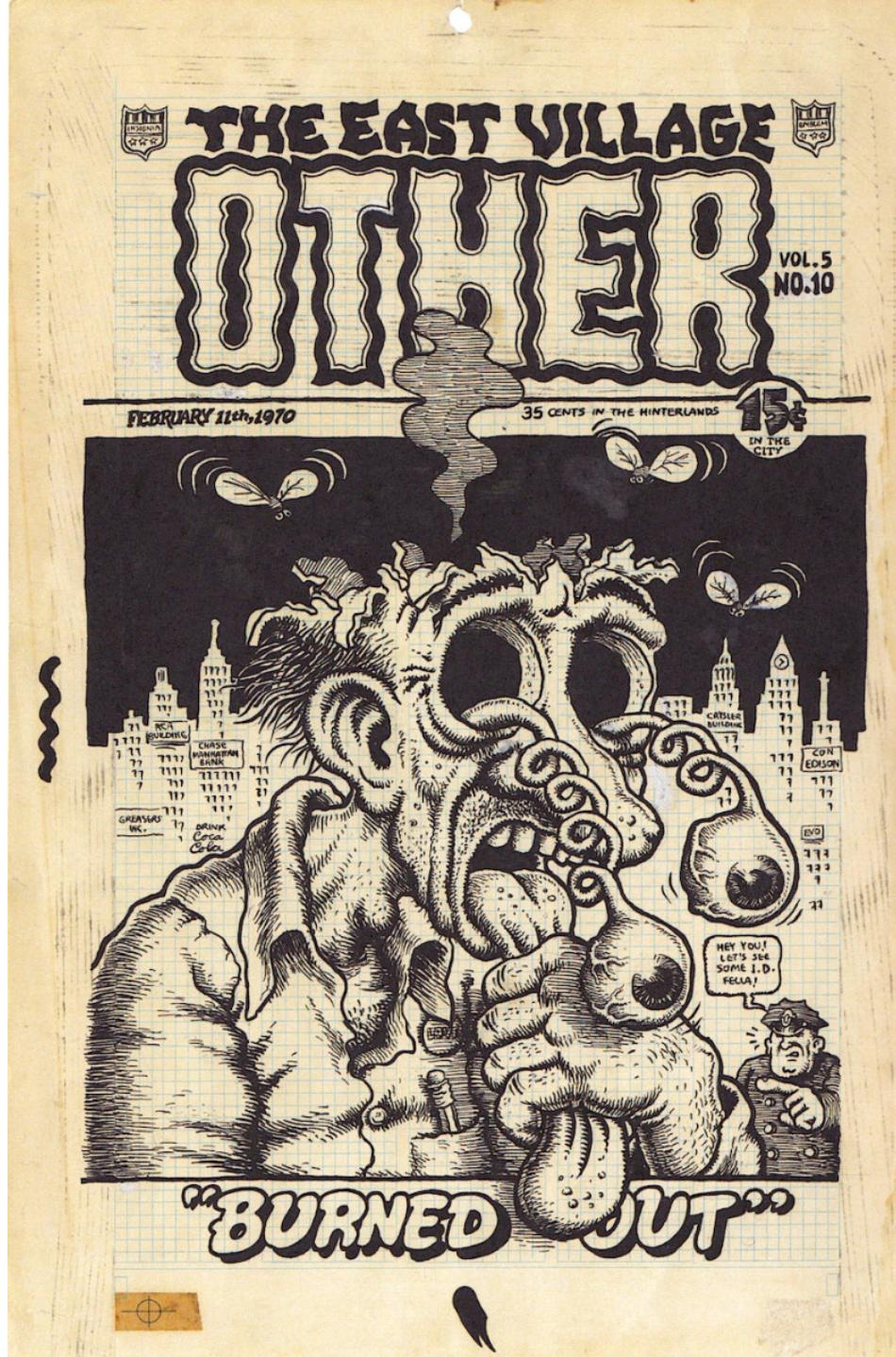


"Naqueles momentos dos anos 60, era também fácil publicar, porque as novas técnicas de off-set tinham barateado a impressão. E a imprensa alternativa percebera antes da imprensa tradicional que a maneira de concorrer com a TV era oferecer mais impacto visual".

O East Village Other foi "a primeira das publicações "elétricas", ou seja, a primeira das alternativas a desenvolver as técnicas de design para competir com os efeitos visuais da mídia eletrônica" (Rogério de Campos, em "Zap Comics"). Acima, detalhe de uma página do EVO.



The East Village Other (EVO) era uma revista publicada independentemente e associada à contracultural internacional da década de 1960. Acima, duas capas de 1967.



O EVO foi porta de entrada uma grande parte de desenhistas do comix underground, como Robert Crumb, Spain Rodriguez, Gilbert Shelton, Trina Robbins, Kim Deitch, Jay Lynch, Art Spiegelman, etc. À esquerda e acima, capas de R. Crumb, 1970 e 1968.



# O PASQUIM

N.º 80 - Rio, de 14 a 20-1-71 - Cr\$ 1,00 - O PASQUIM Todas as quintas-feiras ou a qualquer dia em edição ordinária



**ESTES SÃO OS VERDADEIROS  
HOMENS SEM VISÃO**

"Só falo porque  
é pr'O PASQUIM"

"Caetano Veloso  
é o Castro Alves  
de hoje"

"Eu, pelo menos,  
pretendo  
continuar  
escrevendo"

A PATOTA DO  
PASQUIM  
ENTREVISTA  
**JORGE  
AMADO**



1-Fortuna, 2-Sérgio Cabral, 3-Maciel, 4-Ziraldo, 5-Aroldinho, 6-Jaguar, 7-Grossi,  
8-Flávio Rangel, 9-Francis

## O Pasquim (1969 – 1991)

O projeto nasceu no final de 1968, apesar de uma reunião entre Jaguar e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral. O trio buscava uma opção para substituir o tablóide humorístico "A Carapuça", editado pelo recém-falecido escritor Sérgio Porto, o Barão de Itararé. À esquerda, capa de 1971.

# Millôr revela a verdade:

Beware of the team of Pasquim,  
Laura! You are desmuntequeiting  
too much. They will see that you  
are an animal, & beasty gay!  
ROBERT.

-MEU NOME  
É HERMANN;  
MAS PODE  
ME CHAMAR  
DE LAURA!

# O PASQUIM

Rio, 20 a 26. 11. 69 — N.º 22 — NCr\$ 0,50 — Todo mundo acha que O PASQUIM está por cima da carne seca; podemos  
asegurar que, em matéria de carne, nossa preferência é outra (Millôr Fernandes)

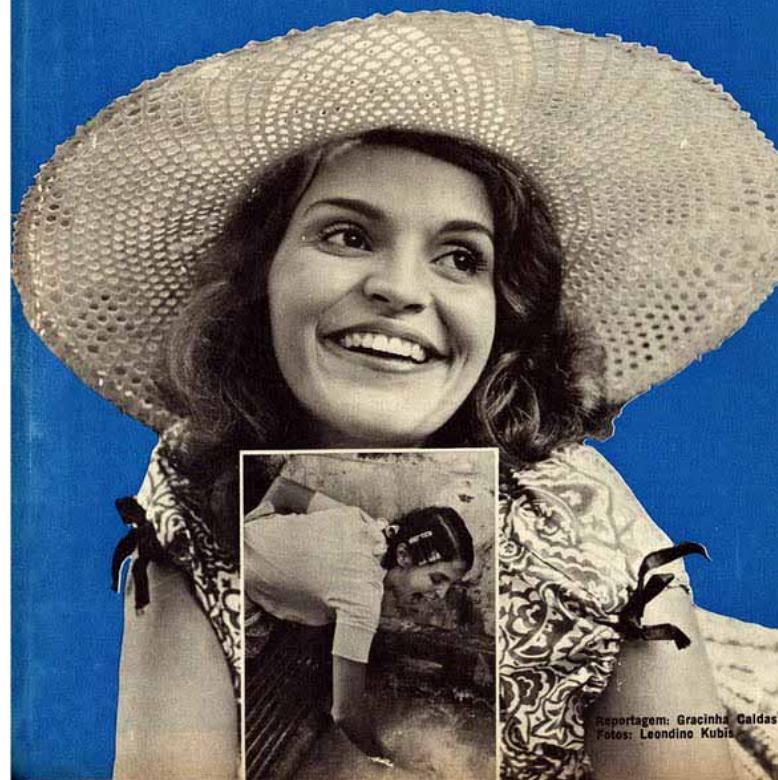


# LEILA DINIZ: &\$€7!

EU CARREGO  
ESTE JORNAL  
NAS COSTAS!!  
APESAR DO TARGOMIL  
HENIL, FRANCIS, ZIRALDO,  
SERGIO CABRAL, CHICO  
ANISIO, MARCOS VISCON-  
CELLLOS, RENE CASTRO, MAUL  
ETC E TAL

# SOU LIVRE E DAÍ?

FIEL AS COISAS EM QUE  
ACREDITA, LEILA DINIZ  
LEVOU SUA LIBERDADE  
A PRATICA, TANTO NAS  
PALAVRAS COMO NAS  
AÇOES. DURANTE MUITO TEMPO, FOI MAL  
INTERPRETADA E ATÉ AGREDIDA. AGORA  
— SÓ PORQUE É MÃE DE JANAINA —  
LEVARAM SUAS IDEIAS MAIS A SERIO.



Reportagem: Gracinha Caldas  
Fotos: Leondino Kubits

Em 1969, em função de uma entrevista polêmica feita pelo cartunista Jaguar e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral com a já notoriamente controversa atriz Leila Diniz, foi instaurada a censura prévia aos meios de comunicação no país, a Lei de Imprensa, que ficou popularmente conhecida pelo nome da atriz.

Ao lado, capa de 1969. Acima, reportagem na revista Sétimo Céu, 1972.

# PROCURE OS



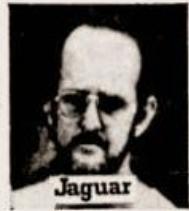
Maciel



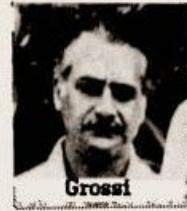
Ziraldo



Francis



Jaguar



Grossi



Fortuna



Sérgio Cabral



Tarso



Flávio Rangel

**Éles estão de volta às páginas  
d'**O PASQUIM**  
Noves fora tudo:  
(Compre dois e dê 1 ao seu melhor amigo)**

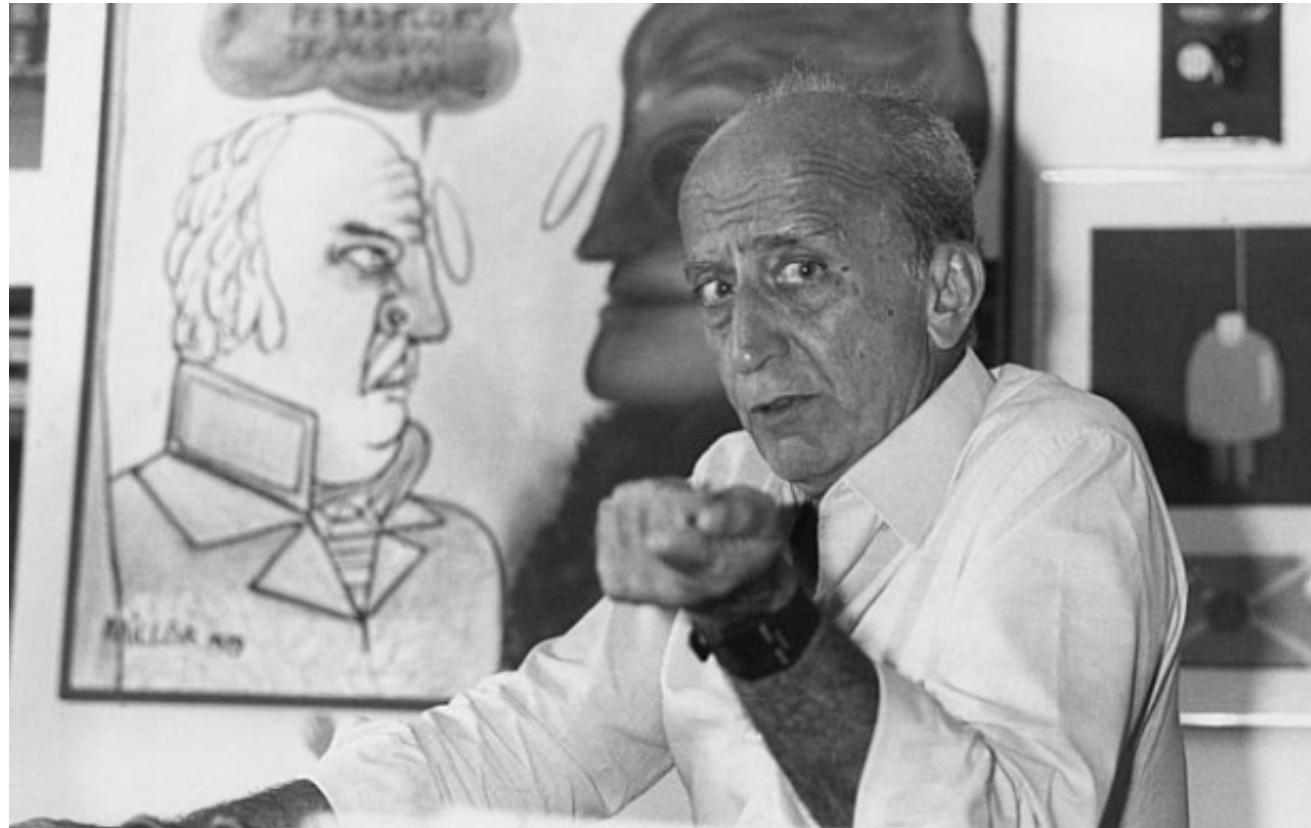
Em novembro de 1970, a maior parte da redação de *O Pasquim* foi presa depois que o jornal publicou uma sátira do célebre quadro de Dom Pedro às margens do Ipiranga, (de autoria de Pedro Américo).

Os militares esperavam que o semanário saísse de circulação e seus leitores perdessem o interesse, mas durante todo o período em que a equipe esteve encarcerada — até fevereiro de 1971 — *O Pasquim* foi mantido sob a editoria de Millôr Fernandes (que escapara à prisão), com colaborações de Chico Buarque, Antônio Callado, Rubem Fonseca, Odete Lara, Gláuber Rocha e diversos intelectuais cariocas.

Vendia cerca de 100 mil exemplares por semana, quase todos em bancas, mais do que as revistas *Veja* e *Manchete* somadas.

Abaixo, o cartum de Jaguar, 1970.

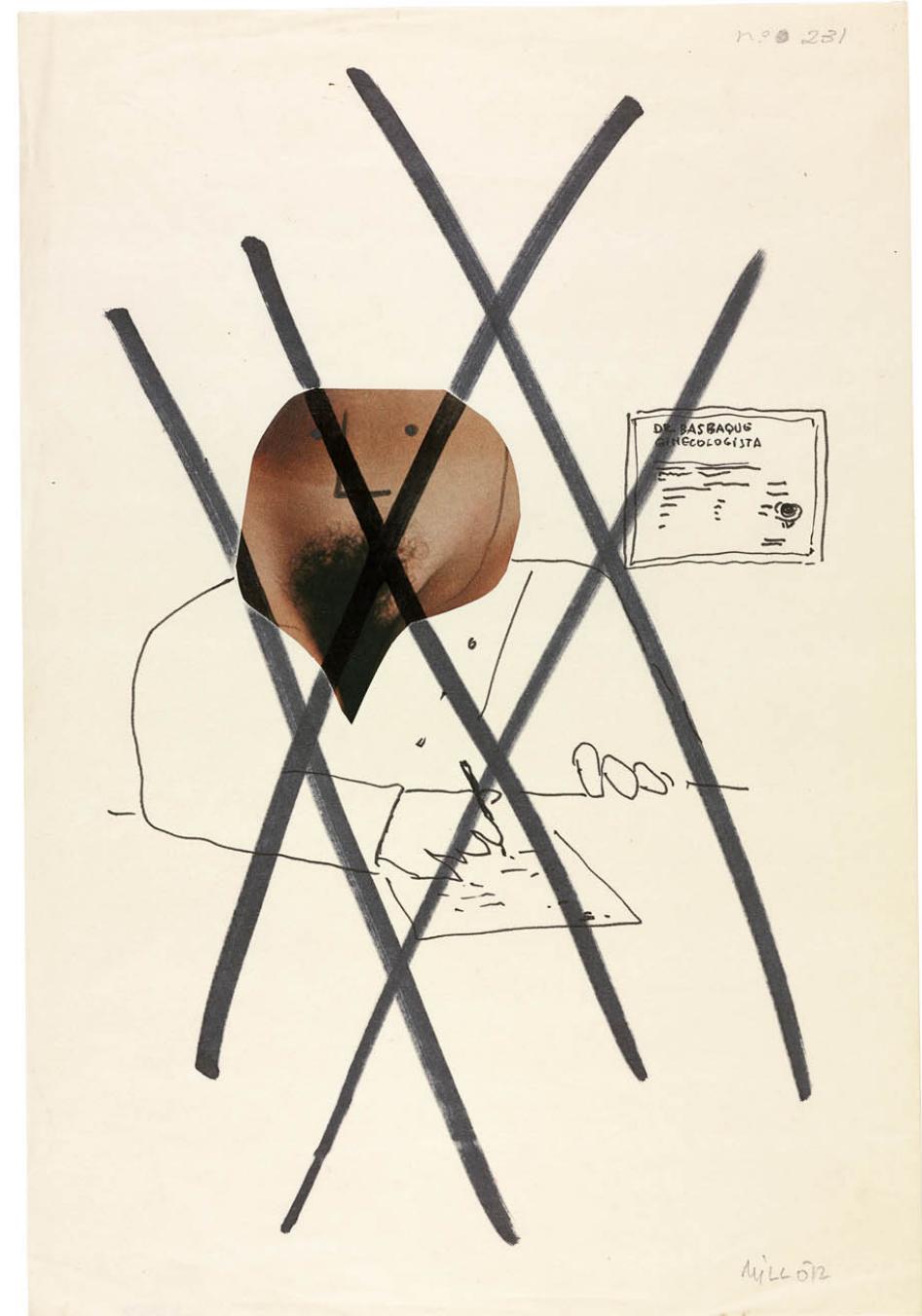




O teor político e as críticas aos poderosos acabaram rendendo problemas frequentes com a censura. Mesmo assim, e talvez por isso, O Pasquim foi um fenômeno de vendas, atingindo na primeira metade da década de 1970 cifras próximas aos 200 mil exemplares semanais.

Acima, Millôr Fernandes durante entrevista concedida em sua casa, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1988.

Ao lado, trabalho censurado pela ditadura. Publicado no livro *Millôr: Obra Gráfica*, IMS, 2016.



# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO**

**Aspectos Históricos – 1970 até os dias atuais**



escola  
britânica de  
artes criativas  
& tecnologia

# argumento

ANO 1 N.º 1 REVISTA MENSAL DE CULTURA

Cr\$ 10,00



# argumento

ANO 1 N.º 1

REVISTA MENSAL DE CULTURA

Cr\$ 10,00

FERNANDO  
HENRIQUE  
CARDOSO  
JEAN-CLAUDE  
BERNARDET

ANIBAL PINTO  
ANTONIO CALLADO  
ANTONIO CANDIDO  
CELSO FURTADO  
PAULO EMILIO

REPORTAGEM:  
Violência Urbana  
ENTREVISTA:  
Gianfrancesco  
Guarnieri  
ARTES PLÁSTICAS:  
Flávio de Carvalho

O  
NEGRO  
NO  
BRASIL E  
NOS  
ESTADOS  
UNIDOS

POR THOMAS E. SKIDMORE



Argumento (1973 – 1974)

Periódico que teve apenas quatro edições e que serviu como campo de elaboração intelectual e de registro das dores sociais, uma resposta à perplexidade gerada pela violência e asfixia da ditadura.

Sob direção de Barbosa Lima Sobrinho (jurista, jornalista e político), circulou por bancas de jornais nas principais cidades do país com tiragem inicial de cinco mil exemplares.

O Conselho Consultivo era formado por nomes como Erico Veríssimo, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda e outros.

Capa de Elifas Andreato, Argumento n.1, 1973.



Luis Trímano: ilustração com Caetano Veloso e Grande Otelo, revista Argumento, 1973.

## ESTÉTICA E IDEOLOGIA: O MODERNISMO EM 1930

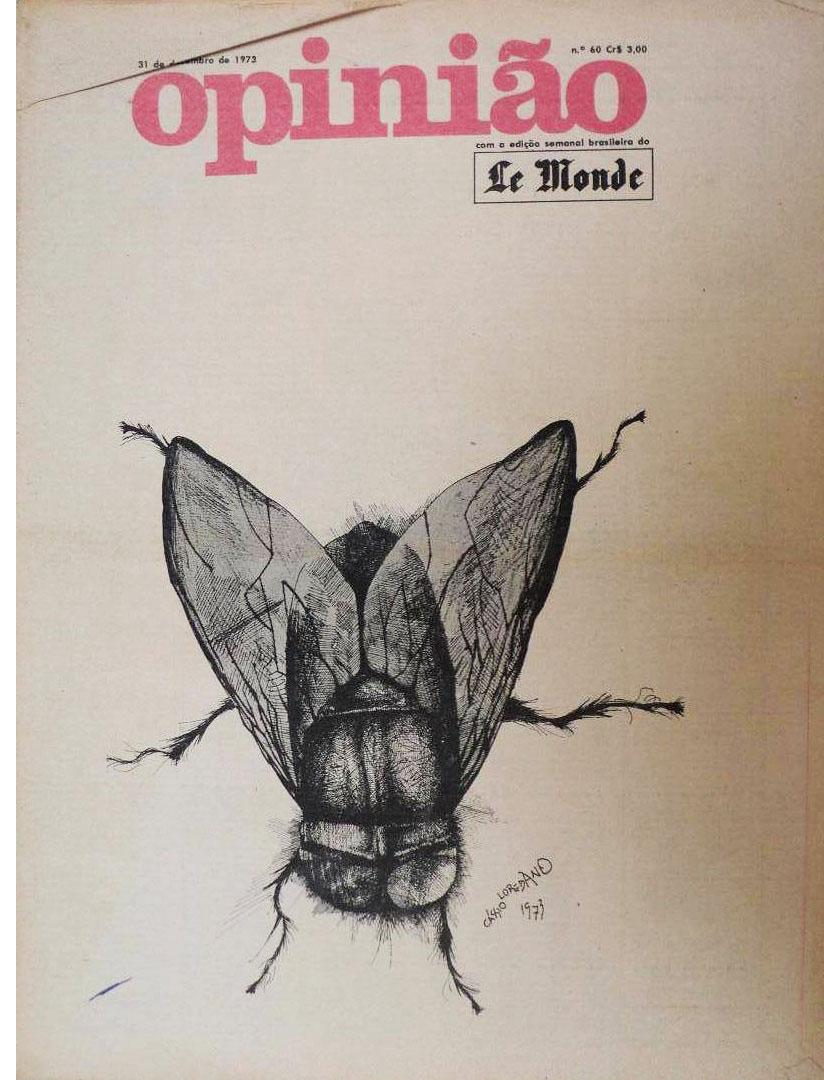
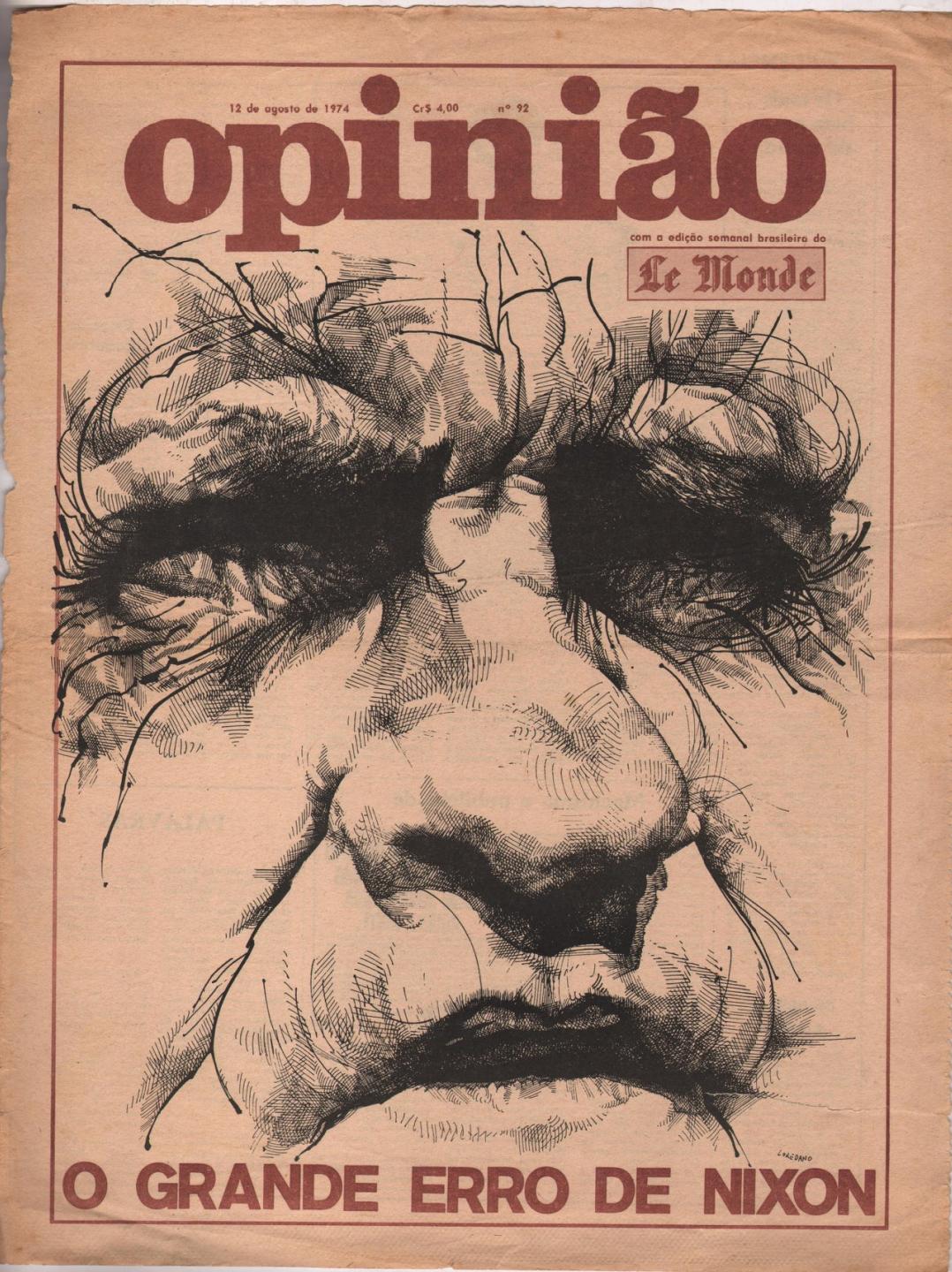
Sobrepondo-se ao otimismo anarquista da primeira fase do Modernismo, a pré-consciência do subdesenvolvimento introduz um elemento de tensão entre o projeto estético e o projeto ideológico da literatura brasileira dos anos 30. Se algumas das realizações mais felizes desse período surgem sob o influjo da "politicização", por outro lado esta acaba desviando o conjunto da produção literária da linha de intensa experimentação que vinha seguindo.

João Luiz Lafeta

O estudo da história literária coloca-nos sempre diante de dois problemas fundamentais, quando se trata de desvendar o alcance e os exatos limites circunscritos por qualquer movimento de renovação estética: primeiro, é preciso verificar em que medida os meios tradicionais de expressão são afetados pelo poder transformador da nova linguagem proposta, isto é, até que ponto essa linguagem é realmente nova; em seguida, e como necessária complementação, é preciso determinar quais as relações que o movimento mantém com os outros aspectos da vida cultural, de que maneira a renovação dos meios expressivos se insere no contexto mais amplo de sua época. Para retomar a distinção apresentada pelos "formalistas russos" diríamos que se trata, na história

literária, de situar o movimento inovador: em primeiro lugar dentro da série literária, a seguir na sua relação com as outras séries de totalidade social. Decore daí que qualquer nova proposição estética deverá ser encarada em suas duas faces (complementares e, aliás, intimamente conjugadas); não obstante, às vezes relacionadas em forte tensão); enquanto projeto estético, diretamente ligadas às modificações operadas na linguagem, e enquanto projeto ideológico, diretamente atada ao pensamento (visão-de-mundo) de sua época.

Essa distinção é útil porque operatória; não podemos entretanto correr o risco de torná-la mecânica e fácil: na verdade o projeto estético, que é a crítica da velha linguagem pela confrontação com uma nova linguagem, já contém em si o seu projeto ideológico. O ataque às maneiras



Opinião (1972 – 1977)

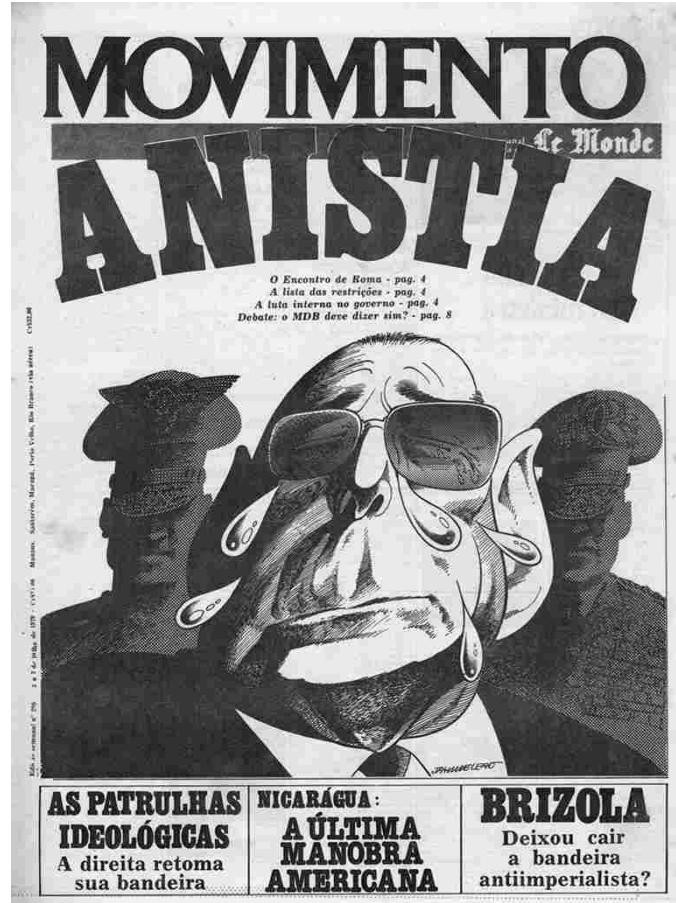
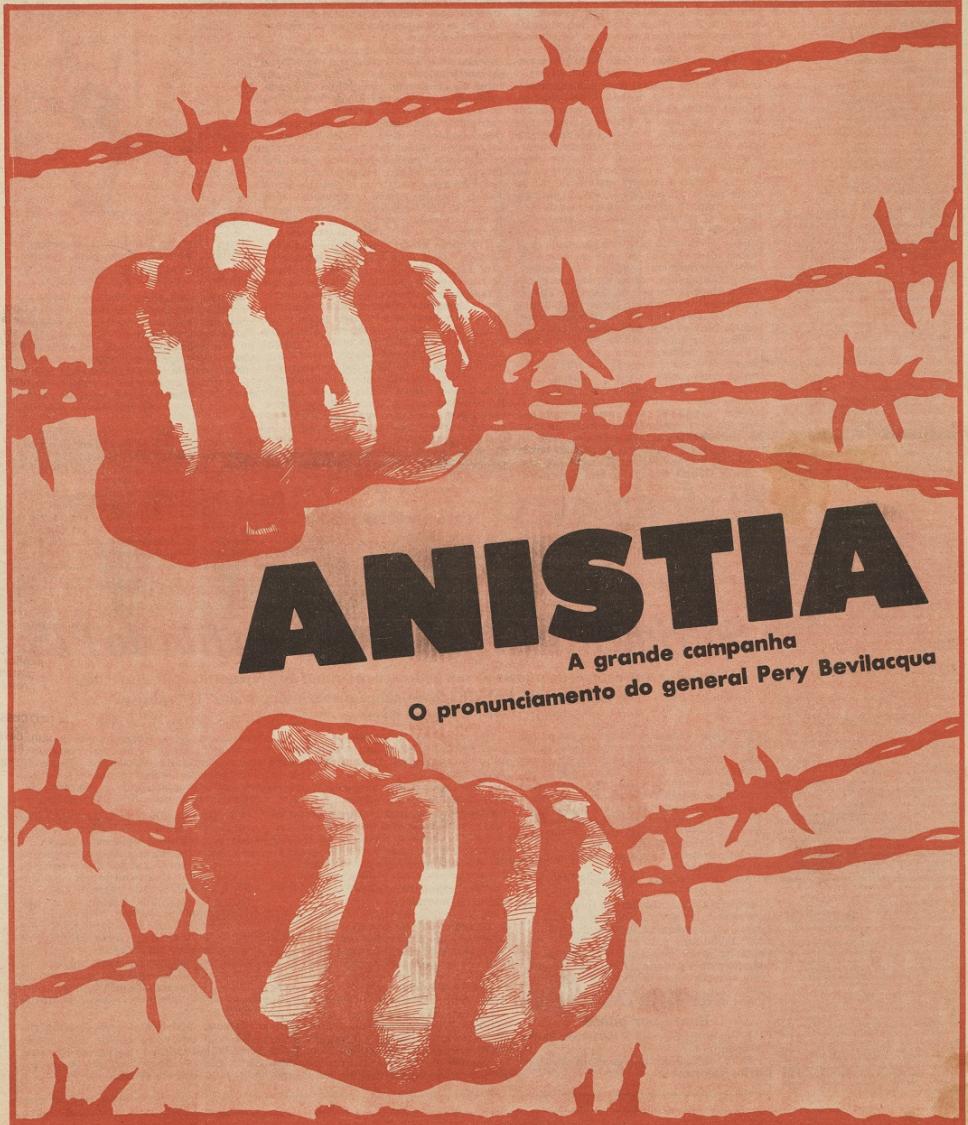
Projeto gráfico de Elifas Andreato. Chegou a atingir a tiragem de 38 mil exemplares, aproximando-se da Veja. O fim do jornal se deu por conta das restrições impostas pela censura.

Capas de Cassio Loredano: acima, edição n.º 60, 1973; à esquerda, caricatura de Nixon, 1974.

# MOVIMENTO



Com a edição semanal  
brasileira do *Le Monde*



## Movimento (1975 – 1981)

O jornal circulou regularmente até 1980, quando começaram a ocorrer ameaças e atentados, por parte de setores da extrema direita, contra bancas de jornal em São Paulo, Londrina, Rio de Janeiro, Goiânia e Salvador.

Em mensagens anônimas, os extremistas acusavam os jornaleiros de fazerem "propaganda do comunismo" pois vendiam jornais da imprensa alternativa.

No canto à esquerda, capa de fevereiro de 1978.

Ao lado, capa de Jayme Leão, julho de 1979.



**MOVIMENTO**  
5 ANOS  
Cento anos vinte a frente

Um dossier da escalada do terrorismo

# Direita declara guerra e terror

P 12 e 13

Espacamentos, sequestros, bombas, incêndios... E a direita fascista em ação no Brasil.

Veja como os grupos clandestinos agem sempre em correlação com os órgãos de segurança do país.

**REVELAÇÃO** Movimento publica em primeira mão um texto dos bispos da Amazônia misteriosamente adulterado durante a visita do Papa João Paulo II

**Textos da CNBB é adulterado** P. 8

**DEBATE**

TRABESTIS E PROSTITUÍDAS Por Darcy Pessinado, P. 38

O PUMÉO PÔO PORRE Por Pedro de Oliveira, P. 3

A CONSTITUENTE E O PT Por Alan Frewerker, P. 4

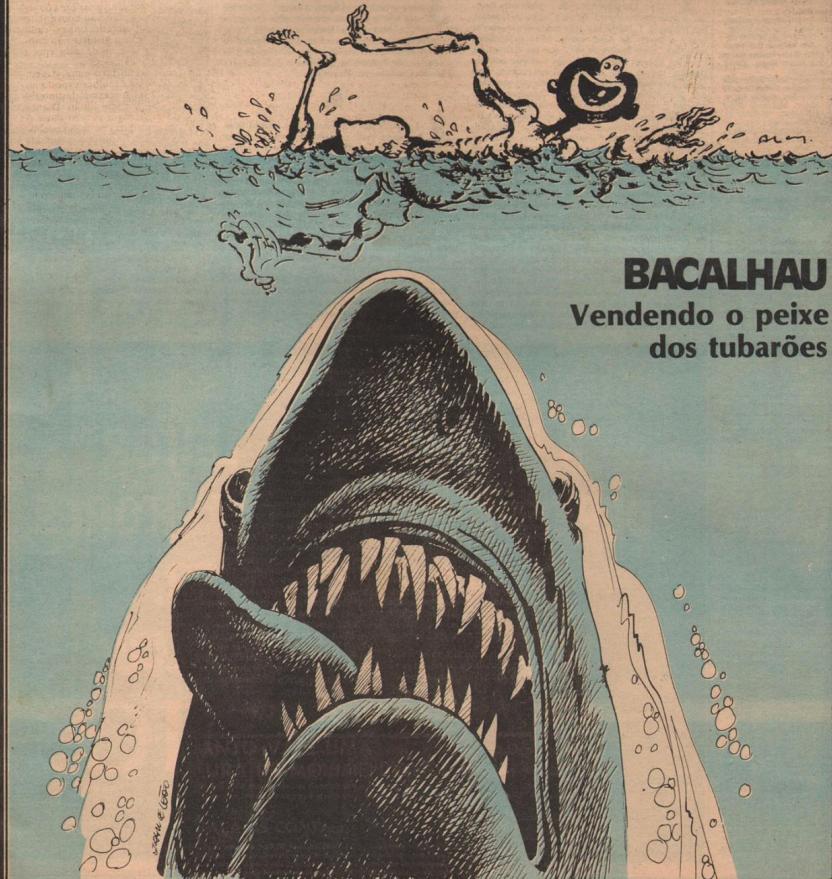
Doze jornais eram citados na lista negra desses grupos da direita - *Movimento* incluído.

Os atentados ocorrem na madrugada, visando os quiosques que vendiam jornais independentes e de oposição ao governo. Incêndios de várias bancas de jornal acabaram por aterrorizar os jornaleiros, obrigando-os a deixar de vender os jornais alternativos e assim determinando o fim da sua circulação.

Foto ao lado: Cynthia Brito / CPDoc JB.  
Acima, capa do jornal *Movimento*, julho de 1980.

# MOVIMENTO

## A DEMOCRACIA MODERNA DE FALCÃO



Manaus, Santarém, Altamira, Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco (via aérea) Cr\$ 10,00

nº 60 Cr\$ 7,00 23 de agosto de 1976

# MOVIMENTO

## CASSAÇÕES

Nadyr Rosseti / Amaury Muller / Lysâneas Maciel



5 de abril de 1976 nº 40 Cr\$ 6,00

Capas de Jayme Leão: edição n.40, de abril de 1976, e n.60, de agosto de 1976.





Luis Trimano: Série Estigmas, ilustrações sobre “Poemas Humanos” de Cásar Vallejo, nanquim e guache, de 1986-87.

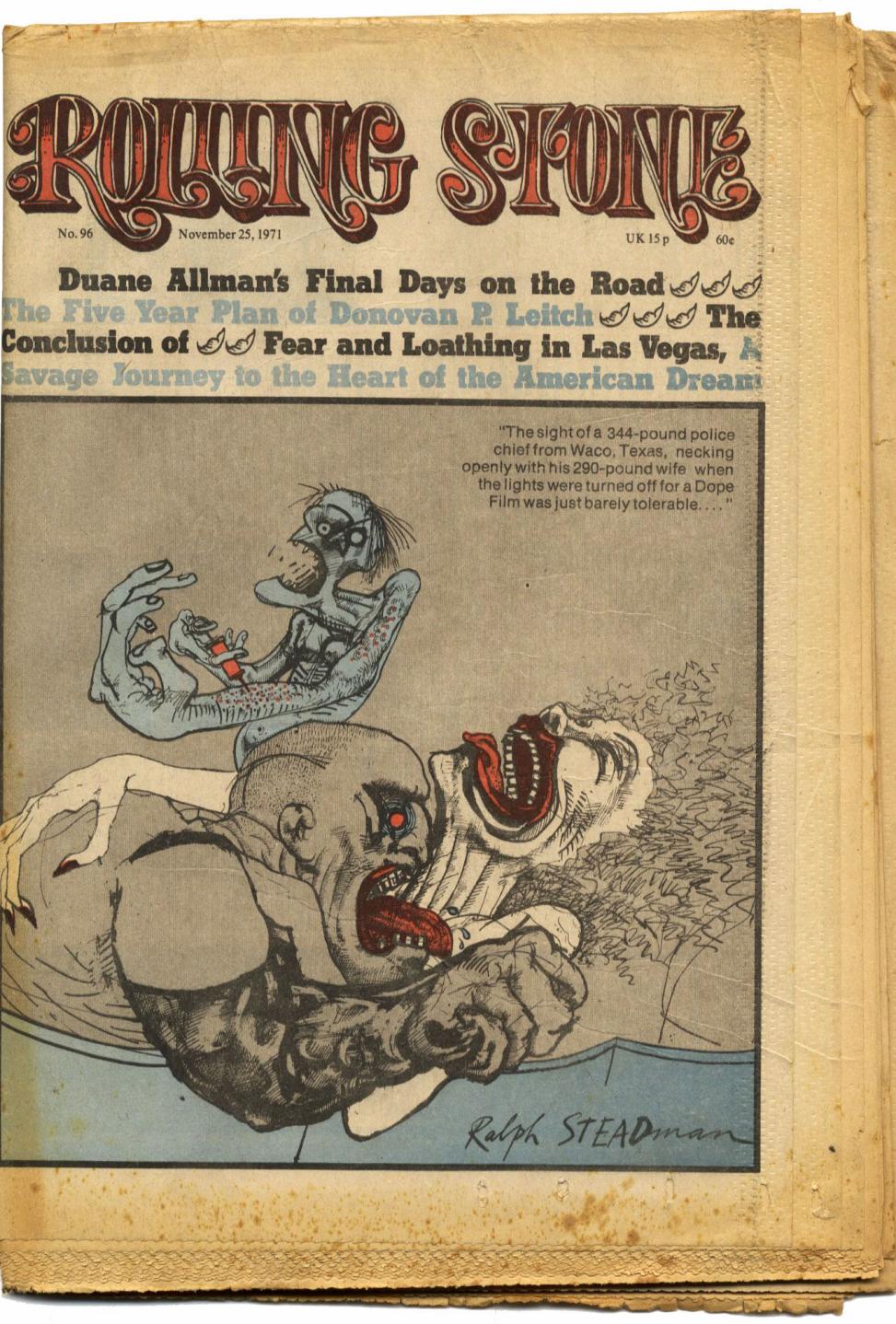
“Na ilustração para o jornalismo, **o homem comum é o protagonista**, e isto nos leva à ilustração política, ou de comentário político (...). O artista ilustrador de imprensa, além da obrigação de aperfeiçoar seu desenho, é levado a ampliar seus conhecimentos sobre os diversos temas que compõem o jornal, onde se mostra a realidade do mundo. Depois que a gente se conscientiza de tudo isso, começa o aprendizado do desenhista dentro do jornalismo, e **o jornalismo é dinamismo, política e ação**.”

Trecho de entrevista de Luis Trimano, ABI, abril de 2010.

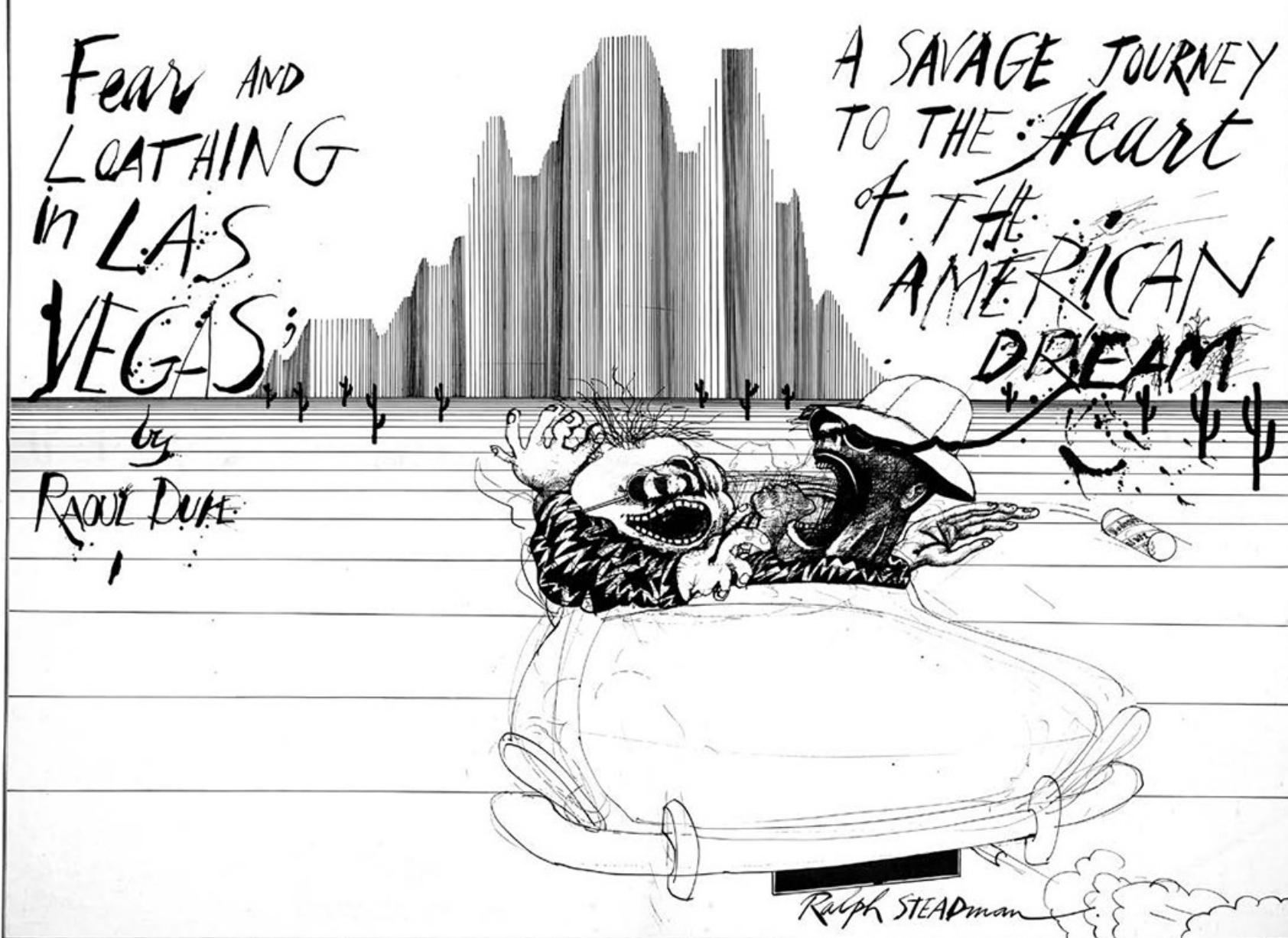


### Ralph Steadman e os espirros de tinta

Steadman começa um esboço jogando tinta em seu papel e depois adicionando linhas. "Você se surpreende, e isso é muito bom", diz ele. Foto: Charlie Paul.



Capas de Ralph Steadman para a Rolling Stone sobre a reportagem "Fear and Loathing in Las Vegas – a savage journey to the heart of the American Dream" de Hunter S. Thompson, 1971.

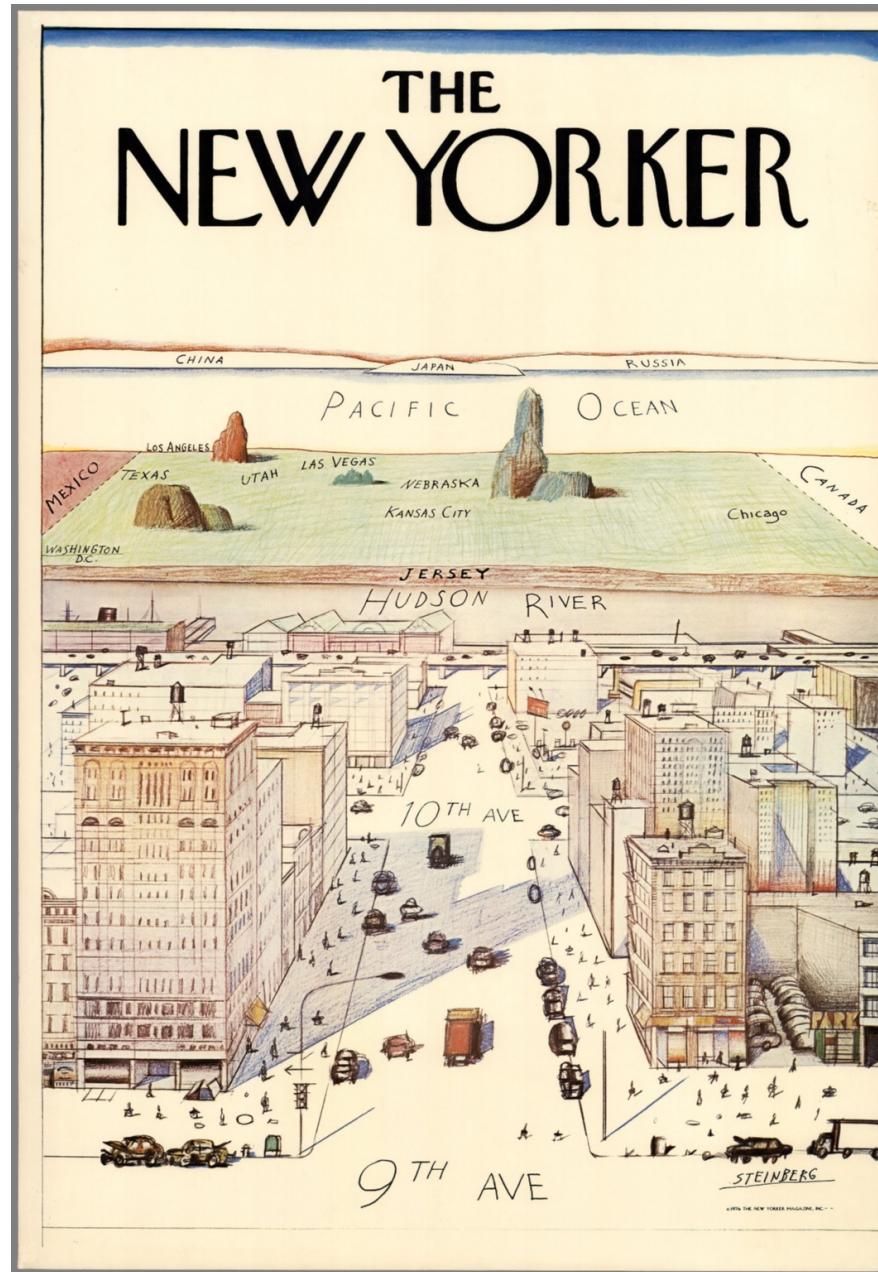


Acima, Ralph Steadman e Hunter S. Thompson, o criador do “jornalismo Gonzo”: nele, o jornalista é o personagem principal da reportagem e incorpora ao texto aspectos do cenário e da ação que jornalistas, de modo geral, não dariam importância.

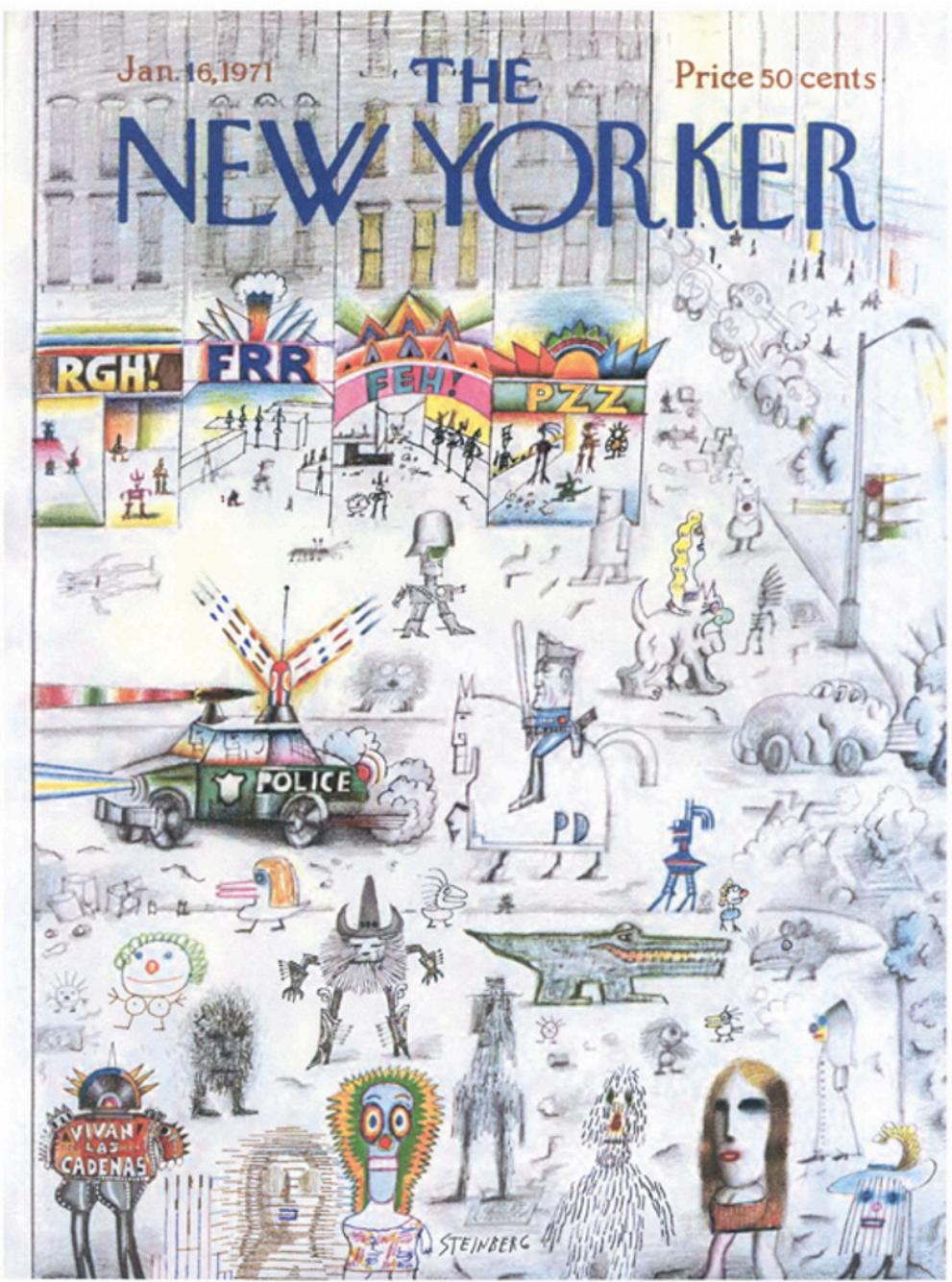
Raoul Duke é o personagem fictício e anti-herói baseado em Hunter S. Thompson em seu romance autobiográfico “Fear and Loathing in Las Vegas / Medo e Repugnância em Las Vegas”.

Ao lado, desenho de Steadman publicado na Rolling Stone em 1971.

Foto: KMazur / WireImage

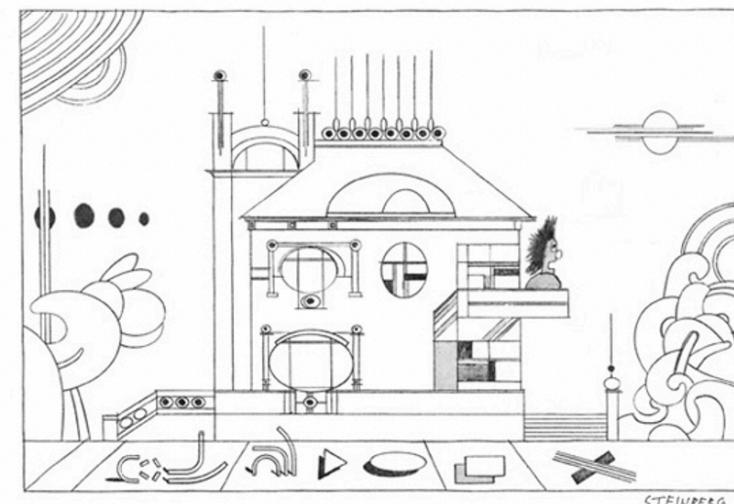
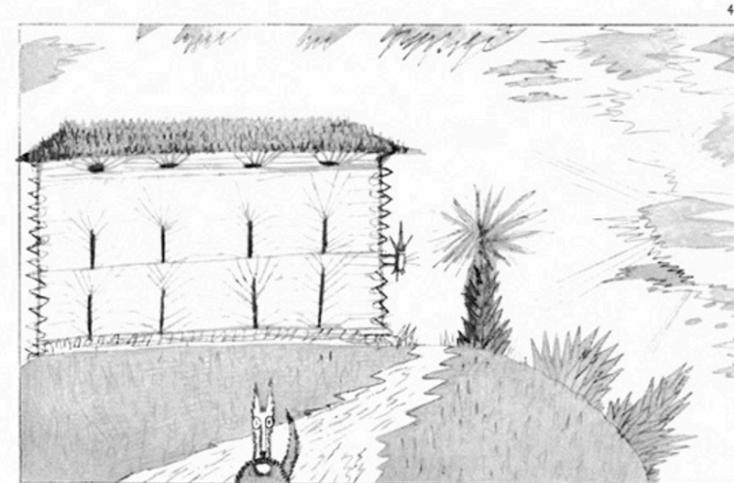


Saul Steinberg: acima à esquerda, a famosa ilustração “View of the World from 9<sup>th</sup> Avenue”, capa da New Yorker, 1976; à direita, desenho de 1986.



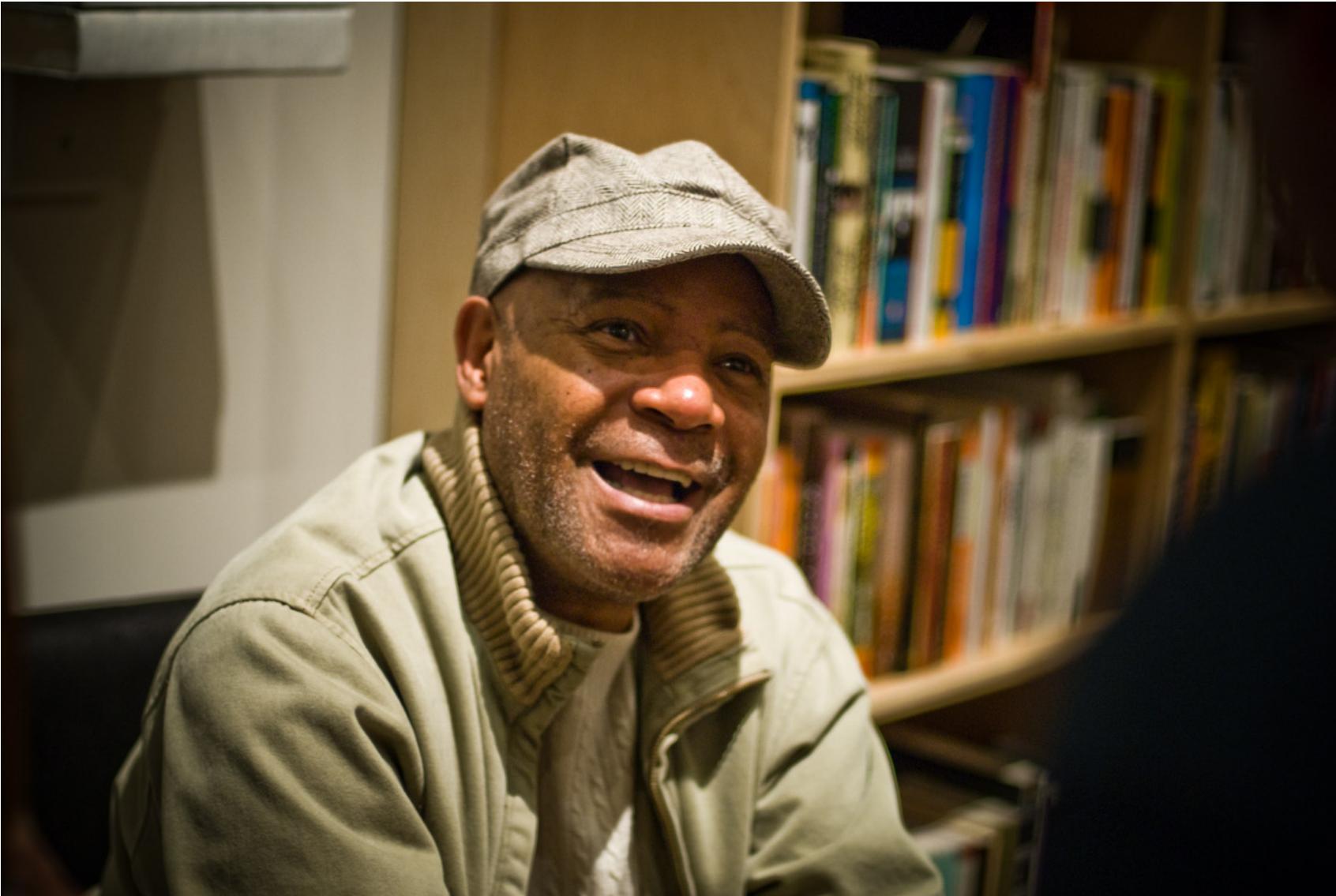
Saul Steinberg: capa da The New Yorker, 1971.





Saul Steinberg: a partir de 1973 praticamente todos os seus trabalhos para a New Yorker viriam a ser publicados no formato Portfolio.

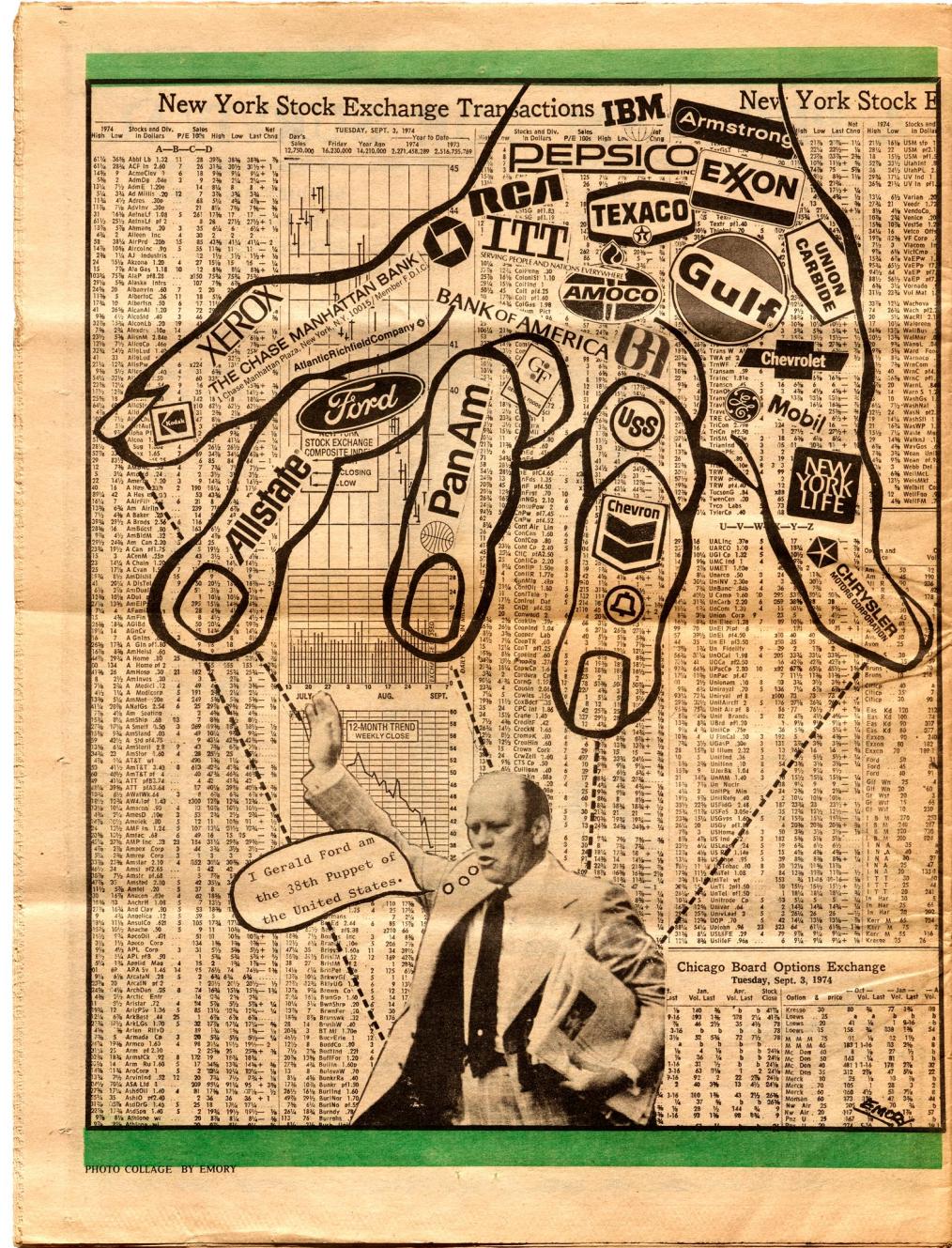
Ao lado, Steinberg com seu gato Papoose, 1974.



Emory Douglas – Artista americano, nascido em 1943, que trabalhou como Ministro da Cultura do Partido dos Black Panthers de 1967 até o partido se dissolver na década de 1980. Sua arte gráfica foi destaque na maior parte das edições do jornal The Black Panther. Acima, foto de Emory publicada na revista Print em 2015.



Douglas redesenhou o jornal e passou a explorar tecnologias de impressão baratas – impressão fotostática e presstype, texturas e estampas/grafismos – tornando possível a publicação de um tablóide semanal em duas cores, fortemente ilustrado. Os valores da produção gráfica associados à publicidade sedutora e ao desperdício em uma sociedade decadente se tornaram armas da revolução.  
Foto de Stephen Shames, 1970.



WE SHALL SURVIVE, WITHOUT A DOUBT



Acima, páginas do jornal The Black Panther com trabalhos de Emory Douglas.

PRICE \$3.50

THE  
NEW YORKER

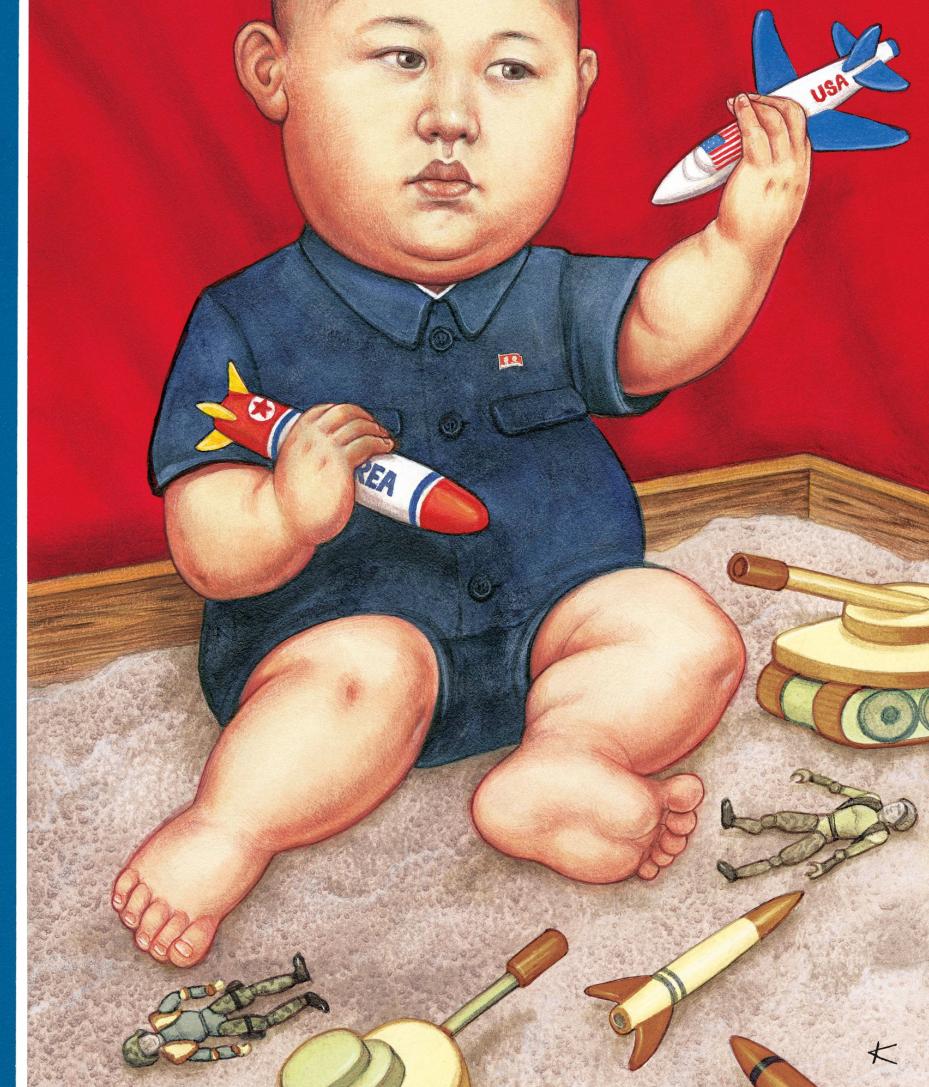
MAY 14, 2001



PRICE \$7.99

THE  
NEW YORKER

JAN. 18, 2016



Anita Kunz: capas para a revista The New Yorker, 2001 e 2016.

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO**

**Processo criativo / Geração de idéias**



escola  
britânica de  
artes criativas  
& tecnologia

# **Ilustração: estendendo uma idéia**

Vamos agora conferir o trabalho de Edel Rodriguez e perceber como uma idéia não precisa ficar limitada a uma ilustração.

Ela pode promover continuidade em uma matéria, integrando e conferindo unidade às várias páginas.

Uma solução pode eventualmente, também, ser utilizada em outras revistas e trabalhos – sempre trazendo alguma nova surpresa, como se fosse uma “série”.



Edel Rodriguez: capas com Trump para a alemaã Der Spiegel e a americana Time, 2018.

## Periscope

NEWS, OPINION + ANALYSIS

"The Russians had honed their craft, while the FBI agents were struggling to keep up." ▶ P.16



NATIONAL SECURITY

# Madman on the Potomac

Can anyone stop Trump from starting a nuclear war with North Korea?



ONE BOMBY NIGHT  
Analysts say they fear an accident could quickly cause the North Korea standoff to spiral.

THOMAS PETER/GETTY

OCTOBER 13, 2017

Illustrations by EDEL RODRIGUEZ

ONE NIGHTMARE SCENARIO GOES LIKE THIS: Donald Trump emerges from his White House bedroom in the middle of the night, cellphone in hand, enraged by the latest taunt from North Korea's Kim Jong Un. He spots the military aide sitting in the corridor with a black valise in his lap. It's called the nuclear football.

"I'm gonna take care of this son of a bitch once and for all," Trump growls. "Big time. Gimme the codes."

The aide cracks open the valise and hands the president a loose-leaf binder with a colorful menu of Armageddon options. They range from total annihilation plans for Russia and China down to a variety of strikes tailored to North Korea.

"I'll take that one," Trump says.

The aide then hands him an envelope with a set of numbers and letters, the ones that verify it's really him when he calls Defense Secretary James Mattis. It's the same code that will go down to theater commanders, B-1 bombers, Wyoming missile silos and submarines lurking off North Korea.

"Do it," he tells Mattis. "Wipe him the hell out."

What was once just a nervous joke among Washington policymakers and

military experts when Trump ran for the presidency has suddenly crept closer to a horrendous range of possibilities, judging from a Newsweek survey of former Pentagon officials and experts. And no one knows where the confrontation is headed after weeks of increasingly personal insults and military provocations from both sides.

On September 26, days after the Pentagon sent B-1 bombers and fighter escorts near North Korea in a display of military force, Pyongyang "moved a small number of fighter jets, external fuel tanks and air-to-air missiles to a base on its eastern coast," according to reports. And Trump threatened Pyongyang once again, saying he was prepared for "a military option" to solve the crisis, which would be "devastating."

Analysts with long experience in the region say they fear an accident—a collision of jets or ships, a wayward artillery shell—could quickly cause the situation to spiral, especially with Trump and North Korean officials exchanging insults. In his United Nations speech on September 19, Trump called Kim "Rocket Man," followed later by "Little Rocket Man." Kim responded by calling Trump a "mentally deranged U.S. dotard," a word long out of use that sent millions scurrying for

BY

JEFF STEIN  
SpyTalker

NEWSWEEK.COM 9

their dictionaries. (It means someone deceptit and senile.) Trump then vowed that Kim and his foreign minister "won't be around much longer."

"I think this tit for tat Trump has ginned up is not only dangerous and unnecessary but creating an escalation spiral that is increasing the odds of miscalculation," says Robert Manning, a former senior U.S. intelligence expert on Korea and strategic weapons in the George W. Bush and Barack Obama administrations. "It's not just a war of words," he tells *Newsweek*. "We keep flying B-Is up their kazoo." That, along with Trump calling Kim names, says Manning, now a senior fellow with the Brent Scowcroft Center on International Security at the Atlantic Council, "inflates" Kim's ego. It's "mind-bogglingly stupid."

As if to make the point, on September 25 North Korea's foreign minister buffed Trump's threats into a declaration of war. "That's absurd," White House spokeswoman Sarah Huckabee Sanders said. The regime also vowed to "take countermeasures, including the right to shoot down bombers."

But so far, there have been no signs North Korea is preparing to attack South Korea, Japan or U.S. bases in the region, even as it threatens to explode a hydrogen bomb somewhere over the Pacific. With the acrimony deepening, however, an increasing number of analysts now fear something less lethal but profoundly dangerous: a constitutional crisis, provoked by an impulsive Trump order for a pre-emptive strike. "Someone in the chain would say no," says a former senior Pentagon official, sharing his views with *Newsweek* on condition of anonymity due to the issue's sensitivity. "That's what I believe, having worked with these guys"—meaning military leaders from Mattis on down to the U.S. forces commander in South Korea, General

Vincent Brooks. "It would be really hard for Trump to be capricious about a spur-of-the-moment attack," the former official continues. "He'd have to make it a major strategy thing that's been long planned, in consultation with Mattis and Dunford." General Joseph Dunford is chairman of the Joint Chiefs of Staff.

The former official adds that Brooks, especially, who has won a wide circle of admirers for his forthright yet nuanced views on the intersection of domestic politics and military strategy, would not follow such a midnight order. "If Brooks truly felt Trump was just saying, 'Fuck it, I want to attack today'—that there was not a truly imminent threat to U.S. forces and the homeland, he might refuse the order." Brooks could not be immediately reached for comment.

It's not likely a Trump order would get down that far, analysts say. People who know Mattis tell *Newsweek* he would resign rather than carry out an impulsive order from Trump to attack North Korea, with nuclear weapons or not. Trump could fire Mattis, but that could set off "a political firestorm and even a constitutional crisis that could prevent prompt execution of the order," says Kingston Reif, director of disarmament and threat reduction policy at the Arms Control Association in Washington, D.C.

**Kim called Trump a "mentally deranged U.S. dotard," which sent millions scurrying for their dictionaries.**

In October 1973, President Richard Nixon sparked a crisis by ordering his attorney general, Elliot Richardson, to fire the special prosecutor overseeing investigations into the crimes that became known as Watergate. Richardson refused and resigned, and so did his deputy. Nixon finally found somebody to carry out that deed, but the move backfired, inflaming the impeachment drive and forcing him from office 10 months later.

Even more relevant to Trump, says a growing chorus of commentators, is another incident from Nixon's final days, when, according to various accounts, his chief of staff Alexander Haig, an army general, asked military commanders to check back if they received any unusual directives from the deeply depressed, sometimes drunk president.

Chris Whipple, author of *The Gatekeepers: How the White House Chiefs of Staff Define Every Presidency*, tells *Newsweek* that John Kelly, Trump's chief of staff, "needs to take a page from that...and just be sure that he's in the loop when it comes to the nuclear football."

There's no rule stopping Trump from firing Mattis and continuing down the chain of command until he finds someone willing to attack North Korea, analysts say. Any defense secretary, notes Kathleen Hicks, a former principal deputy undersecretary for policy at the Pentagon, is merely "a check in the system against overenthusiasm" on the president's part for letting loose the nukes. Under the rules of the National Command Authority, the only weapon Mattis has to stop Trump's launch order is persuasion. If he blocks it, "then the president may, in his sole discretion, fire" him, it says, and tap the next person in the

EDDIE RODRIGUEZ

**There's no rule stopping Trump from firing Mattis and continuing down the chain of command until he finds someone willing to attack North Korea.**



chain of command to carry it out. If he wants, Trump can reach right down to a general heading a regional command. The Uniform Code of Military Justice requires sworn officers to carry out a bad but lawful order, setting up the kind of dilemma dramatized in the hit 1992 court martial drama *A Few Good Men*.

"To say that the secretary of defense and his subordinates have a legal duty to comply with presidential orders is not to say that they should do so," Jack Goldsmith, who held high positions in the Justice and Defense departments, wrote recently. But "they have to be prepared to accept the consequences of defiance," which include "resigning...resisting until fired, informing congressional leaders (in or out of public), or quietly coordinating with the vice president and others for presidential removal under the 25th Amendment."

"All of this is uncharted territory," says Reif. And compounding the legal, military and political complexities of the situation, some analysts envision Kim hitting first with a limited strike, such as a barrage of rocket and artillery fire on Seoul, which would kill tens of thousands of people, prompting U.S. and South Korean counterfire. But then Kim could sit back and let Trump make the next big move. "President Trump would then be faced with an unimaginable decision: continue the attack and see potentially millions more die, or give in to Kim's demands and stop," wrote retired Lieutenant Colonel Daniel Davis (who served under White House national security adviser H.R. McMaster in Iraq). Given North Korea's hardened defenses, massive rocket supplies and nuclear weaponry, "the interests of the United States would be gravely harmed no matter what choice Trump makes at that point," Davis says.

# **Ilustração: esboço em várias etapas**

Como já foi comentado, não há regra fixa para o processo criativo, ou seja, alguns ilustradores gostam de trabalhar com esboços e outros preferem lidar com o imprevisto e surpresas durante o ato de desenhar.

De qualquer modo, o esboço é culturalmente bastante presente no meio da Ilustração Editorial.

Vamos conferir agora o trabalho do ilustrador americano Marshall Arisman, conhecido por uma abordagem gráfica bastante marcante e peculiar, pautado pelo grotesco e toques neo expressionistas.

Reparem como ele desenvolve esboços em mais de uma etapa no desenvolvimento de seu trabalho.



Marshall Arisman: capas para a revista Time, 1980 e 1981.

illustration

# Words and Pictures: Reviving the Adult Illustrated Novel

*Text and images mesh in a macabre novella about twins, illustrated by Marshall Arisman.*

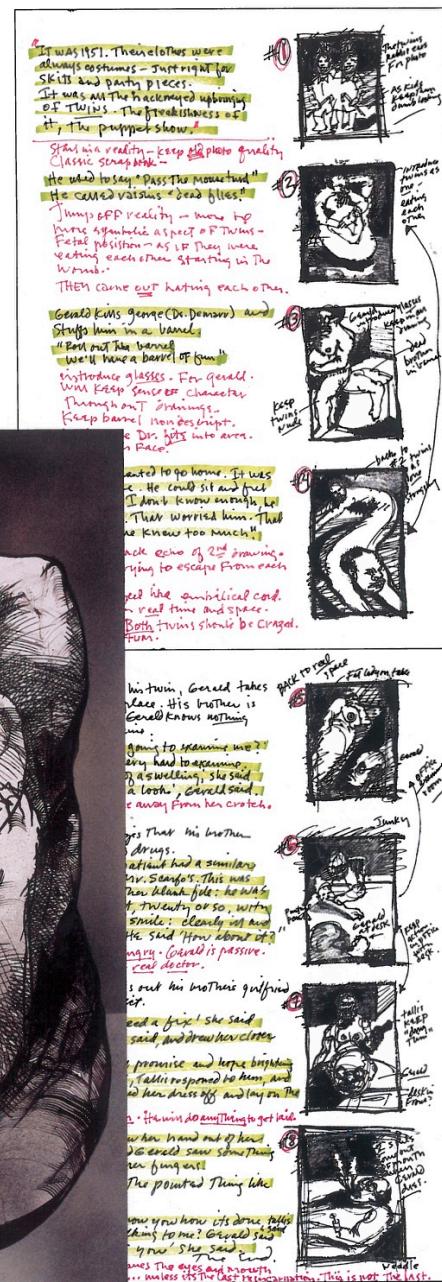
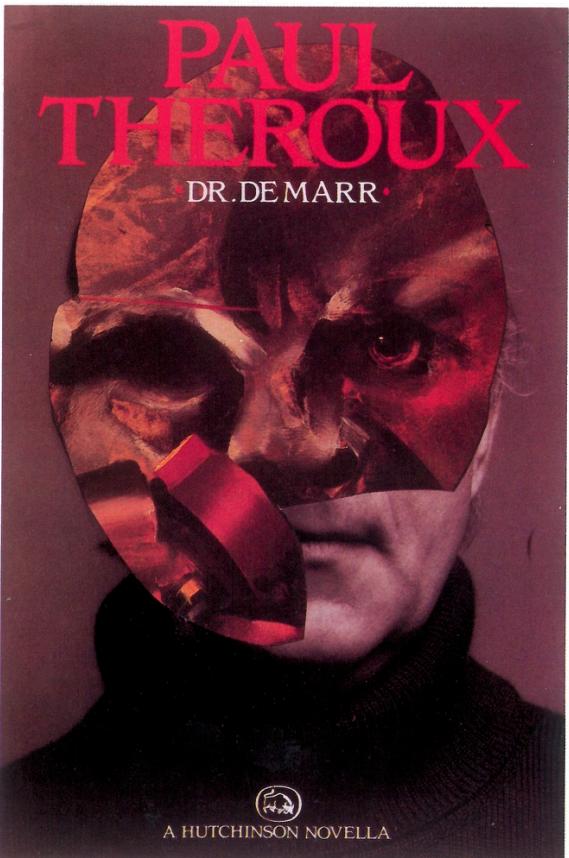
By Susan E. Davis

**I**magine that a writer and an artist—friends who share a decidedly offbeat sensibility—are asked to collaborate on an illustrated novel. Imagine the writer spinning a sinister tale of twins tied in a blood-knot of duplicity, deception and death. Imagine the artist selecting a few key scenes and then going “between the words” to express his own interpretation.

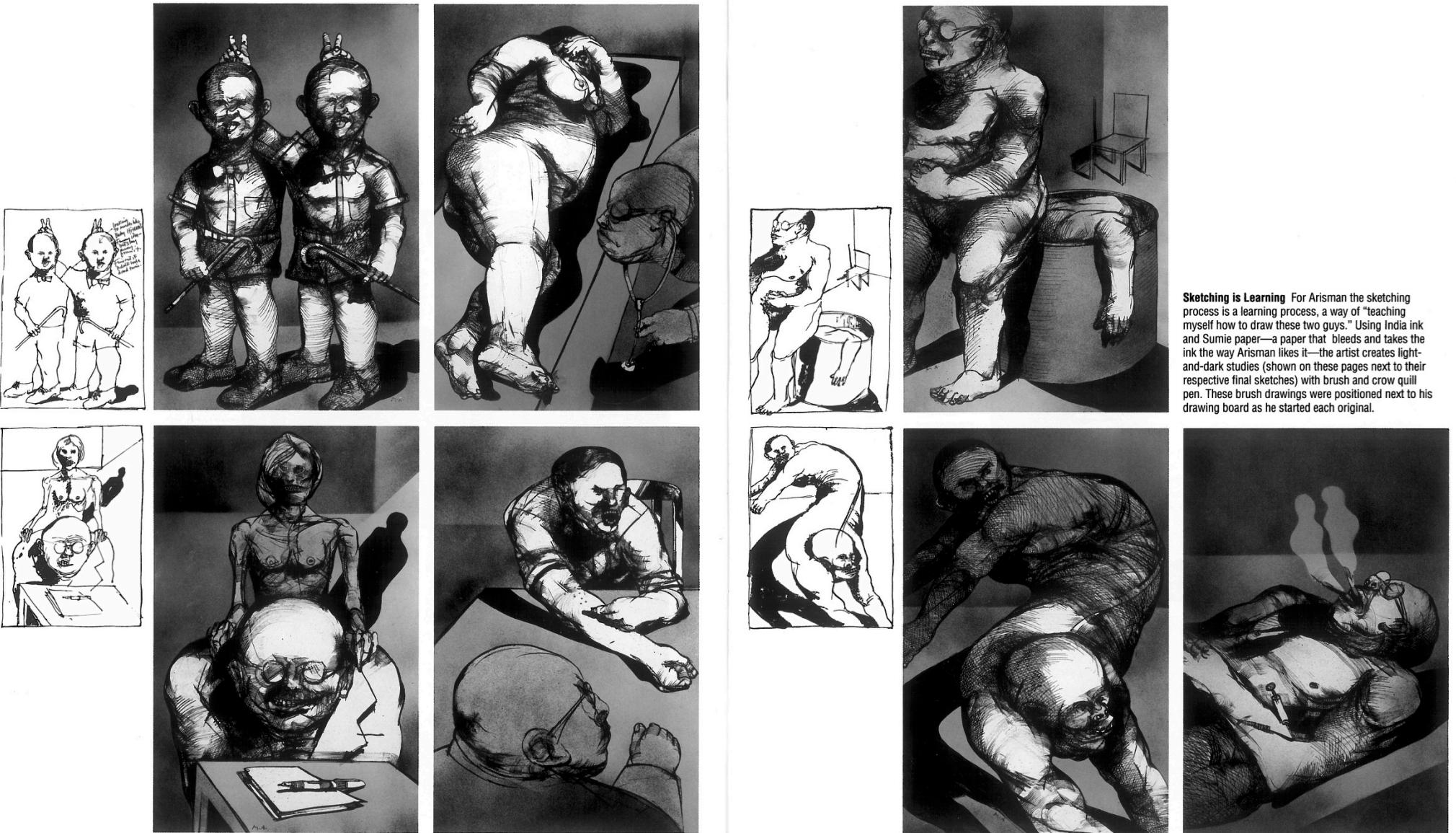
The result is an illustrated book for adults, a genre that was once popular a century ago—chapters appeared first in weekly magazine installments—but now almost entirely reserved for children’s books. **INITIATING COLLABORATION** The Hutchinson novella series was based on the notion of writer and artist working together. “Part of the pleasure of the whole thing was to be the collaboration between [Paul Theroux and Marshall Arisman],” notes Richard Cohen, who edited a score of books in the series for British publisher Century Hutchinson beginning in the mid-1980s. Conceived by Frank Delaney, the illustrated novellas were envisioned as the basis for a television

(Continued on page 44)

**Twin Talents: Text and Image** The novella “Dr. DeMarr” represents a unique genre of adult fiction. In addition to the color jacket cover (at right), Marshall Arisman created eight interior black-and-white illustrations (one of which is shown on the opposite page). His thumbnails and notes for the project are shown at far right.

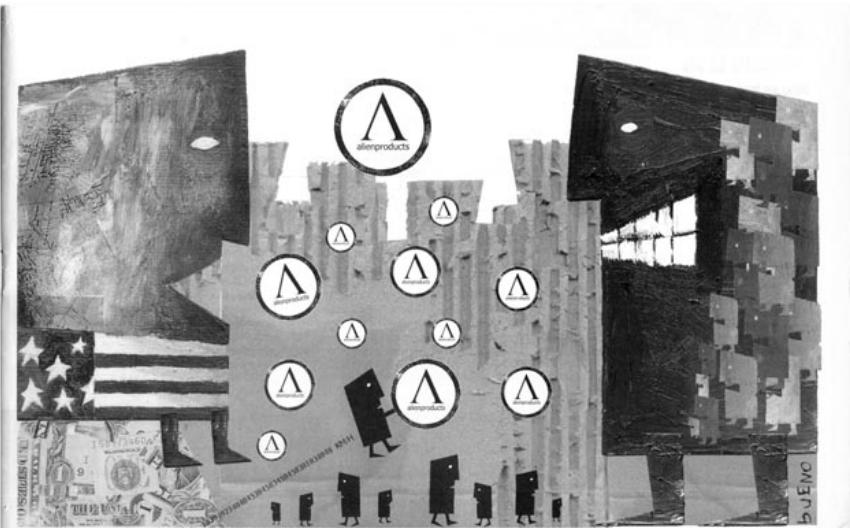


Marshall Arisman: As páginas seguintes foram publicadas na revista “Step by Step”, 1992.



**Sketching is Learning** For Arisman the sketching process is a learning process, a way of "teaching myself how to draw these two guys." Using India ink and Sumie paper—a paper that bleeds and takes the ink the way Arisman likes it—the artist creates light-and-dark studies (shown on these pages next to their respective final sketches) with brush and crow quill pen. These brush drawings were positioned next to his drawing board as he started each original.

# Ilustração: síntese e depuração



## MILTON SANTOS ▷ COMO REVERTER A GLOBALIZAÇÃO PERVERSA

Ocasões como a de Porto Alegre são um marco, mas há um risco a considerar

O Fórum Social Mundial repte, com êxito ainda maior, manifestações como as de Seattle, Washington etc., nas quais a consciência, dialeticamente despertada com a globalização, vai abrindo espaço na opinião pública e contribuindo para transformá-la.

A noção de solidariedade e mobilidade aliás fronteiras já se vinha manifestando, concretamente em diversas oportunidades docentes, sobretudo, de guerra e conflitos interacionais, mediante a instalação de mesas redondas e outras formas de julgamento de agravos à humanidade. Agora, traz de si a corpora a sua incoerência firme e a um modelo de colisão que generaliza, apesar da sua perversidade, o modelo globalizante, desprazendo os todos os lugares e de todas as reconfigurações de vida sobre o planeta.

Antes, a econtração da guerra e das outras formas de barbaria se justificava pelo próprio finalismo. Mas eram momentos infelizes da história, que pareciam resumar o seu curso quando a paz e a vida civilizada renovavam os seus direitos. Já a forma da atual globalização pretende ser permanente e, apesar de seus efeitos claramente nefastos, teima em se apresentar como redentora. Seus defensores apontam para um futuro cujo horizonte é indefinido, mas o apresentavam como capaz de levar a uma sociedade globalmente mais justa. Todavia, assistimos em toda parte ao aumento das desigualdades tradicionais e à produção de novas desigualdades, enquanto as ações públicas e privadas que levam a esse resultado fazem parte de um credo ideológico solidamente construído, e a partir do qual as sociedades nacionais são induzidas a aceitar tal caminho como se fosse o único. Modelos produtivos, em que prevaleva uma competitividade sem quartel, e modelos sociais nos quais toda competição é abolida, passam a presidir o destino dos povos.

Menos assim, horve e ainda há quem admira e defende tais metas, consideradas como uma promessa alvíssara. Mas, já agora, a

maioria da humanidade descreve que tais sistemas aumentam os privilégios para um pequeno número de atores e desequilibram a proteção e a necessidade entre a maioria das populações. Desobedece, também, o mecanismo com o qual éposta contra essa máquina desigualdade. Há algum tempo, porém, as vítimas desse processo, cada vez mais numerosas, se multiplicam, indefesas e só recentemente manifestam a vontade de libertação desse jugo.

Por Alegre e, portanto, um marco. Sem dúvida, essa cidade brasileira se tornou a confabulação das insatisfações mais diversas de diferentes formas de protesto. De todo, o protesto do globo, que se expandiu encorajado por suas coisas, mesmo as reivindicações tão desordenadas em certos casos, parecer desparadas. O fato é que a justiça é fraca, a luta universa da nova situação e a força do discurso que é justificativa para dificil localizar os conjuntos coerentes de causas e efeitos.

Todos acordaram que dessa forma estão dando o necessário combate. Mas o que fazer? Solicitar às organizações não-governamentais, aos políticos e a homens de boa vontade que cruzem os braços e não ofereçam nem sequer resistência? Ou deixá-los prosseguir nessa luta difícil, mesmo sem ordem, dispersa? Seja como for, ocasiões como a de Porto Alegre são um exemplo, pois não apenas mostram a variedade e amplitude das reivindicações, como deixam ver que, de um modo geral, há convergência de preocupações.

Todos sabemos que instâncias como essa constituem, às vezes, um verdadeiro enigma para desencadear reações em cadeia, levando a movimentos de maior amplitude com o qual graças refletem acaba sendo visto.

Sem dúvida, quando as reivindicações se multiplicam a ponto de parecerem pulverizadas há, paralelamente, o risco de um enfraquecimento quanto à busca do avô principal, isto é, o elo das causas mais profundas dos males que se deseja debelar.

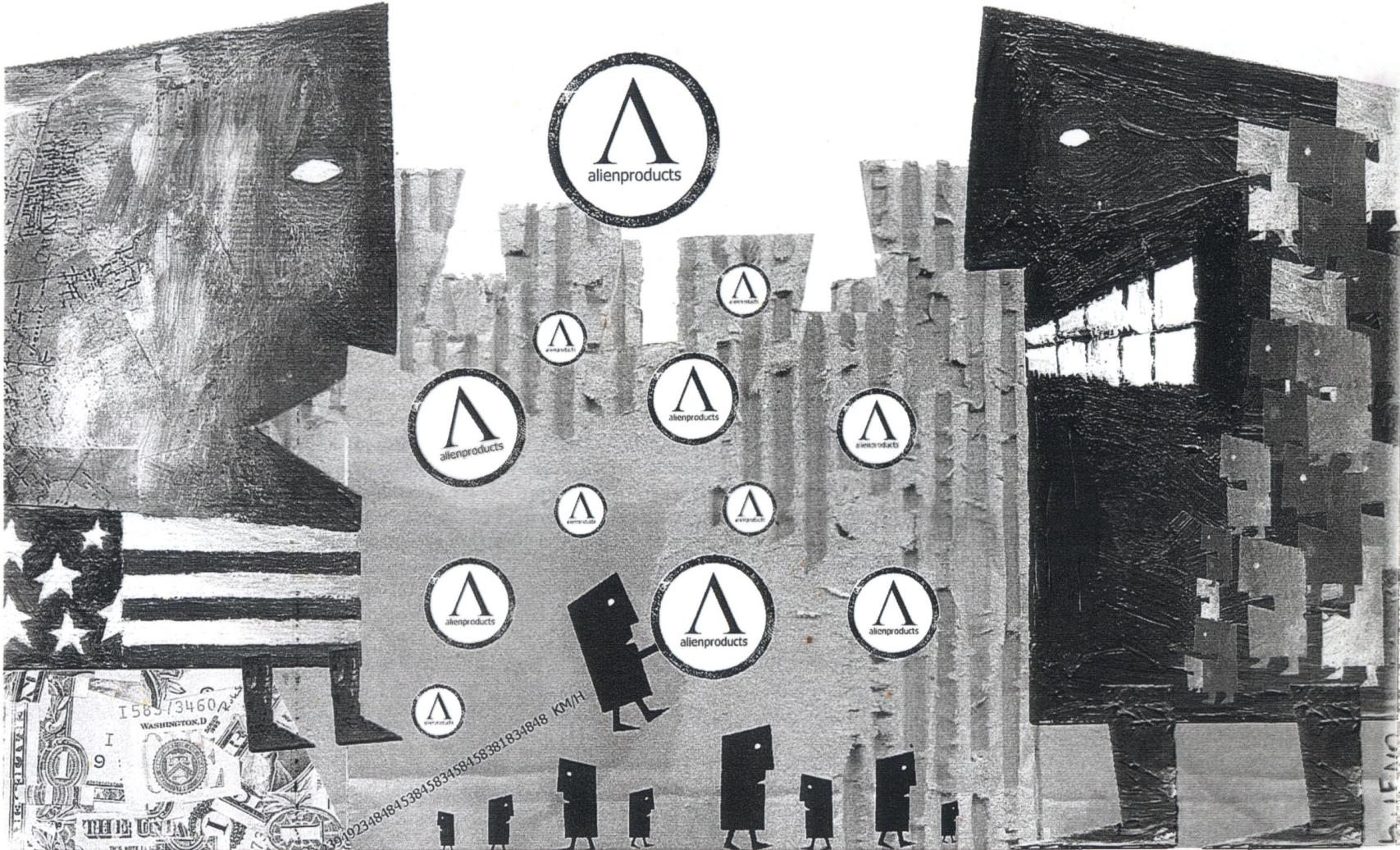
Um aspecto importante na hora de desenvolver uma idéia de ilustração é:

Como comunicar? Como organizar as informações?

Nesse sentido, síntese e depuração são palavras importantes.

Vou comentar esse assunto mostrando uma ilustração que fiz no começo de carreira pra revista Caros Amigos.

Fiquei entusiasmado em ilustrar um texto do grande geógrafo Milton Santos e procurei comentar muitos aspectos do artigo na ilustração.

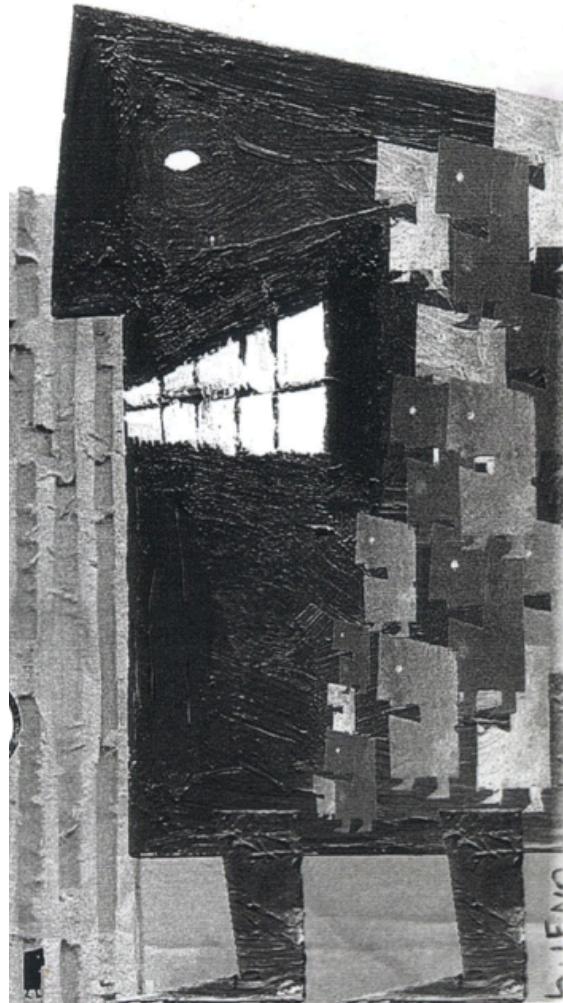


Posteriormente, avaliando o trabalho e conversando com professores e colegas, percebi que a ilustração não tinha foco e era confusa, pois queria “explicar demais”. No fundo, um detalhe dessa ilustração já poderia gerar um resultado interessante.

Vale dizer de novo: uma ilustração não precisa e nem deve se preocupar em transmitir informações e inúmeros detalhes das coisas como se fosse um infográfico.

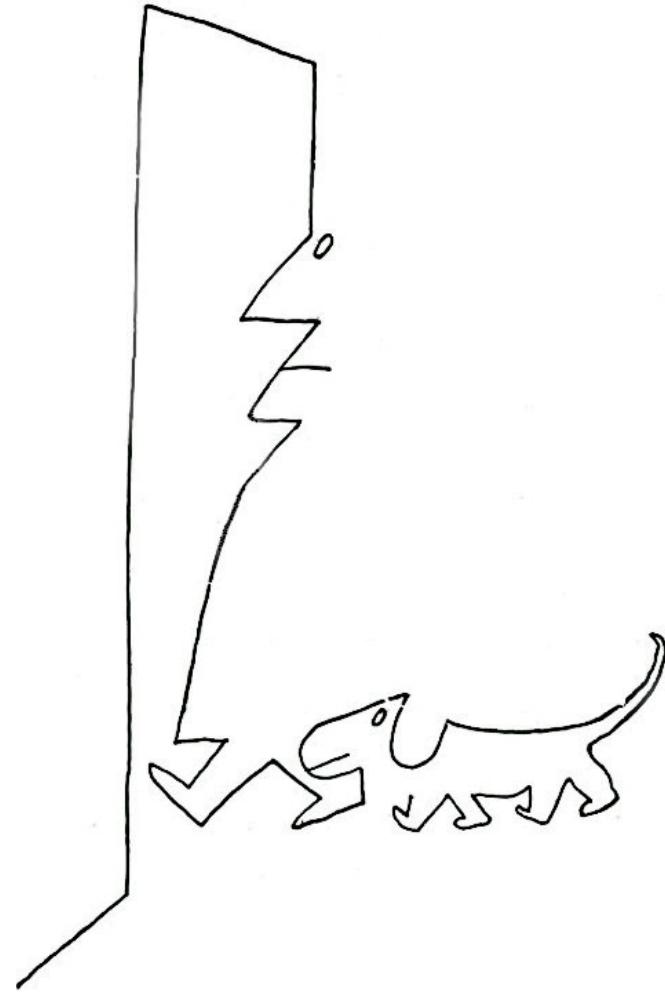
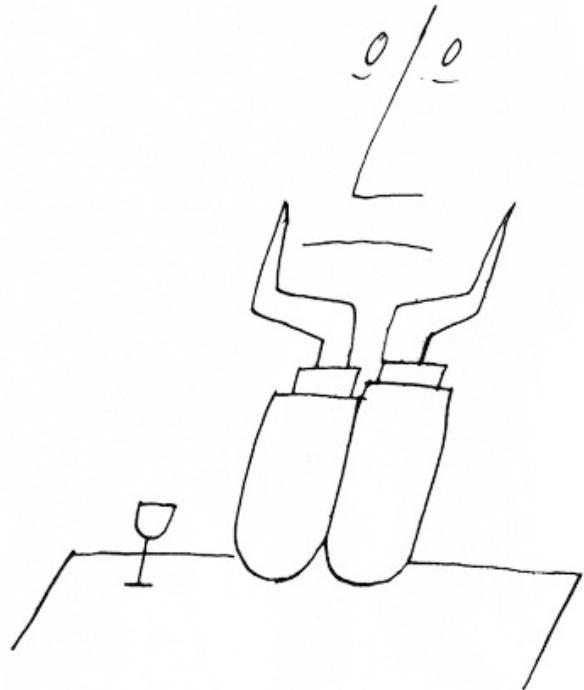
Ela não funciona muito bem se for um amontoado de alegorias.

Uma ilustração comunica bem quando traz algum aspecto interessante, mexe com a percepção do leitor, e dá abertura para que ele complete sentidos e significados com sua imaginação.





Com o intuito de estudar síntese na ilustração, fiz esse trabalho com mais de 60 desenhos sintéticos em sequência no meu Trabalho Final de Graduação (FAU-USP, orientação do prof. Silvio Dworecki).



Desenhos de Saul Steinberg publicados no livro The Passport, 1954.

Artistas como Saul Steinberg foram importantes para me mostrar que não precisamos colocar tudo num desenho, e que ele tem uma lógica própria.



NON A L'AUTOROUTE RIVE GAUCHE



No canto esquerdo,  
cartaz "Perrier", 1955.  
Ao lado, cartaz de 1972.

Cartazes publicados no  
livro "Savignac – L'Affiche  
de A à Z", 1987.

Artistas como o cartazista Savignac me ensinaram sobre foco claro e definido na ilustração.



## Os Seminários de Gil

"Vamos reunir, vamos arredondar"  
Jô Soares, nos tempos da ditadura.

**P**esso manifestar de camarote minha deceção com o desempenho de Gilberto Gil no Ministério da Cultura, nos sete meses iniciais, porque aqui neste espaço defendi sua indicação, recebida com torpes podres pelos membros do Ku Klux Klan nacional e pelos tecnocratas que, por outro tipo de preconceito, não acreditam que um artista possa revelar-se um bom administrador tanto na iniciativa privada quanto no poder público. Continuarei inabalavelmente contrário aos dois preconceitos, mas a fé que me despertou a indicação de Gil deixou de ser uma vela acesa e transformou-se numa poça de cera.

Não conheço os cabeças do Ministério da Cultura, mas o fato de serem desconhecidos, para mim e para o mundo da Arte, do Artesanato e do Folclore nacionais, não os desabona. No entanto, tenho medo de que Gil esteja cercado daquilo que Mário de Andrade chamava de "ileituranismo petulante". O relatório dos sete meses do atual Ministério da Cultura distribuído através da Internet, pela secretaria de Comunicação Social do MinC, justifica esse receio. Depois tentarei dizer por que.

O Brasil não é só uma "terra de contrastes", como disse Roger Bastide, é também a dos paradoxos. Foi justamente Guitavo Capuana, titular do Ministério da Educação e Saúde do Estado Novo, um ex-camisa-parda, juntar libertos de seus amigos integralistas, que reunia a mais ilustre equipe ministerial que este país já teve notícia, o que o ajudou a tornar-se o melhor ministro da cultura que já tivemos em nossa história. Sua equipe de privilegiados talentos era composta, no entanto, de uma democrática heterogeneidade ideológica. Para justificar-me, vou citar alguns nomes de seu Ministério, em ordem alfabética, para não trair minhas simpatias: Afonso Arinos, Augusto Meyer, Cândido Portinari, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Lúcio Costa, Manoel Bandeira, Mário de Andrade, Oscar Niemeyer, Rodrigo de Melo Franco e Villa Lobos, entre outros. Apoios os remanescentes da Semana de Arte Moderna, publicou as obras completas de Alphonsus de Guimaraes,

estimulou a arquitetura moderna, mexeu com tudo. Durante seu tempo de ministro da Educação e Saúde, foi com a produção cultural do país que ele mais se preocupou. Afinal, fez, sem haver prometido, uma admirável administração cultural.

Quando Gilberto Gil foi indicado, a esperança de que o fenômeno Capuana se repetisse, e até que a ministra área, a Literatura, "a prima pobre das artes", segundo Flávio Pinheiro, recebesse alguma mesadinha, cresceu, e depois feneceu. Ele é o ministro que menos audiência pediu a Lula. Se for por orgulho, quem vai perder somos nós.

Como, durante a campanha, houve uma porradaria de encontros temáticos em cada região do país, que se resumiu no documento petista para a cultura, intitulado *A Imaginação a Serviço do Brasil*, eu penso agora, que os problemas culturais foram discutidos democraticamente com a sociedade, afastando a hipótese de qualquer dirigismo, basta Lula assumir, e seu Ministério da Cultura cari em campo, para trabalhar.

Certamente a equipe de transição – relativa à administração cultural – já sabia que dos R\$ 3 bilhões investidos pela Lei Rouanet e o Audiovisual, no período entre 1996 e 2002, R\$ 2 bilhões cobririam os gastos em eventos (vale o grifo) que se realizaram no Rio de Janeiro e São Paulo. E... o que é mais significativo: 90% desse dinheiro foram para os bolsos de artistas consagrados, que não precisam de dinheiro público, porque os empresários brigam para dirigir seus negócios. Sabiam disso, com certeza, porque entre os quatro itens principais dos documentos que saiu dos seminários de campanha, um deles propõe a criação de um Sistema Nacional de Política Cultural, que ficou sendo visto como uma espécie de "SUS da Cultura".

Passaram-se sete meses e, analisando o relatório das realizações do Ministério da Cultura, dou-me conta de que, de novo, iniciou-se um projeto chamado Refavela, mas não se diz onde e o que foi feito, no mais apenas deu-a continuação, de modo vegetativo, às atividades infantinas das Secretarias de Música e Artes Cênicas, do Patrimônio, Museus e Artes Plásticas, do



Livro e da Leitura, da Fundação Nacional de Arte (Funarte) e da Fundação Casa de Rui Barbosa. Claro, houve muitos espetáculos, fóruns e seminários promovidos. Por falar em seminário, o que eu ia discernir, mesmo, era sobre o Seminário Culture para Todos, que se vem realizando em todas as regiões, ocupando o pessoal ligado à cultura, até o dia 19 deste mês, tendo-se iniciado, em Brasília, em 16 de junho. Por falta de seminário, na administração Gil, certamente nenhum padre ficará na rua. Claro que, para analisar todas as propostas e juntá-las num documento operacional, o Ministério levará o resto deste semestre perdido,

deste ano perdido. Nesta hora, lembro-me como nós, os nordestinos, temos do que nos querer. Em 2002, o Rio teve R\$ 1 bilhão em investimentos das leis de incentivo; São Paulo, R\$ 950 milhões. E o Nordeste? Até? Apenas R\$ 197 milhões. Enquanto isso, um filme norte-americano, como *O Exterminador do Futuro II* teve um orçamento de 170 milhões. De dólares!

# Ilustração autoral: exemplo

Irei mostrar agora um exemplo de ilustração autoral, feita com liberdade em abordagem gráfica e idéias.

Foi uma ilustração para a revista de ilustração argentina Gooo. Eles me sondaram, me convidaram para participar de uma edição de tema “bruxaria”.

Vamos ver como recebi as informações deles e conferir o processo criativo desse trabalho.

---

\*Göoo #7\*

\*Topic: Brujería (Witchcraft)\*

/We're not only looking for witches' representations; but for spellings, curses, charms, amulets, rituals, black magic, voodoo, satanic pacts, witches' sabbath, potions, and so on. It can be existent or made up from your own imagination. We want you illustrations to bewitch our imagination!/

The piece is a 30 x 11cm spread (5mm bleed per side included).

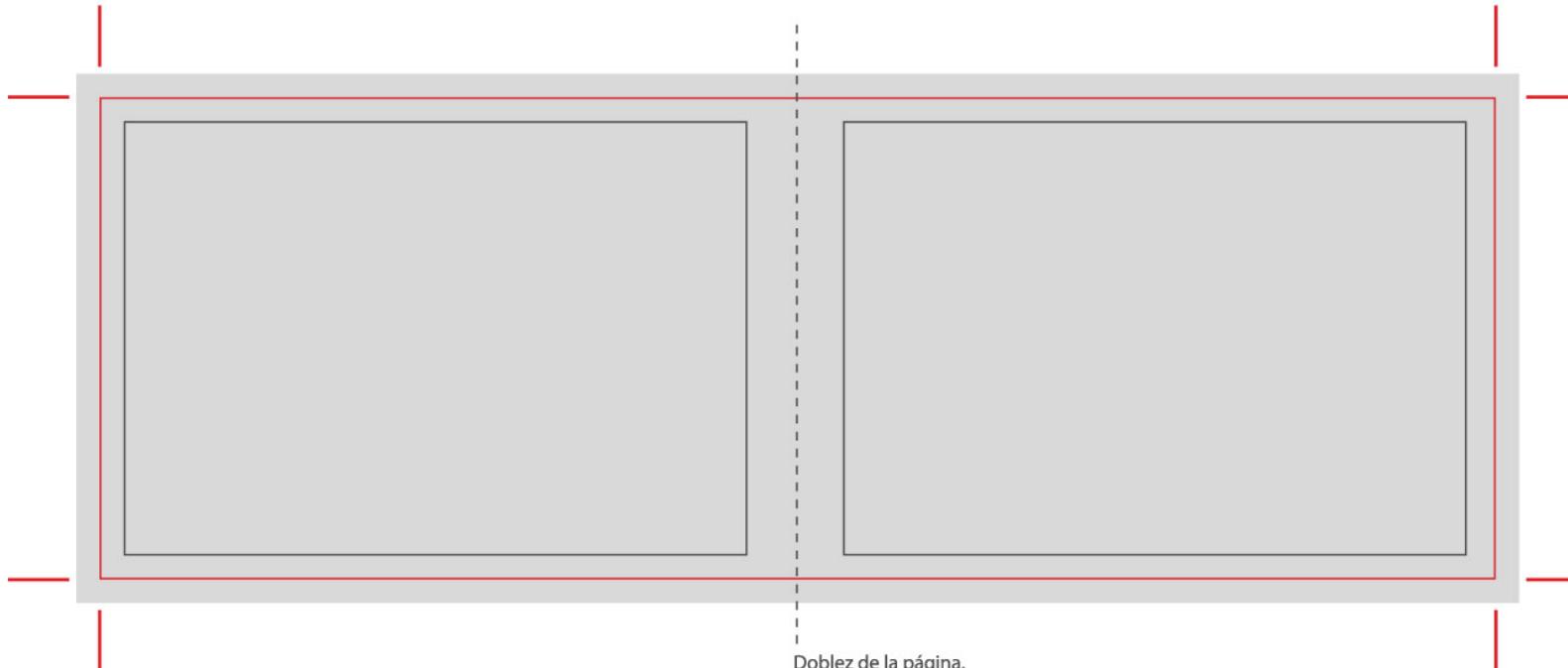
The format of the final file should be JPG or TIFF 300 dpi in CMYK.

\*Deadline: March, 31st 2009

\*

---

Numa mensagem de e-mail recebi os dados gerais do trabalho: tema, formato, resolução, prazo.



Archivo Final. 30x11cm con demasias.  
Formato Tiff o Jpg. 300 dpi. CMYK



Área de impresión. 29x10cm.



Áreas Recomendadas para textos e imágenes principales de la composición.



Final File. 30x11cm with Bleeds  
Format Tiff or Jpg. 300 dpi. CMYK



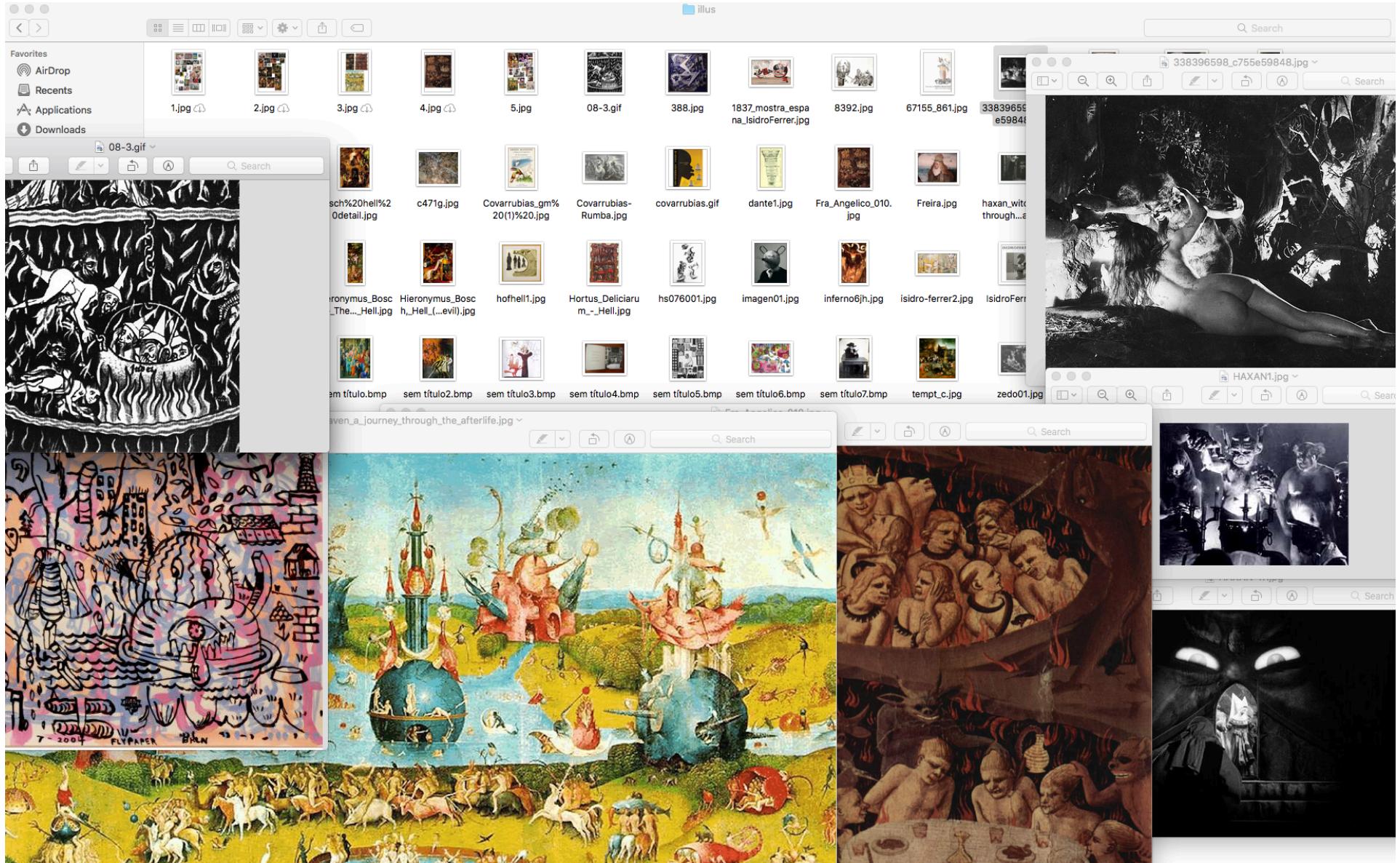
Print Area. 29x10cm.



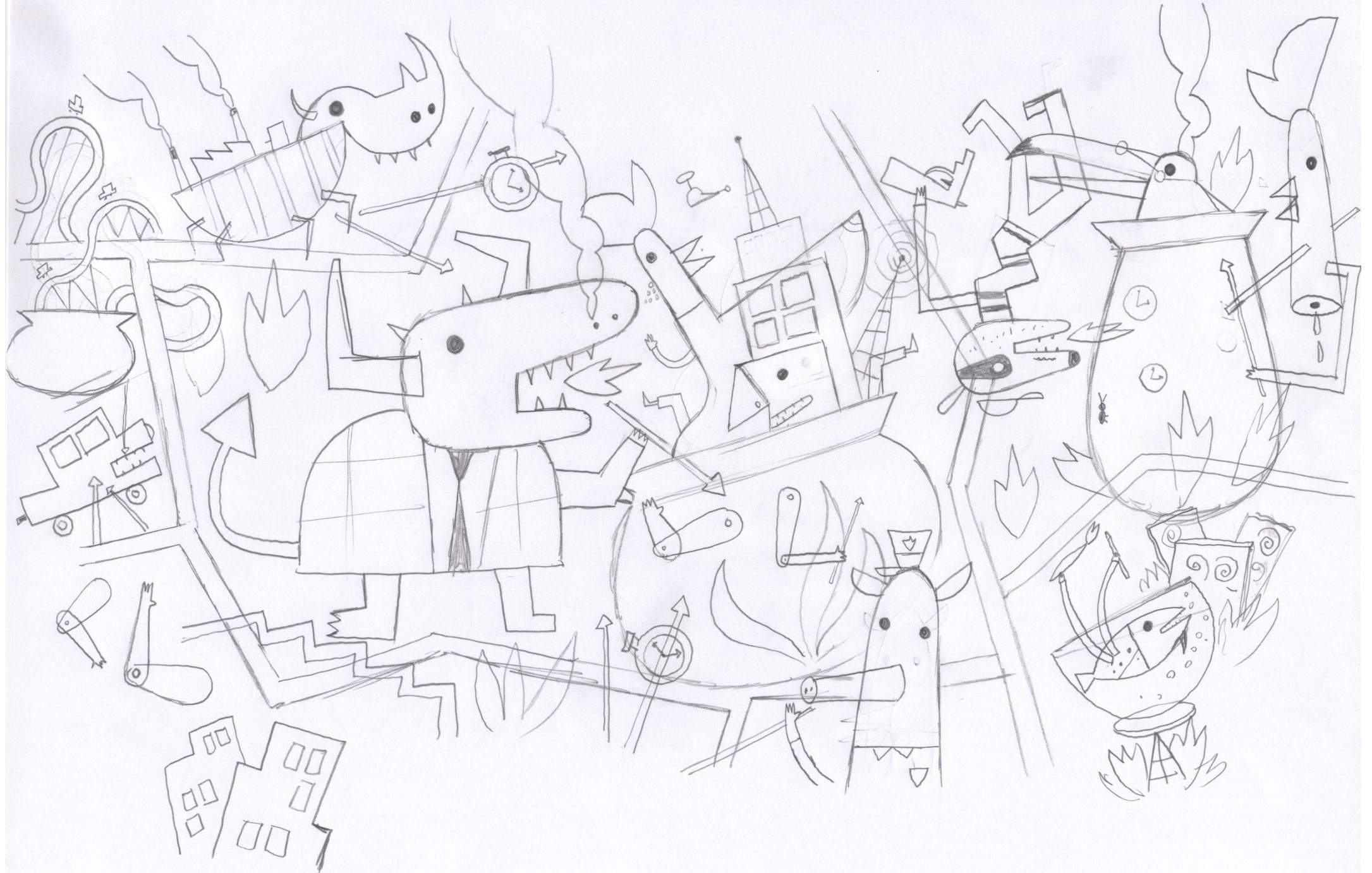
Recomended areas for text and principal layout images.

Também recebi  
um PDF com  
template.

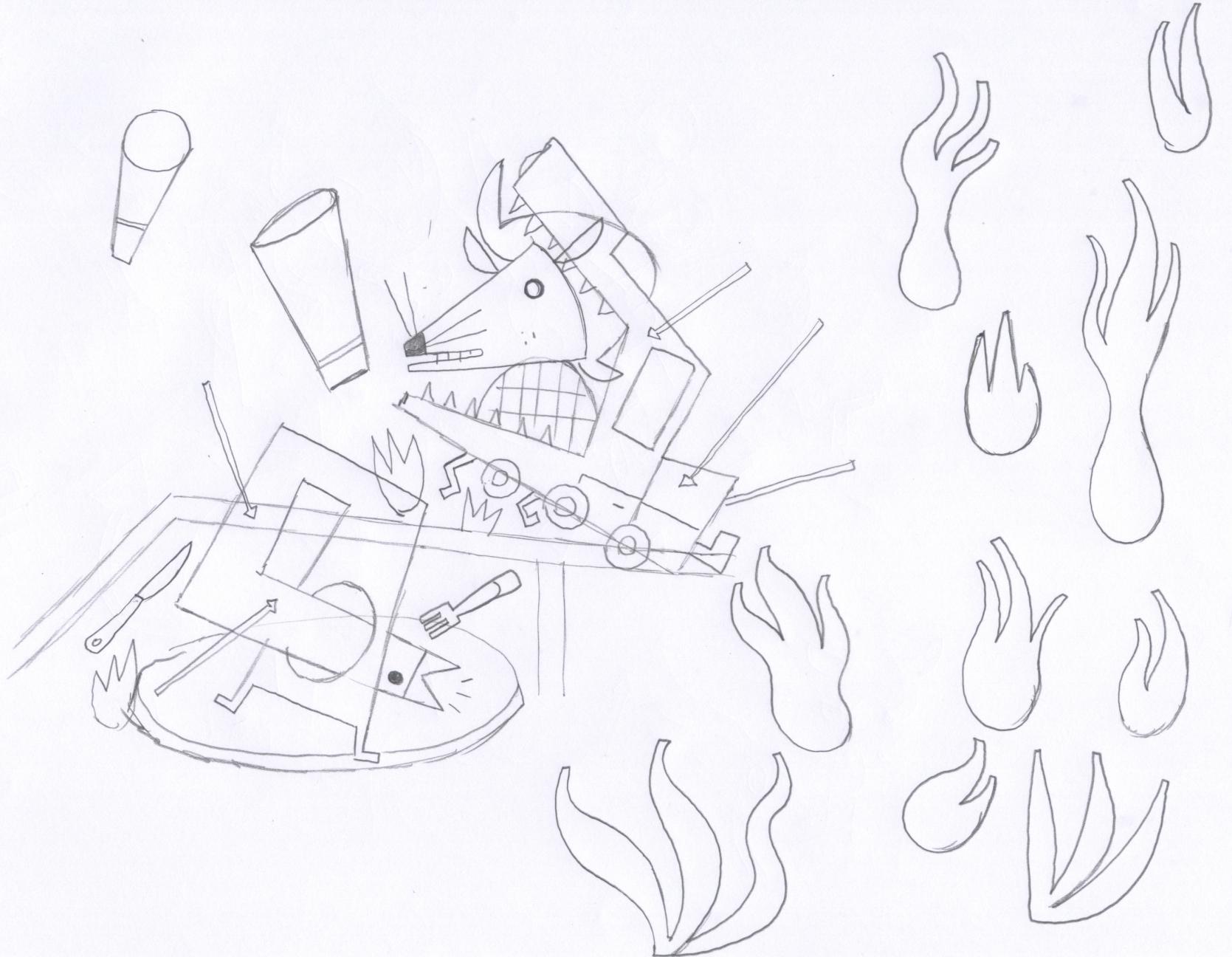
Reparem nas  
especificações de  
“área de  
impressão” e  
linhas de corte.



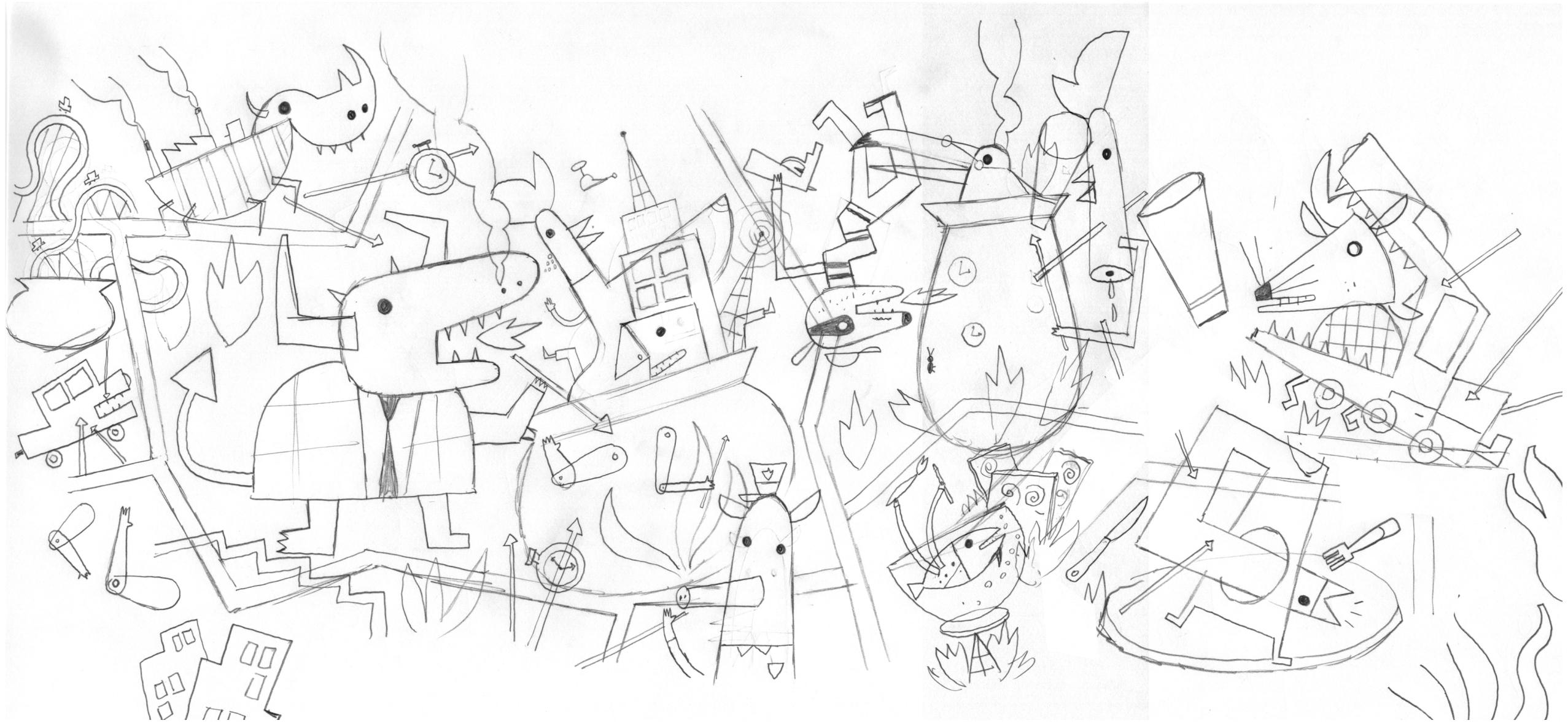
Ao começar um trabalho, sempre pesquiso referências e guardo as imagens numa pasta.



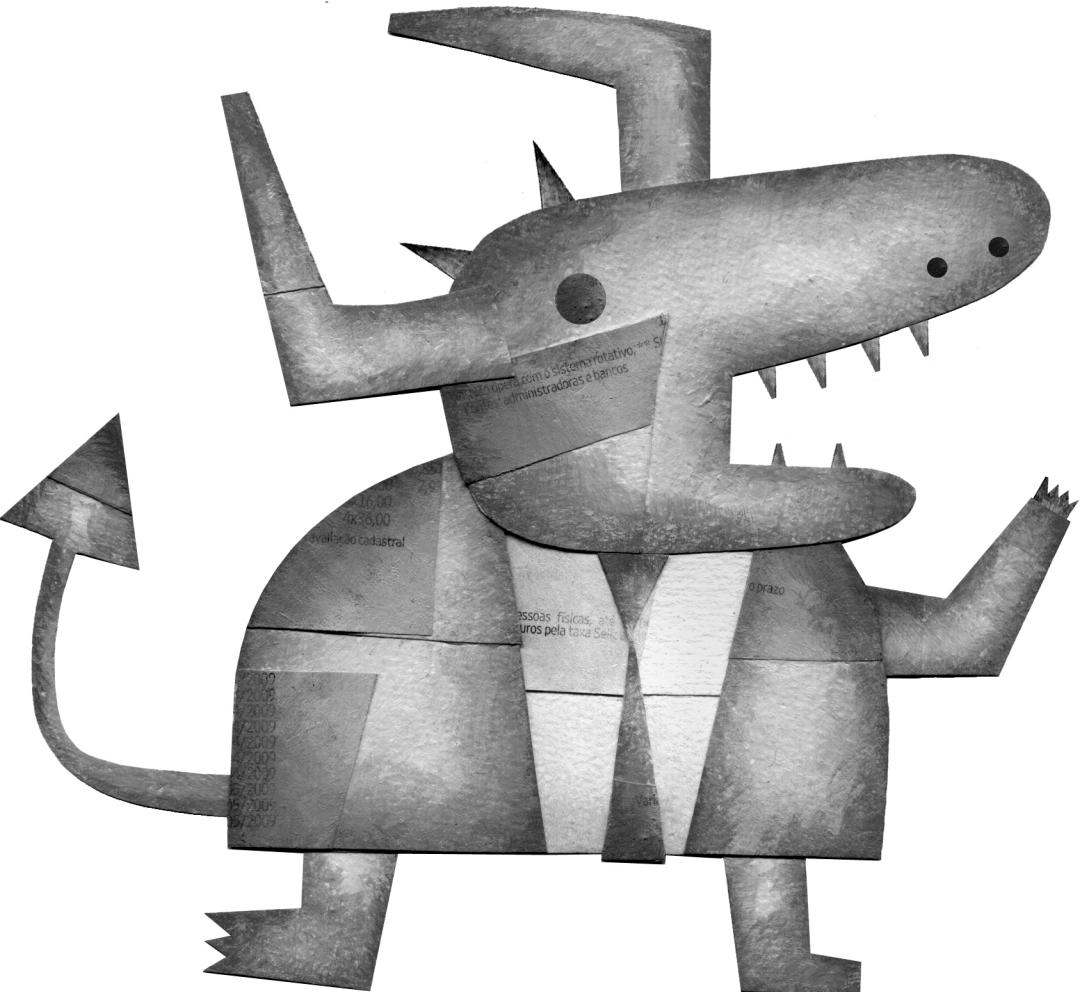
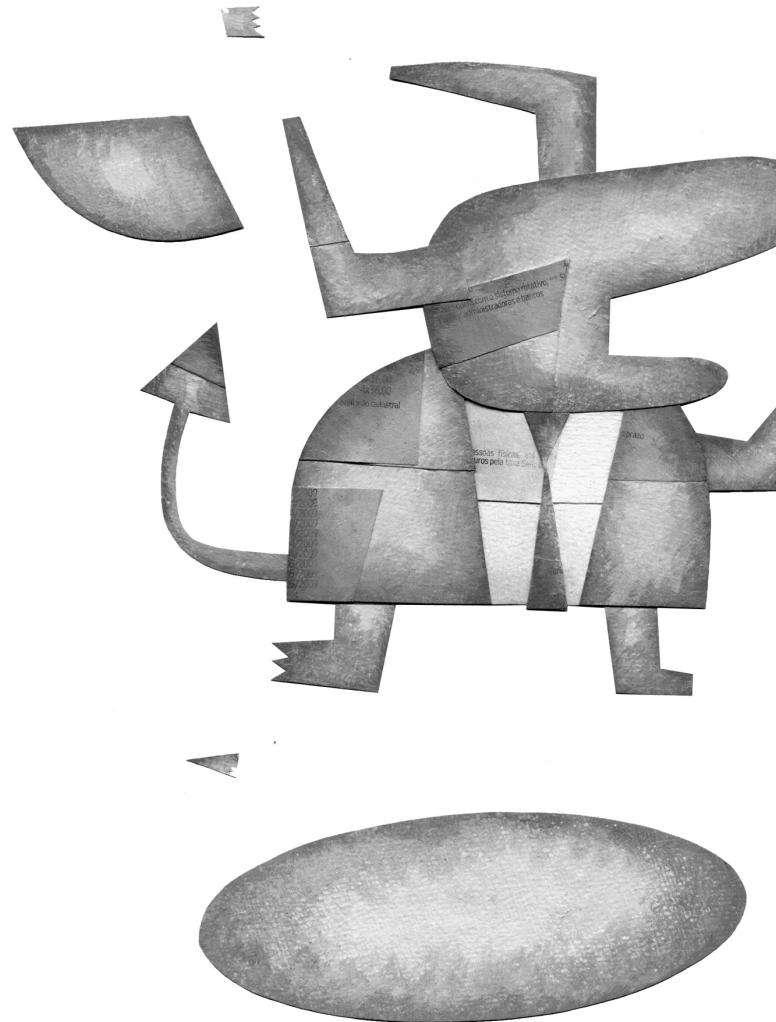
Primeiros  
esboços.



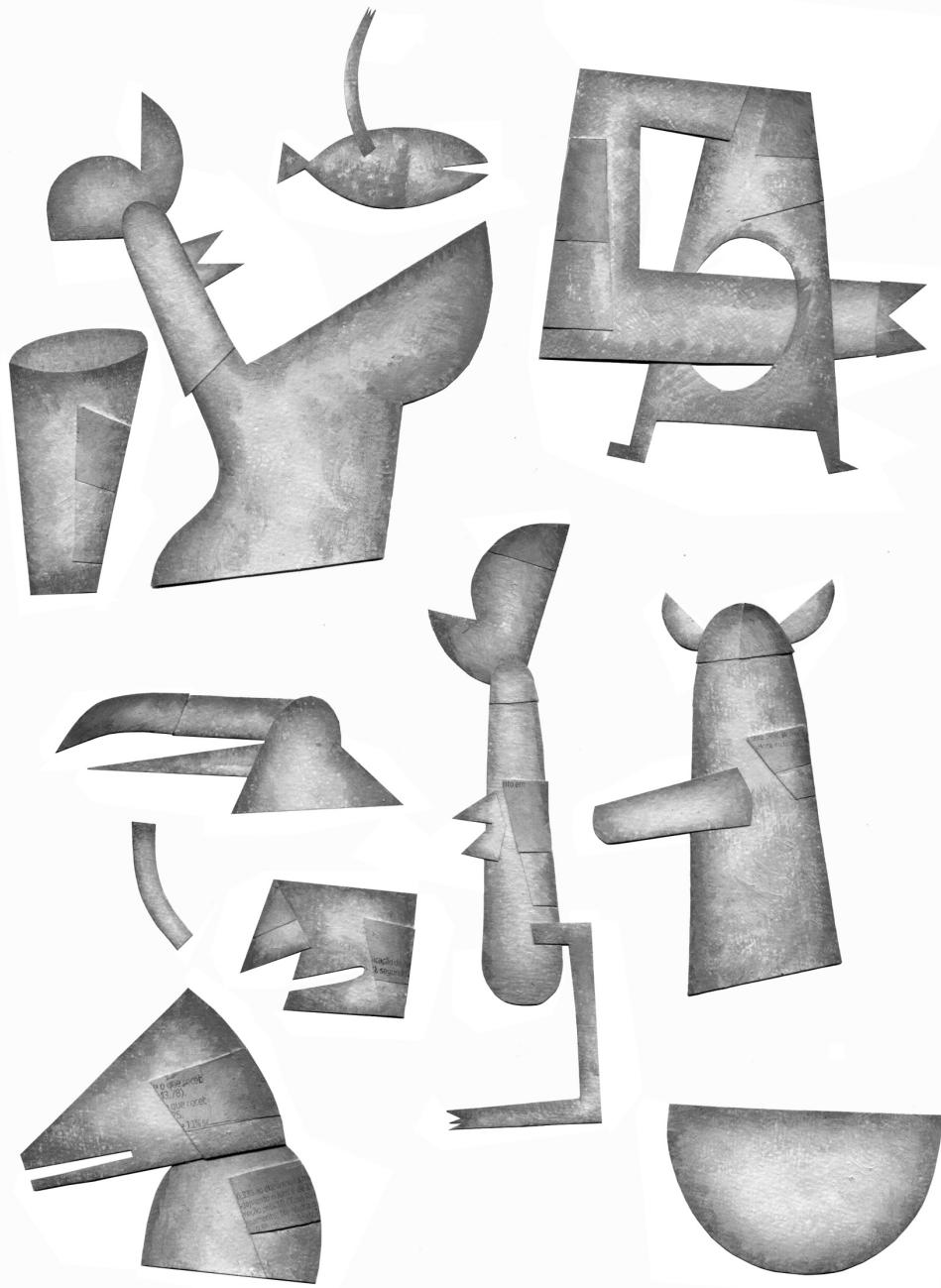
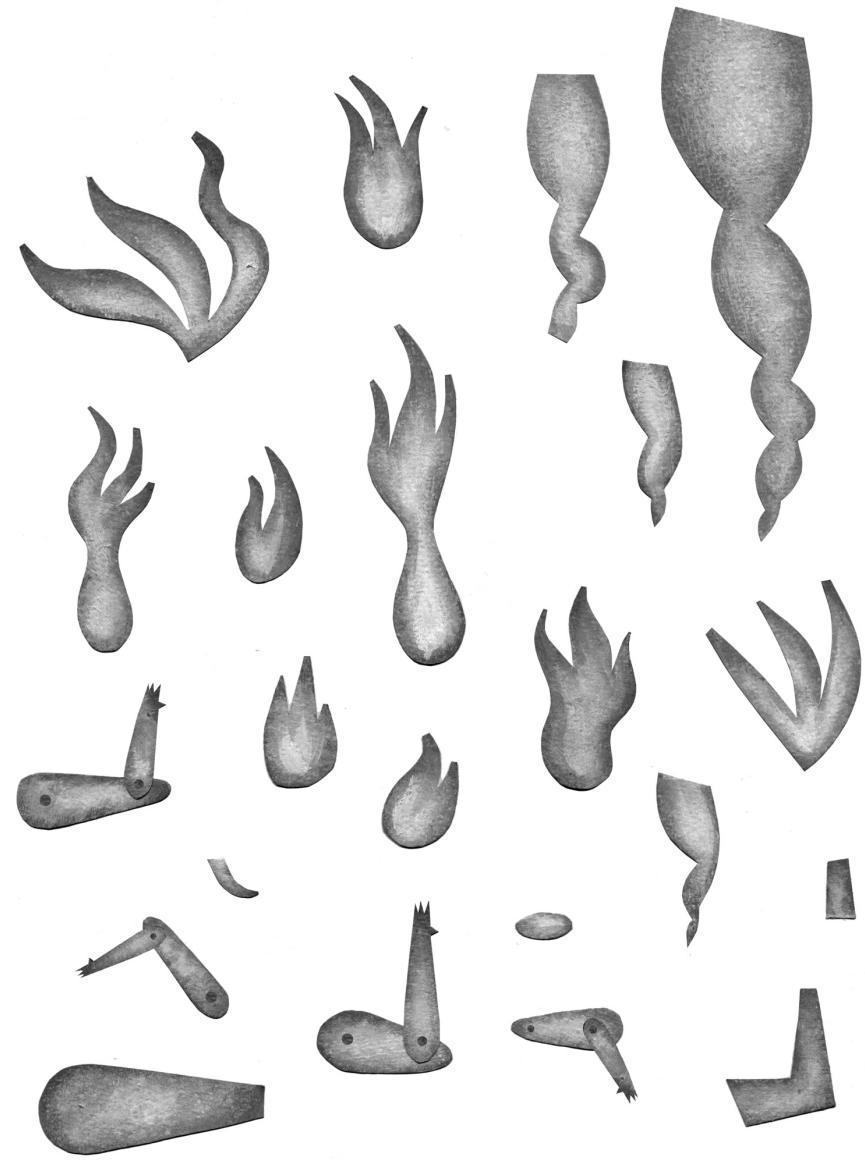
Primeiros  
esboços.



Organizei a composição escaneando os esboços e juntando eles (no Photoshop) numa imagem só.



A partir dos rascunhos são desenvolvidas, em trabalho manual, peças soltas com colagem, tinta acrílica e camadas de papel. Elas são posteriormente escaneadas e trabalhadas no Photoshop.



Foram criados muitos elementos, sendo várias peças pequenas.

Repare como os personagens ao lado ainda não receberam olhos, retoques, etc.



Depois de finalizar todas as peças no Photoshop, todos os elementos foram trabalhados num único arquivo. O rascunho ajudou a orientar a composição final, e elementos gráficos adicionais como manchas com carimbos (feitas em arte manual) e um papel escaneado pro fundo contribuíram pra amarrar toda a cena. Por fim, foram feitos testes de cor, num proposta intencionalmente monocromática. Depois de concluído o trabalho, a ilustração foi enviada por e-mail para a revista.

# Geração de idéias

Um texto chega para o ilustrador ilustrar. E agora, como começar a trabalhar?

Como já vimos, não há apenas um modo de trabalhar. Cada ilustrador, com o tempo, vai desenvolvendo seu método de criar.

Vou mostrar agora um método muito comum de geração de idéias, envolvendo anotações e esboços rápidos.

**Assunto:** Texto de sexta

A radicalização do terrorismo no Brasil

A estratégia do Estado Islâmico de recrutar simpatizantes autóctones por meio das mídias sociais, iniciada entre 2012 e 2013, apresenta seus primeiros resultados. Nesse aspecto, o Brasil possui um potencial significativo de possibilidades, fato percebido pelas lideranças do terrorismo extremista islâmico.

Com o aumento dos protocolos de segurança em países da comunidade europeia e o intercâmbio de informações de órgãos de inteligência, uma das alternativas dos grupos radicais pode ser direcionar suas ações à América Latina, especialmente o Brasil, terreno ainda inexplorado.

Tais circunstâncias derrubam a tese, defendida por muitos, de que o Brasil está longe do terrorismo extremista, já que somos pacíficos e não estamos envolvidos em operações bélicas e de inteligência em zonas conflagradas, em especial o Oriente Médio e o norte da África.

Infelizmente, são falsas premissas. Para o terrorismo internacional, baseado na anomia e irracionalidade de ações, tais argumentos são irrelevantes.

Por isso, a prisão, pela Polícia Federal, de uma suposta célula terrorista ligada ao Estado Islâmico, que planejava ações durante os Jogos Olímpicos do Rio, é um marco histórico no Brasil que tende a se repetir com certa frequência.

Pela primeira vez foram utilizados dispositivos da lei federal de combate ao terrorismo, sancionada em 16 de março deste ano, que pune, inclusive, os atos preparatórios.

A questão principal desse contexto é o recado institucional das autoridades brasileiras para todo e qualquer movimento terrorista que possua intenções semelhantes.

A prisão demonstrou a capacidade operacional e de coleta de dados de inteligência das forças de segurança para detectar e neutralizar ameaças em qualquer parte do território nacional. Tais ações contribuirão, ainda, para aplacar parte da tensão de delegações e turistas estrangeiros em relação a atentados.

Sabe-se que é difícil identificar com antecedência os terroristas autóctones, como os chamados lobos solitários ou mesmo células decentralizadas e autodidatas, uma vez que não existe um perfil ou biótipo definido. Eles transitam no ambiente urbano com naturalidade.

Podemos perceber alguma intenção em gestos, atitudes e diálogos se os suspeitos forem monitorados por câmeras por algum tempo, o que permite analisar o conjunto de suas atitudes, e não um comportamento pontual. Também podem ser investigados por meio do monitoramento das comunicações eletrônicas ou digitais, a exemplo do que ocorre nos países que possuem familiaridade no trato com o terrorismo internacional.

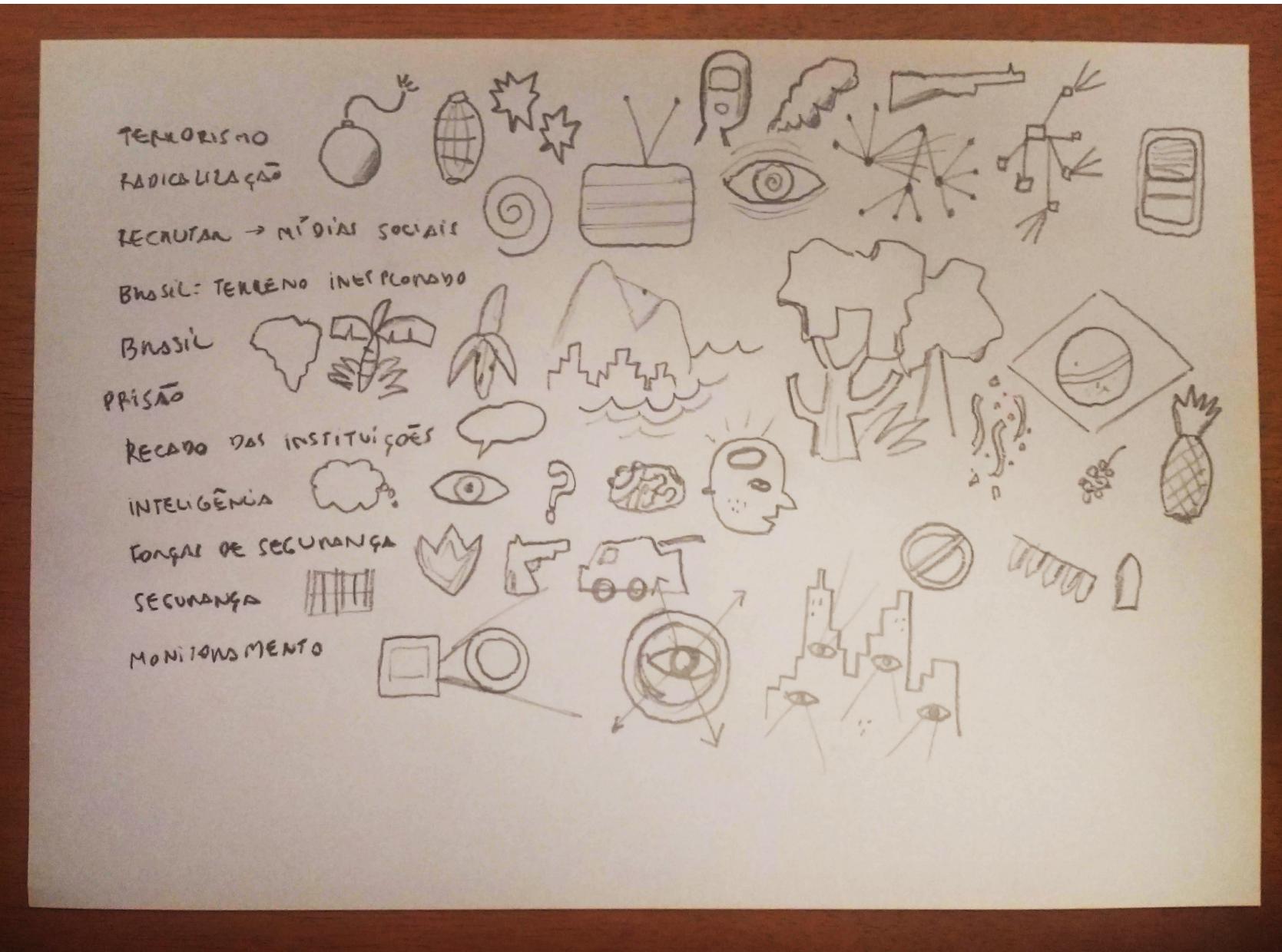
Naturalmente, os desafios a serem enfrentados são imensos. O recrutamento de brasileiros pela ideologia extremista já é uma realidade. Segundo a inteligência do país, cerca de cem pessoas são consideradas "altamente radicalizadas"; sites em português fomentam tal comportamento.

Soma-se a essa conjuntura o fato de que não existe 100% de segurança. Nem mesmo a mais capacitada preparação técnica seria capaz de varrer o terrorismo do mundo.

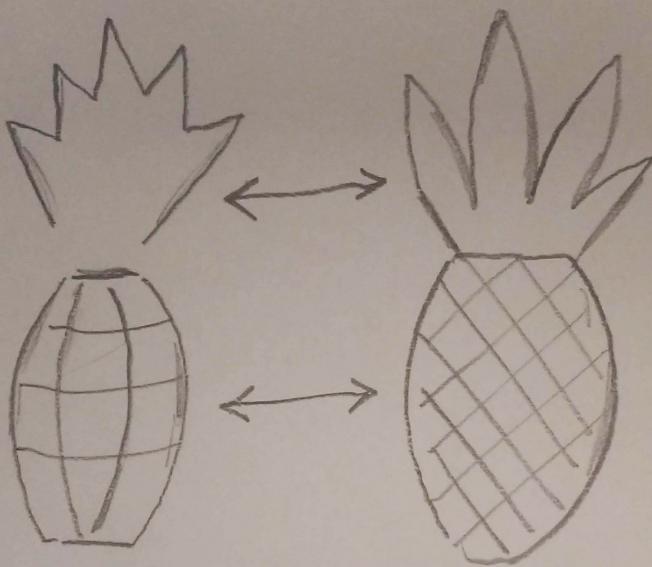
Finalmente compreendemos que nenhum país, hoje, pode se iludir a respeito dessa dura realidade, a menos que queira ser surpreendido.

?ANDRÉ LUÍS WOŁOSZYN?, 51, analista de inteligência estratégica pela Escola Superior de Guerra, especialista em terrorismo pelo Colégio Interamericano de Defesa (EUA), é diretor do Instituto de Seguridad Global (Brasil-Espanha)

No exemplo acima, o ilustrador recebeu por e-mail um texto para um espaço opinativo na página 3 do jornal. O prazo era de uma hora, a técnica era livre. O texto basicamente versa sobre conexões do Brasil com o terrorismo.



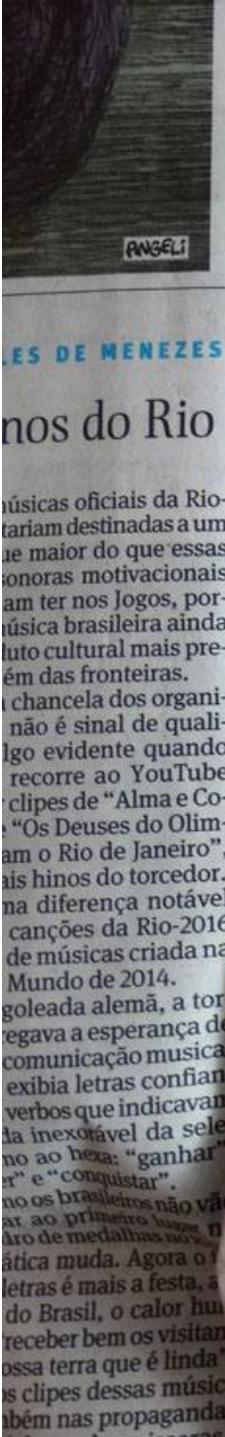
Depois de ler o texto, ou mesmo durante a leitura, o ilustrador vai anotando palavras e desenhos rápidos relacionados ao conteúdo do artigo. Vale anotar qualquer coisa que passe pela cabeça – depois você vê se interessa ou não.



SEMELHANÇA

ANALOGIAS

Diante dos inúmeros desenhos que o ilustrador tem anotados no papel, é possível fazer conexões e analogias entre eles. Olhar desenhos pode ajudar no sentido de perceber semelhanças formais entre elementos a princípio desconectados. A partir daí o ilustrador passa a fazer rascunhos de idéias, até chegar em alguma que lhe pareça consistente.



ES DE MENEZES

## nos do Rio

Músicas oficiais da Rio-2016 teriam destinadas a um público maior do que essas canções sonoras motivacionais amar os Jogos, porque a música brasileira ainda é o ponto cultural mais premente das fronteiras.

A chancela dos organizadores não é sinal de qualificação evidente quando recorre ao YouTube clipes de "Alma e Coração", "Os Deuses do Olímpico", "O Rio de Janeiro", e assim hinos do torcedor. A diferença notável entre as canções da Rio-2016 e as músicas criadas na

Mundo de 2014.

Na goleada alemã, a torcida regava a esperança de que a comunicação musical exibia letras confiantes.

Verbas que indicavam

uma inexorável da seleção ao hexa: "ganhar", "vencer" e "conquistar".

No entanto, os brasileiros não vêm ao prêmio com a mesma

atitude de medalhas norte-americana muda. Agora o que importa é mais a festa, a

do Brasil, o calor humano para receber bem os visitantes.

O que é essa terra que é linda".

As canções dessas músicas também nas propagandas

A estratégia do Estado Islâmico de recrutar simpatizantes autóctones por meio das mídias sociais, iniciada entre 2012 e 2013, apresenta seus primeiros resultados. Nesse aspecto, o Brasil é um campo de muitas possibilidades, fato percebido pelas lideranças do terrorismo extremista islâmico.

Com o aumento dos protocolos de segurança em países da comunidade europeia e o intercâmbio de informações de órgãos de inteligência, uma das alternativas dos grupos radicais pode ser direcionar suas ações à América Latina, especialmente ao Brasil, terreno ainda inexplorado.

Tais circunstâncias derrubam a tese, defendida por muitos, de que estamos longe do terrorismo extremista, já que somos pacíficos e não participamos de operações bélicas e de inteligência em zonas conflitantes, em especial o Oriente Médio e o norte da África.

Infelizmente, são falsas premissas. Para o terrorismo internacional, baseado na anomia e irracionalidade de ações, tais argumentos são irrelevantes.

Por isso, a prisão, pela Polícia Federal, de uma suposta célula terrorista ligada ao Estado Islâmico, que planejava ações durante os Jogos Olímpicos do Rio, é um marco histórico no Brasil que tende a se repetir com certa frequência.

Foram utilizados, pela primeira vez, dispositivos da lei federal de combate ao terrorismo, sancionada em 16 de março deste ano, que puniu, inclusive, os atos preparatórios.

A questão principal desse contexto é o recado institucional das autoridades brasileiras para todo e qualquer movimento terrorista que possua intenções semelhantes.

A prisão demonstrou a capacidade operacional e de coleta de dados de inteligência das forças de segurança para detectar e neutralizar ameaças em qualquer parte do território nacional. Tais ações contribuirão, ainda, para aplacar parte da tensão de delegações e turistas estrangeiros em relação a atentados.

Os desafios são imensos. O recrutamento de brasileiros pela ideologia extremista já é uma realidade. Nenhum país

ANDRÉ LUISS WOLOSZYN

Daniel Bueno



ra que o julgamento seja feito antes da cassação do deputado Eduardo Cunha ("Ex-ainista, Renan passa a atuar com apoio de Temer", "Poder"). Essa é uma situação absurda que coloca em destaque o tunismo de quem está no poder. Mostra ainda que o impeachment é uma questão política, não jurídica. É uma situação desfavorável para a classe dos politicos.

URIEL VILLAS BOAS (Santos, SP)

Está chegando ao fim o processo político mais longo da história brasileira. O PT e os deputados que apoiam o governo querem esticar a crise se importando com o Brasil. A crise não cessa quanto não acabar esse processo de impeachment. É importante que os brasileiros tirem suas vidas e aprendam nas próximas eleições.

IZABEL AVALLONE (São Paulo, SP)

Se é verdade que não hávisão legal para afastar um governante que, por competência, ação ou omissão, leva um município, um estado ou o país à ruína, então é preciso admitir que a legislação necessita ser corrigida. A sociedade não pode ficar refém de irresponsabilidade.

ROBERTO FISSMER (Porto Alegre, RS)

### Operação Lava Jato

Correndo o risco de ser visto como mais um caso que ainda não tem a peranha de vereditos, o STF tanto temerá a decisão de Sarney Bernardo e da ministra Cármen Lúcia, de São Paulo, que a cassação do deputado Eduardo Cunha ("Cunha cito

de cassação" (ver pág. 12). Carlos Alberto Belotti, de São Paulo, é autor do artigo "O que é a Operação Lava Jato" (ver pág. 12).

Uma vez definida a idéia e elaborado um rascunho, o ilustrador parte para a finalização.

Aqui no caso, a arte foi feita digitalmente por ser mais rápida, pois todo o processo criativo devia envolver apenas uma hora de trabalho.

As cores fortes e formas sintéticas típicas dessa abordagem gráfica comunicam a idéia com clareza.

Ilustração de Daniel Bueno para o espaço Tendências e Debates, página 3 da Folha de S. Paulo.